

Ana Carina Sousa Peixoto

**Habilidades Sociais de Estudantes Universitários: Caracterização e
Correlatos Sociodemográficos e de Personalidade**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2017

Ana Carina Sousa Peixoto

**Habilidades Sociais de Estudantes Universitários: Caracterização e
Correlatos Sociodemográficos e de Personalidade**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2017

Ana Carina Sousa Peixoto

**Habilidades Sociais de Estudantes Universitários: Caracterização e
Correlatos Sociodemográficos e de Personalidade**

Ana Carina Sousa Peixoto

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na área de especialização de Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Professora Doutora Rute Meneses.

Resumo

As habilidades sociais (HS) são um dos constructos mais relevantes quando se estuda a população universitária e as suas interações e adaptação ao/no contexto académico. Para apoiar a sua aquisição, manutenção ou melhoria, a sua avaliação torna-se imprescindível. O reportório de HS, de cada um pode, todavia, ser influenciado por diversas variáveis.

Tendo em conta a importância da temática nesta população em específico, e a lacuna existente no que respeita a instrumentos de avaliação das HS em território nacional, com o presente estudo pretendeu-se caracterizar as HS de estudantes universitários e analisar a sua relação com traços de personalidade e variáveis sociodemográficas, tendo como objetivo secundário a tradução e contributo para a validação do Inventário de Habilidades Sociais – IHS de Del Prette e Del Prette (2001) para a população portuguesa.

Assim, tendo em atenção os objetivos propostos, a presente dissertação encontra-se organizada em 4 capítulos/artigos: uma revisão narrativa da literatura acerca da temática, uma revisão sistemática sobre a avaliação das HS, uma análise das relações conceptuais e empíricas entre HS e traços de personalidade, culminando num estudo empírico que visou caracterizar e identificar correlatos sociodemográficos e de personalidade das HS de universitários.

Neste estudo, participaram 200 estudantes de três instituições de Ensino Superior do norte do país, com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos, que responderam a um questionário sociodemográfico, ao IHS e ao NEO-FFI, em contexto de sala de aula.

Os resultados demonstraram que a amostra apresentava globalmente, um reportório de HS alto, com variações nas diferentes habilidades. Foram ainda encontradas diferenças no reportório de HS em função do sexo e do curso. Quanto à relação com os cinco grandes fatores de personalidade, estes mostraram-se preditores das habilidades estudadas.

Assim, os resultados sugerem que o IHS é um instrumento promissor para avaliar as HS de estudantes universitários Portugueses, fornecendo pistas para a sua promoção/treino.

Palavras-Chave: Habilidades sociais; Personalidade; Estudantes universitários; Avaliação; IHS.

Abstract

Social skills are one of the most relevant constructs when studying the university population and their interactions and adaptation to in the academic context. To support social skills acquisition, maintenance or improvement, their assessment is indispensable. However, the social skills repertoire of each individual may be influenced by several variables.

Considering the importance of the theme in this specific population, and the existing gap regarding social skills assessment instruments in Portugal, the present study aimed to characterize the social skills of university students and analyze their relation with personality traits and sociodemographic variables. Its secondary objective was the translation and contribution to the validation of the Social Skills Inventory (IHS) of Del Prette and Del Prette (2001) for the Portuguese population.

Thus, considering the proposed objectives, the present dissertation is organized in 4 chapters/articles: a narrative review of the literature on the subject, a systematic review on the evaluation of social skills, an analysis of the conceptual and empirical relationships between social skills and personality traits, culminating in an empirical study that aimed to characterize and identify sociodemographic and personality correlates of university students social skills.

In this study, 200 students from three higher education institutions from the north of Portugal, aged between 18 and 66, participated. They answered to a sociodemographic questionnaire, to the HIS and to the NEO-FFI in classroom.

The results showed that, globally, the sample had a medium high social skills repertoire with variations across skills. Differences were also found in the social skills repertoire as a function of gender and degree. As to the relation with the big five personality factors, these were predictors of the social skills studied.

The results suggest that the HIS is a promising instrument to assess the social skills of Portuguese university students, offering clues for its promotion/training.

Keywords: Social skills; Personality; University students; Evaluation; IHS.

Agradecimentos

SONHO DE MIL CORES

Sonhei!

Transformei os medos em pó que o tempo acabou por levar.

A cada dificuldade, uma aprendizagem,

E em cada uma delas, descobri uma nova cor.

Muitas das vezes sem ter um caminho traçado,

Acreditei que o vento conhecia cada trilho do meu sonho.

E segui...

Juntei todas as cores e sobre um arco-íris abri as minhas asas em mil sonhos.

E voei...

E agora sei, que em cada manhã que o sol brilhar,

Vou voltar a voar de novo,

Vou voltar a SONHAR!

A cada um que me fez aprender, a cada um que me ajudou a conhecer novas cores, a cada um que me ajudou a traçar o meu trilho, a cada um que soprou para que tomasse a direção certa, a cada um que me ajudou a abrir as asas e a sonhar....

OBRIGADA!

Ao meu marido Hélder, à minha mãe, às minhas amigas Francisca e Sónia, à minha companheira de Projeto Carla e à minha orientadora Professora Doutora Rute Meneses.

Vocês são cada uma das cores que me ajudaram a preencher o arco-íris.

ÍNDICE GERAL

Resumo	v
Abstrat	vi
Agradecimentos	vii
Índice Geral	viii
Índice de Tabelas	xi
Índice de Figuras	xiii
Introdução	1
Capítulo I - Habilidades Sociais em Estudantes Universitários:	7
Revisão Narrativa da Literatura	
Resumo	8
Abstract	8
Introdução	9
1. Definição de Habilidades Sociais	11
2. Avaliação das Habilidades Sociais	15
3. Estudos Realizados com Estudantes Universitários	19
4. Treino das Habilidades Sociais	24
Conclusão	27
Capítulo II - Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos:	29
Revisão Sistemática da Literatura	
Resumo	30
Abstract	30

Introdução	31
Método	34
Estratégia de Pesquisa	34
Seleção de Estudos	35
Resultados	37
Discussão dos Resultados	54
Conclusão	57
Capítulo III - Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade e as Habilidades Sociais: Revisão das Relações	59
Resumo	60
Abstract	60
Introdução	61
1. Traços de Personalidade	63
2. Modelo dos Cinco Grandes Fatores ou <i>Big Five</i>	65
3. Traços de Personalidade e Habilidades sociais	69
4. Relações Teóricas entre os Cinco Fatores e as Habilidades Sociais	73
5. Relações Empíricas entre os Cinco Fatores e as Habilidades Sociais	77
Conclusão	84
Capítulo IV - Habilidades Sociais de Universitários: Caracterização e Relação com Variáveis Sociodemográficas e Personalidade	86
Resumo	87
Abstract	87

Introdução	88
Método	95
Desenho de Investigação	95
Participantes	95
Material	96
Fidelidade do IHS	100
Fidelidade do NEO-FFI	103
Procedimento	103
Apresentação e Discussão dos Resultados	105
Caraterização das Habilidades Sociais de Universitários	105
Relação entre Habilidades Sociais e Sexo	108
Relação entre Habilidades Sociais e Curso Frequentado	110
Relação entre Habilidades Sociais e Idade	112
Relação entre Habilidades Sociais e Personalidade	113
Preditores das Habilidades Sociais	116
Conclusão	118
Conclusão/ Limitações do estudo / Trabalhos futuros	122
Comunicações e Publicações desenvolvidas no âmbito da Dissertação	130
Referências Bibliográficas	132
Apêndice A - Caraterização da Personalidade na Amostra	198

ÍNDICE DE TABELAS

Capítulo II - Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos:

Revisão Sistemática da Literatura

Tabela 1 - Apresentação dos Estudos	37
Tabela 2 - Caracterização Sociodemográfica da Amostra	42
Tabela 3 - Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas	48

Capítulo III - Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade e as Habilidades

Sociais: Revisão das Relações

Tabela 1 - Síntese de Estudos sobre Personalidade e Habilidades Sociais	78
Tabela 2 - Estudos com Correlações Estatisticamente Significativas Personalidade e Habilidades Sociais	82

Capítulo IV - Habilidades Sociais de Universitários: Caracterização e Relação com Variáveis Sociodemográficas e Personalidade

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica da Amostra	96
Tabela 2 - Consistência Interna do IHS	100
Tabela 3 - Consistência interna do NEO-FFI	103
Tabela 4 - Caracterização das Habilidades Sociais da Amostra	105
Tabela 5 - Participantes com <i>Scores</i> abaixo do ponto médio	106
Tabela 6 - Relação entre as Habilidades Sociais e o Sexo	109
Tabela 7 - Relação entre as Habilidades Sociais e o Curso Frequentado	110
Tabela 8 - Correlação entre Habilidades Sociais e Idade	112
Tabela 9 - Correlações entre Habilidades Sociais e Personalidade	113
Tabela 10 - Preditores do Fator <i>Enfrentamento e Autoafirmação com Risco</i>	116
Tabela 11 - Preditores do Fator <i>Autoafirmação na Expressão de Afeto Positivo</i>	116

Tabela 12 - Preditores do Fator <i>Conversação e Desenvoltura Social</i>	117
Tabela 13 - Preditores do Fator <i>Autoexposição a Desconhecidos ou a Situações Novas</i>	117
Tabela 14 - Preditores do Fator <i>Autocontrole da Agressividade em Situações Aversivas</i>	117
Tabela 15 - Preditores da escala IHS Total	118

ÍNDICE DE FIGURAS

Capítulo II - Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos:

Revisão Sistemática da Literatura

Figura 1 - Processo de Seleção e análise dos artigos 36

Capítulo III - Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade e as Habilidades

Sociais: Revisão das Relações

Figura 1 - Domínios e Facetas avaliadas pelo Modelo dos Cinco Grandes Fatores 67

INTRODUÇÃO

Introdução

A entrada para a Universidade pode representar um dos momentos mais importante na vida do indivíduo, se, se considerar, p.e., que neste período experimentam uma sensação de concretização (Almeida et al., 2007; Glaser, 2010).

Contudo, apesar dos primeiros tempos serem regidos por um sentimento de conquista, os primeiros anos após a entrada na Universidade podem ser caracterizados por períodos críticos de adaptação, uma vez que implicam o início de um processo que irá exigir ao estudante comportamentos adaptativos que lhe permitam ser bem-sucedido (Oliveira et al., 2014; Soares & Del Prette, 2015; Teixeira et al., 2008).

Este período de adaptação implica a acomodação de novos hábitos e a incorporação de novos comportamentos e conhecimentos, exigindo do universitário capacidade de adaptação a novos padrões que passam por uma maior maturidade na relação com os outros e o desenvolvimento de novas competências para um melhor desempenho (Almeida et al., 2007; Couto et al., 2012; Soares & Del Prette, 2015).

As novas competências que se exigem ao universitário compreendem habilidades de iniciação e manutenção de relações sociais e prendem-se ao facto de este conseguir resolver problemas, de elogiar, reclamar e afirmar-se socialmente (Pedroso-Lima et al., 2014; Soares & Del Prette, 2015). No entanto, frequentemente os universitários não demonstram ter desenvolvido estas habilidades que lhes permitem o ajustamento social, necessitando de as adquirir ou aprimorar (Angélico, Cripta & Loureiro, 2006; Soares & Del Prette, 2015), concluindo-se que um reportório prévio de habilidades sociais facilita o processo de adaptação, diminuindo o risco de prejuízos para o estudante (Del Prette & Del Prette, 2002; Zamani et al., 2010).

Porém, apesar de este processo de adaptação ser em grande parte resultado da capacidade demonstrada pelo indivíduo para se comportar de maneira mais adequada, ou seja, através do estatuto social adquirido, inserindo-se facilmente num meio e estabelecendo diferentes interações sociais com os colegas e professores, não se podem

descartar outros componentes que poderão estar implicados e contribuir para que esta adaptação seja ou não bem-sucedida (Andrade, 2010; Couto et al., 2012).

Dessa forma, ao assumir que a entrada na Universidade coincide em muitos dos casos com a transição para a idade adulta, aliando-se assim a esta nova etapa possíveis alterações, a nível físico, psicológico e/ou social, pode-se concluir que esta fase de adaptação poderá colocar em evidência problemas até à data não consciencializados e/ou que advêm desta transição (Figueiredo, 2003, citado por Espirito & Castro, 2011; Tomás et al., 2014).

Assim, num momento em que existe construção da identidade e em que, segundo Bee (1997), o estudante passa a ter novas experiências com grupos, a encarar novos padrões e desempenhar novos papéis (Del Prette & Del Prette, 2001; Hohendorff, 2013), os traços de personalidade colocam-se em evidência, sendo visíveis na forma como o estudante se apresenta perante os outros e até perante si mesmo (Andrade, 2010; Ferraz & Pereira, 2002).

Pode-se assim afirmar que a adaptação ao mundo académico resulta da combinação de processos cognitivos, afetivos e sociais e que envolve as habilidades no convívio interpessoal (Bartholomeu et al., 2011; Soares & Del Prette, 2015).

Assim sendo, a realização do presente estudo mostra-se pertinente, uma vez que pretende ser um contributo para a investigação das habilidades sociais no panorama nacional. Enquadra-se no contexto de um projeto que tem por objetivo desenvolver um estudo comparativo entre Portugal e Brasil acerca dos preditores biopsicossociais da qualidade de vida em indivíduos com esclerose múltipla, da qual é parte integrante, e que fez emergir a necessidade da adaptação, para posterior validação, do instrumento de avaliação das habilidades sociais - IHS, de Del Prette e Del Prette (2001), para a população Portuguesa.

No que se refere ao protocolo de avaliação adotado no projeto, este integra mais instrumentos do que os relativos ao presente estudo.

De acordo com os objetivos estabelecidos para este serão utilizados um Questionário Sociodemográfico e Clínico, o Inventário de Habilidades Sociais – IHS de Del Prette e Del Prette (2001) adaptado para a população Portuguesa e o Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores - NEO-FFI, adaptado por de Lima e Simões (2000).

De salientar que, numa fase inicial, dado que no presente estudo seria utilizado o IHS, este foi previamente traduzido de Português Brasileiro para Português Europeu, após a obtenção da devida autorização.

Dada a complexidade da temática e pretendendo-se um bom apoio científico acerca do estado da arte sobre habilidades sociais, optou-se pela organização da dissertação em artigos, aqui apresentados em diferentes capítulos, justificando-se esta opção ainda pela maior funcionalidade dos artigos para futura publicação.

A presente dissertação encontra-se assim dividida em quatro capítulos, com características e objetivos distintos, mas que no seu conjunto pretendem contribuir na direção de um maior conhecimento acerca das habilidades sociais, assentando o seu objetivo global na caracterização das habilidades sociais e na análise da sua relação com variáveis sociodemográficas e traços de personalidade numa amostra de estudantes universitários.

Assim, no Capítulo I, é apresentada uma revisão narrativa da literatura cujo objetivo foi definir habilidades sociais e explorar a sua avaliação e treino, dando especial enfoque à população de estudantes universitários.

Uma vez que alguns autores defendem que as habilidades sociais são cruciais para que o indivíduo interaja socialmente de forma satisfatória, independentemente do contexto e cultura (Bolsoni-Silva & Carrara, 2010), a avaliação e promoção do repertório de habilidades sociais apresentam-se como duas áreas de suma importância, ao possibilitarem a identificação de défices apresentados pelos indivíduos e permitindo

posteriormente o ajuste da intervenção para cada caso específico de forma a colmatar essas lacunas (Murta, 2005).

Assim, apesar de se acreditar que grande parte do repertório de habilidades sociais seja construído através da aprendizagem no contato social e em contexto natural, o treino de habilidades sociais apresenta-se como uma mais-valia em situações em que existam défices na aquisição destas, ao possibilitar, através da utilização de diversas técnicas trabalhar no sentido de enriquecer o repertório em causa (Del Prette, Del Prette & Barreto, 1998; Penha et al., 2016).

Desta forma, sendo a avaliação e o treino de habilidades sociais áreas que despertam interesse ao nível da investigação do desenvolvimento social, e comportamental dos indivíduos, quer em amostras clínicas ou não clínicas, e atendendo ao facto de em Portugal ainda existirem lacunas nesta área, emergiu pertinência de existir uma versão do IHS para a população portuguesa de forma a permitir uma caracterização das habilidades sociais enquadrada no contexto nacional.

Assim, tendo em conta as evidências apresentadas pela literatura, no Capítulo II, está patente uma análise e sistematização de estudos publicados nos últimos anos, dando especial atenção aos métodos de avaliação das habilidades sociais, em adolescentes e adultos, assim como às variáveis associadas a estas, de forma a identificar os instrumentos mais utilizados na referida população alvo, o que permitiu recolher evidências positivas em relação à adequação da escolha pelo IHS.

De entre as variáveis identificadas nos estudos analisados que se apresentavam associadas com as habilidades sociais, as variáveis sociodemográficas, as características físicas, a personalidade e outras características psicológicas mostraram-se as mais frequentemente relacionadas com determinados padrões de comportamento social (Bartolomeu, Nunes & Machado, 2008; Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001; Couto et al., 2012).

Tendo em atenção que as habilidades sociais se apresentam como ferramenta essencial para uma boa integração no meio social e que este desempenho tem relevância na formação de determinados traços apresentados pelo indivíduo, o Capítulo III foi desenvolvido com o objetivo de compreender e verificar evidências da relação entre as habilidades sociais e a personalidade, segundo o Modelo dos Cinco Grandes Fatores.

Após a análise realizada, que evidenciou que, de forma conceptual e empírica, as duas variáveis se encontram associadas, o Capítulo IV, apresenta um estudo empírico em que se pretendeu caracterizar as habilidades sociais de 200 estudantes universitários e analisar a sua relação com variáveis sociodemográficas (sexo, idade e curso) e traços de personalidade, considerando-se a hipótese dos traços de personalidade serem preditores das habilidades sociais.

Em suma, a presente dissertação que incluiu uma etapa da validação do IHS para a população portuguesa, apresenta-se como um contributo para o desenvolvimento da temática em território nacional, em termos de investigação, avaliação e intervenção.

Habilidades Sociais de Estudantes Universitários: Revisão Narrativa da Literatura

Ana Carina Peixoto (1), Carla Bernardett Santos (1), Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS - UFP; (2) FCHS / CTEC / FP - B2S / HE - UFP

Resumo: As habilidades sociais são definidas como a capacidade de demonstrar um comportamento apropriado numa multiplicidade de contextos, sendo desenvolvidas por aprendizagem. A investigação mostra a sua importância, bem como a relevância do seu treino, evidenciada em amostras de estudantes universitários, uma vez que estes se encontram numa fase de mudanças ambientais e sociais, associado ao facto desta reestruturação tender a coincidir com a consolidação da sua identidade. A avaliação das habilidades sociais permite identificar os défices, possibilitando a intervenção, com programas de treino adequados ao desenvolvimento e/ou manutenção das habilidades sociais. Assim, o objetivo do presente estudo é apresentar uma revisão da literatura sobre habilidades sociais: da sua definição ao seu treino, passando pela sua avaliação, especificamente junto de estudantes universitários.

Palavras-chave: Habilidades sociais; Estudantes universitários; Treino de habilidades sociais; Revisão da literatura.

Abstract: *Social skills, developed through learning, are defined as the ability to demonstrate appropriate behavior in a multiplicity of contexts. Research shows its importance as well as the relevance of its training, evidenced in samples of university students, since these tend to face environmental and social changes, associated with the consolidation of their identity. The evaluation of social skills allows the identification of deficits, and therefore an intervention with adequate training programs for the development and/or maintenance of the social skills. Consequently, the aim of the present study is to present a literature review on social skills: from its definition to its training, considering its evaluation, specifically with university students.*

Keywords: *Social skills; University students; Social skills training; Literature review.*

Introdução

O interesse pelas habilidades sociais tem-se manifestado durante décadas, sendo demonstrado pela abundância de obras teóricas, empíricas e de divulgação (Gismero, 2000). Assim, as habilidades sociais constituem, desde a década de 60 do Séc. XX, uma das dimensões de estudo da Psicologia (Magalhães & Murta, 2003) que tem tido um desenvolvimento notório, decorrente das diversas investigações realizadas por estudiosos da área.

As habilidades sociais são definidas como um conjunto de comportamentos que capacitam o indivíduo para interagir com o meio (Lucca, 2016), sendo desenvolvidas através da aprendizagem, por observação ou modelagem, e pelo fornecimento de instruções (Douaire, 2008).

O efeito social que as interações produzem é, muitas das vezes, avaliado como adequado ou não, sendo que as habilidades sociais resultam desse conjunto de comportamentos que viabilizam o desempenho social (Couto, Vandenberghe, Tavares, & Silva, 2012).

O funcionamento social assume-se assim como uma construção complexa, que integra habilidades sociais, comportamento social e cognição, durante as interações que o indivíduo estabelece com os outros num determinado contexto (Garrido, Azevedo, & Palma, 2011). Esta construção resulta da integração de habilidades sociais emocionais, linguísticas, cognitivas, ajustamento social e competência social (Cordier et al., 2015). Considera-se que a apresentação de défices nas habilidades sociais acarretará dificuldades no funcionamento social do indivíduo e na capacidade que este terá em se adaptar (Angélico, Crippa, & Loureiro, 2006).

No entanto, existem fatores, externos e internos, que podem interferir na predisposição do indivíduo para a interação com os outros e, conseqüentemente, no funcionamento social. Como fatores internos podem-se referir o desenvolvimento

do cérebro, a personalidade e o temperamento, e como fatores externos as influências ambientais, os fatores familiares, o nível socioeconômico e a cultura (Cordier et al., 2015).

Para Caballo (2007), não existe um padrão de comportamento hábil, sendo necessário observar o efeito desse comportamento atendendo à situação e ao contexto em que este acontece.

Um dos grupos em que as habilidades sociais têm vindo a ser estudadas é a população dos estudantes universitários, pois é-lhe exigida uma, cada vez maior, competência nas relações interpessoais (Del Prette & Del Prette, 2001).

Tradicionalmente, o período universitário coincide com o final da adolescência e o início da idade adulta. Esta transição pode traduzir-se na consolidação da identidade pessoal e social do indivíduo (Andrade, 2010), provendo-o de novos padrões de comportamento, vivências sociais e afetivas próprias do ingresso na Universidade (Almeida, Soares, Guisande, & Paisana, 2007).

Esta nova etapa tende a ser encarada pelo indivíduo e pela restante família de forma muito positiva, levando à construção de expectativas que, muitas das vezes, não se confirmam no contato real com o mundo universitário (Almeida & Soares, 2004; Freitas, Raposo & Almeida, 2007, citados por Tavares, 2014).

O ingresso no ensino superior poderá, ocasionalmente, implicar o afastamento do grupo de amigos, ou a mudança de área de residência, resultando no residir sozinho (Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). A experiência de novos estilos de vida, numa altura em que muitos estudantes se encontram em fase de resolução de conflitos interpessoais, poderá tornar ainda mais complicada a adaptação ao ensino superior e o desenvolvimento académico e psicossocial (Diniz & Almeida, 2006), por vezes associados a problemas de comportamento e estados psicológicos de vulnerabilidade, que se podem traduzir em ansiedade excessiva, ou

até mesmo no consumo e abuso de determinadas substâncias e comportamentos de risco (Almeida & Cruz, 2010).

Nesse sentido, e tendo em conta o crescente número de jovens que atualmente ingressa no ensino superior, têm surgido estudos que se focam nesta adaptação, com o objetivo de conhecer a realidade que estes indivíduos enfrentam.

Este levantamento, para além de identificar possíveis facilitadores da adaptação em causa, permite a implementação de programas que visam auxiliar a integração no meio académico (Teixeira, Castro, & Piccolo, 2007).

Nesta adaptação podem surgir contextos facilitadores, tais como as redes de amizades que os estudantes estabelecem, proporcionando um melhor ajuste (Teixeira et al., 2007), ou as instituições, com impacto no desenvolvimento psicossocial, no rendimento académico e na ambientação à Universidade (Teixeira, 2009).

Assim, o presente artigo tem como objetivos definir habilidades sociais e abordar a sua avaliação e treino, com enfoque em estudos realizados com estudantes universitários.

1. Definição de Habilidades Sociais

O estudo das habilidades sociais fundamenta-se em vários princípios e conhecimentos, desenvolvidos e estabelecidos em distintos marcos teóricos e científicos, entre os quais Loureiro, (2011) salienta: o Modelo de Assertividade de Wolpe e Lazarus, o Modelo Interativo de McFall, o Modelo Interacionista de Trower, o Modelo de Argyle e Kendon e a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura. Tal pode estar na origem de alguma divergência ao nível dos conceitos que se verifica na literatura da especialidade. Em seguida, apresenta-se uma breve descrição destes modelos.

O modelo de assertividade de Wolpe e Lazarus (1966, citado por Loureiro, 2011) integra duas vertentes explicativas para as dificuldades no desempenho social. Por um lado, os níveis de ansiedade associam-se a estímulos aversivos, inibindo respostas assertivas, por outro, o controlo ineficaz de estímulos no encadeamento de respostas sociais determina dificuldades no desempenho social.

O modelo interativo de McFall (1982, citado por Loureiro, 2011) e o modelo interacionista de Trower (s.d, citado por Loureiro, 2011) referem que a competência social é o resultado de um conjunto de processos, cognitivos e de conduta, que se iniciam com uma perceção correta de um determinado estímulo interpessoal, de relevância para a pessoa, se segue com o pensamento flexível e que irão produzir a resposta. É, assim, resultado de um encadeamento cognitivo, que se inicia com uma perceção e avaliação cognitiva da pessoa, relativamente à situação que a rodeia.

O modelo de Argyle e Kendon (1983, citado por Jiménez, 2003; Loureiro, 2011) surge como um precedente dos estudos da assertividade dos anos 40 do século XX, propondo o contexto social como o elemento principal, envolvendo as habilidades necessárias para a integração do indivíduo no mesmo.

Assim, o modelo explica o défice em habilidades sociais como sendo um erro produzido num determinado ponto do sistema e que, posteriormente influenciará a integração no processo da socialização (Loureiro, 2011).

O desenvolvimento das habilidades sociais é feito através de processos cognitivos, que buscam compreender o ambiente e o contexto social em que o indivíduo se insere (Loureiro, 2013).

Segundo a teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1987, citado por Jimenez, 2003), o comportamento social resulta da interação entre os fatores intrínsecos do indivíduo, aludindo aos processos cognitivos e motivacionais, e os fatores extrínsecos, designadamente ambientais e situacionais.

Quando se faz referência ao contexto social, dois conceitos sobressaem nesta área: habilidades sociais e competência social. Os dois conceitos têm semelhanças entre si, sendo aplicados de forma indiferenciada, mas, por vezes, têm sido igualmente destacados como dois conceitos distintos (Bandeira, Costa, Del Prette, Del Prette, & Gerk-Carneiro, 2000).

O conceito de competência social é situacional, envolvendo uma avaliação ou julgamento, relativa à adequação do comportamento perante uma determinada situação, ou seja, é considerada como o avaliativo de um comportamento numa interação social, e do efeito que este produz em determinada situação (Del Prette & Del Prette, 2010). Por seu lado, as habilidades sociais envolvem o aspeto descritivo desses mesmos comportamentos verbais e não-verbais, necessários à competência social (McFall, 1982).

A competência social define-se como um constructo multidimensional que envolve a capacidade do indivíduo organizar pensamentos, sentimentos e ações em função dos seus objetivos e valores (Lemos & Meneses, 2002). As habilidades sociais são os comportamentos que contribuem para a competência social do indivíduo (Freitas, 2011). Logo, um desempenho competente requer do indivíduo uma combinação de diferentes classes de habilidades sociais (Braz, 2013).

As habilidades sociais referem-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais, do repertório do indivíduo, para lidar com as situações de forma adequada, estando estas relacionadas com condutas interpessoais, envolvendo um conjunto de capacidades específicas aprendidas, mas que se encontram sujeitas à influência de fatores ambientais e às próprias características do indivíduo (Bartholomeu, Carvalho, Silva, Miguel, & Machado, 2011).

Segundo Del Prette e Del Prette (2011, citado por Cia, Pereira, Del Prette, & Del Prette, 2006), o termo habilidades sociais refere-se ao conjunto de classes e subclasses comportamentais, apresentadas por um indivíduo, para responder a diferentes situações interpessoais. Do conjunto de habilidades sociais significativas,

destacam-se as habilidades de comunicação, de civilidade, de empatia, de expressão de sentimentos, as profissionais e as educativas (Del Prette, Del Prette & Villa, 2005).

Segundo Lange e Jakubowski (1976), o conceito de habilidades sociais engloba a assertividade, que consiste na habilidade que o indivíduo demonstra para se autoafirmar, e a autodefesa, através da expressão dos pensamentos, sentimentos e crenças.

Para além destas características, as especificidades dos contextos nos quais o indivíduo se insere também assumem relevância, uma vez que os papéis representados, os valores e as normas poderão promover determinados comportamentos (Caballo, 1993).

Existem, também, características do indivíduo que se podem mencionar como fatores a favor ou contra um melhor desempenho das habilidades sociais, tais como, as predisposições biológicas que interagem com as experiências de aprendizagem e determinados padrões de funcionamento (Bartholomeu et al., 2011).

As habilidades sociais incluem três componentes: os comportamentais, os cognitivos e os situacionais. Os componentes comportamentais referem-se aos aspetos verbais e não-verbais, os cognitivos envolvem as variáveis pessoais, e os situacionais que reportam ao contexto ambiental (Naves, Rotundo, Carvalho, & Baia, 2011).

As habilidades sociais podem ainda ser divididas em níveis molares e moleculares: os níveis molares referem-se às classes funcionais das ações e reações dos indivíduos, e o nível molecular às partes dessas ações, ou seja, aspetos verbais e não-verbais (Del Prette, Del Prette, Torres, & Pontes, 1998). Como exemplos de algumas ações moleculares podem-se mencionar, entre outros, o iniciar e o manter uma conversação, falar em público e recusar pedidos (Amaral, Bravo, & Messias, 1996).

O desenvolvimento da habilidade social mostra-se, assim, como um facilitador das interações sociais (Lange & Jakubowski, 1976).

2. Habilidades sociais de adultos e universitários

Nas pesquisas em que as habilidades sociais têm sido exploradas, podem-se verificar diferentes tendências de investigação. Se em alguns estudos o objetivo incide na caracterização das habilidades sociais em determinadas populações, em outros a finalidade é analisar a possível relação destas com uma multiplicidade de variáveis, abrangendo uma diversidade de áreas, como a clínica, a social, a educação, os aspectos psicológicos e as características pessoais.

Por serem essenciais nas relações interpessoais em múltiplos contextos, as habilidades sociais têm também sido relacionadas com vários constructos, entre os quais a qualidade de vida, as relações interpessoais, a realização pessoal e profissional (Caballo, 1982, citado por Grün, 2006), e a saúde mental (Loureiro, 2011).

De forma a demonstrar que um bom repertório de habilidades sociais pode funcionar como modelador nas relações interpessoais, Lima, Bandeira, Oliveira e Tostes (2014), num estudo com uma amostra de 53 familiares cuidadores, em que o objetivo foi avaliar o repertório de habilidades sociais, verificaram que a existência de défices nesta área, mais concretamente ao nível da assertividade, poderá dificultar a interação dos familiares com os pacientes, comprometendo a sua rede social de apoio, empobrecendo-a.

Outra das áreas que se mostra apelativa para o estudo das habilidades sociais é a profissional, identificada como sendo um contexto rico em interações sociais. Logo, possuir um bom repertório de habilidades sociais poderá ser considerado fundamental para um bom desempenho nesta área.

Nesse sentido, o estudo de Cerutti e Wagner (2014), com 15 funcionários de atendimento ao público, cujo objetivo foi avaliar as habilidades sociais, verificou que os indivíduos mais habilidosos demonstraram uma maior competência social e estabeleceram relações interpessoais mais satisfatórias. No mesmo estudo, foi ainda verificado que o sexo masculino se apresenta mais habilidoso quando comparado com o sexo feminino.

Concordante com o facto de existirem diferenças nas habilidades sociais relativamente ao género, Bolsoni-Silva, Loureiro, Rosa e Oliveira (2010) concluíram no seu estudo que o sexo masculino apresenta uma maior competência para falar em público, mas, por outro lado, o sexo feminino é mais competente na expressão de sentimentos positivos.

A literatura mostra ainda correlações entre as habilidades sociais e indicadores de saúde mental, afirmando que estas podem funcionar como promotoras de saúde (Murta, 2005). Prova disso é o estudo levado a cabo por Feitosa (2013), com 1031 adultos, com o objetivo de verificar correlações entre habilidades sociais e o neuroticismo. Perante os resultados obtidos, conclui-se que os indivíduos que apresentam défices nas habilidades sociais, quando comparados com indivíduos socialmente competentes, tendem a desenvolver transtornos mentais e a vivenciar, de forma mais frequente, estados negativos. No modo inverso, é possível estabelecer a relação, ou seja, indivíduos com transtornos mentais apresentam maiores dificuldades na adaptação ao meio social.

Por forma a complementar as afirmações anteriores, o estudo de Ongaratto, Grazziotin e Scortegagna (2016), com 104 indivíduos, em que o objetivo foi investigar as habilidades sociais e a autoestima, constatou que quanto mais desenvolvidas são as habilidades sociais maior é a autoestima.

Uma das populações que tem sido bastante estudada nesta área são os estudantes universitários. Trata-se, maioritariamente, de investigações que objetivam caracterizar o repertório de habilidades sociais e/ou relacioná-lo com

outras variáveis, admitindo que, eventualmente, poderão influenciar o seu desenvolvimento. Supondo-se que existe uma relação entre o meio acadêmico e o comportamento social, então a aquisição ou desenvolvimento destas habilidades poderá facilitar o ajustamento ao contexto acadêmico (Soares & Del Prette, 2015).

Nesse sentido, Gomes e Soares (2013), num estudo realizado com universitários, objetivando verificar as relações entre expectativas acadêmicas e habilidades sociais, concluíram que estas podem interferir no comportamento acadêmico, corroborando que as habilidades sociais de enfrentamento, de autoafirmação e de autocontrole de agressividade influenciam de modo positivo o desempenho do estudante, logo, estudantes com maiores habilidades sociais possuem mais expectativas acadêmicas.

Ao identificar as áreas em que os universitários demonstram maior dificuldade, Landim et al. (2000, citado por Bandeira & Quaglia, 2005) referem que estas são: o medo de falar em público e lidar com a autoridade, a preocupação pela aprovação dos outros na expressão de sentimentos, o medo de não ser aprovado pelos outros, a expressão de sentimentos e a recusa de pedidos.

Com o mesmo objetivo, Magalhães e Murta (2003) referem, como conclusão aos resultados obtidos no seu estudo, que os universitários mostram défices em recusar pedidos, discordar, contra-argumentar e defender as próprias ideias com receio de possíveis consequências na vida profissional.

Teles, Fernandes e Abramides (2015), num estudo com estudantes de jornalismo, mostrou que as necessidades que foram referidas para a falta de agilidade das relações interpessoais estão associadas com a civilidade e a expressão de sentimentos positivos e negativos.

Contudo, Bryant e Trower (1974, citado por Bandeira & Quaglia, 2005) acrescentam que as dificuldades de interação interpessoal manifestadas por universitários poderão estar associadas a aspetos psicológicos, resultando no

fracasso da realização de atividades acadêmicas e na dificuldade em concluir o curso.

Tal facto é corroborado por Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira e Souza (2005), com uma investigação numa amostra de universitários, em que foi estudado o comportamento assertivo (Escala de Assertividade de Rathus) e a sua relação com a ansiedade, a autoestima e o *locus* de controlo. Verificou-se que a ansiedade se correlacionou negativamente com a assertividade, ou seja, quanto menor for o nível de ansiedade, maior é a assertividade. As autoras obtiveram também correlações positivas entre o *locus* de controlo, a autoestima e a assertividade, ou seja, quanto maior a internalidade, mais frequentes são os comportamentos assertivos, e quanto maior o nível de assertividade mais elevada é a autoestima.

Também no estudo de Bartholomeu, Nunes e Machado (2008), cujo objetivo foi analisar as relações entre os traços de personalidade englobados por socialização e as habilidades sociais, foram obtidas correlações positivas entre os fatores autoafirmação, expressão de sentimentos, confiança e o total da socialização, concluindo-se que quanto mais os universitários tendem a expressar os sentimentos positivos, afirmando a sua autoestima, tendem a ser mais preocupados em ajudar os outros, sendo mais agradáveis e, conseqüentemente, refletindo-se numa maior e melhor socialização.

Na mesma linha de investigação, Furtado, Falcone e Clark (2003) realizaram um estudo com estudantes de medicina com o objetivo de avaliar as situações causadoras de stresse e a sua relação com as habilidades sociais, tendo verificado uma correlação entre os défices nas habilidades sociais e a ocorrência de stresse na amostra.

Por seu turno, Tavares, Couto e Silva (2012), num estudo com estudantes de psicologia, verificaram que estes demonstram ser mais habilidosos do que os de outros cursos, percecionando as suas relações interpessoais como sendo mais adaptativas aos padrões sociais. Este fato é justificado por Del Prette, Del Prette e

Branco (1992) e Bastos e Achcar (1994, citado por Lima, 2005), que referem que na formação de um psicólogo existe uma maior exigência quanto ao desempenho social.

Também a posição e qualidade das interações interpessoais têm sido alvo de análise por parte de alguns autores. Couto, Vandenberghe, Tavares e Silva (2012), num estudo realizado com universitários, objetivando verificar se as interações interpessoais se relacionam com as habilidades sociais, concluíram que estas se correlacionam positivamente com posições mais amigáveis e negativamente com posições hostis e submissas.

Assim, concluiu-se que indivíduos com melhores habilidades sociais apresentam padrões de interação mais diversificados e adequados, demonstrando ser mais ativos, com maior interesse pelo ambiente social e pelos outros (Couto et al., 2012).

Depreende-se, então, que existe uma diversidade de variáveis que, eventualmente poderão não favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais, decorrendo destas diferentes tipos de défices, que, quando não corrigidos atempadamente e de forma adequada podem comprometer o indivíduo a nível psicossocial (Naves et al., 2011).

O treino das habilidades sociais é um dos modos de correção destes défices, e é composto por duas grandes áreas e/ou etapas. A primeira etapa, denominada por avaliação, tem como finalidade identificar os défices dos indivíduos no que se refere às habilidades sociais (Murta, 2005).

3. Avaliação das habilidades sociais

A avaliação das habilidades sociais pode focar-se em aspetos observáveis ou não observáveis do comportamento do indivíduo. Os aspetos observáveis dizem respeito às classes comportamentais amplas, tais como responder, cumprimentar,

elogiar e expressar opiniões; os aspetos não observáveis referem-se aos pensamentos, representações, como proceder, acompanhar ou seguir o desempenho social (Del Prette et al., 2004).

Segundo Caballo (2002, citado por Freitas, 2011), as medidas de autorrelato das habilidades sociais obtidas através de inventários, questionários e escalas revelam-se como a estratégia de avaliação mais utilizada. Del Prette e Del Prette (1999, citado por Del Prette e Del Prette, 2002) corroboram esta opção ao afirmarem que, numa avaliação padronizada, existe uma menor possibilidade de enviesamentos dos resultados e, por outro lado, permite o estabelecimento dos constructos a avaliar e a submeter a uma intervenção.

Ao realizar uma avaliação, não deverá ser ignorado o facto de existirem particularidades, inerentes ao indivíduo, que poderão influenciar a avaliação do seu reportório das habilidades sociais, afigurando-se como um obstáculo para uma comparação entre amostras, tais como os valores, as normas e as expectativas sobre o desempenho social, as características sociodemográficas, como o sexo e a idade, entre outras (Del Prette et al., 2004).

Numa revisão sistemática, compreendida entre os anos 2008 e 2015, cujo objetivo foi identificar os instrumentos utilizados na avaliação das habilidades sociais, concluiu-se que o IHS - Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette - nas suas diferentes versões, foi o instrumento com utilização mais frequente na avaliação do reportório das habilidades sociais em estudos com adultos e adolescente, nomeadamente estudantes universitários (Santos, Peixoto & Meneses, 2017).

O IHS – Inventário de Habilidade Sociais de Del Prette e Del Prette é um instrumento de fácil aplicação, com o objetivo de caracterizar o desempenho social em diferentes situações quotidianas (Lima, 2006), através da estimativa que o indivíduo faz sobre a frequência com que reage da forma indicada em cada item (Del Prette & Del Prette, 2001). É um instrumento de autorrelato para a avaliação das dimensões situacional e comportamental molar das habilidades sociais,

contendo 38 itens, cada um deles descrevendo uma relação interpessoal e uma possível reação àquela situação, e que se agrupam em cinco fatores: F1- Enfrentamento e Autoafirmação com risco; F2- Autoafirmação na expressão de afeto positivo; F3- Conversação e desenvoltura social; F4- Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas; e F5- Autocontrole da agressividade em situações aversivas. A resposta a cada item pode ser classificada de 0 (nunca ou raramente) até 4 (sempre ou quase sempre), numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, com *score* total variando de 0 a 152 (Angélico, Crippa, & Loureiro, 2012).

No entanto, apesar de o IHS se mostrar como o instrumento mais utilizado em jovens adultos, considerou-se relevante, com base na literatura que aborda a avaliação das habilidades sociais, caracterizar outros instrumentos. Assim, atendendo a que as habilidades sociais estão presentes em diferentes contextos na vida do indivíduo e que este, diante destas situações, terá necessidade de apresentar respostas socialmente habilidosas, serão também descritos instrumentos específicos para amostras clínicas, bem como instrumentos de avaliação em contexto universitário (Pureza, Souza Rusch, Wagner, & Oliveira, 2012).

A Escala de Avaliação da Competência Social (EACS) de Tremblay e Bandeira (1989), validada para a população brasileira por Bandeira em 2002, tem como objetivo avaliar a competência social em termos globais, sendo composta por cinco subescalas: verbal, não-verbal, paralinguística, expressividade emocional e solução de problemas (Bandeira, 2002). O instrumento é composto por quatro situações quotidianas que envolvem conflitos interpessoais, apresentando variação na demanda da situação e no sexo do interlocutor. O grau de competência social é avaliado através de uma escala tipo *Likert* de seis pontos, tanto para a escala global, como para as subescalas.

O Inventário de Resolução de Problemas Sociais de Dugas, Ladouseur e Freesrton (1996), traduzido e adaptado por Matos, Simões, Carvalhosa e Reis em 1999, tem como objetivo avaliar a forma como o indivíduo lida com os problemas que poderá enfrentar no seu dia-a-dia (Padovani, Schelini, & Williams, 2009). É constituído por 14 afirmações descritivas, que refletem a forma de pensar e agir

perante diferentes situações. A avaliação é realizada através de um intervalo que varia entre 1 “nunca” e 5 “sempre”.

A *Checklist* de Relações Interpessoais - II (CLOIT-II) de Couto, Vandenberghe e Van Hattum (2005), baseada na *Checklist of Interpersonal Transaction – Revised*, de Kiesler et al. (1991), tem como finalidade caracterizar o comportamento de pessoas-alvo. A avaliação é realizada mediante 96 itens que descrevem ações que podem ocorrer entre os indivíduos (Couto, Hattum, Vandenberghe, & Benfica, 2005).

A Escala Multidimensional de Expressão Social (EMES - Parte Cognitiva) de Caballo (1987), traduzida e adaptada por Dinis e Mateus em 2007, é uma escala composta por 44 itens agrupados em 12 fatores, estão relacionados com receios que o indivíduo pode sentir (Pureza et al., 2012). Entre os receios incluídos nestes 12 fatores, encontram-se: o receio em expressar-se em público e de enfrentar superiores, receio de desaprovação dos demais ao expressar sentimentos negativos e recusar pedidos e o receio de expressar sentimentos positivos. A matriz de resposta do EMES possui cinco opções, que variam entre 0 “nunca ou muito raramente” e 4 “sempre ou muito frequentemente”, associado ao número de vezes que o indivíduo apresenta os comportamentos referidos.

A Escala Multidimensional de Expressão Social (EMES- Parte Motora) - de Caballo (1987), traduzida e adaptada por Dinis e Mateus em 2007, é constituída por 64 itens que se dividem em 12 áreas, que avaliam, entre outras, a iniciação de interações, falar em público/enfrentar superiores, aceitação de elogios e defesa dos direitos (Pureza et al., 2012). A matriz de resposta do EMES possui cinco opções, que variam entre 0 “nunca ou muito raramente” e 4 “sempre ou muito frequentemente”, associado ao número de vezes que o indivíduo apresenta estes comportamentos.

O Questionário de Avaliação de Comportamentos e Contextos para Universitários (QHC - Universitários) de Bolsoni-Silva (2011) é um questionário que avalia as habilidades sociais, composto por questões que se referem à forma

como o indivíduo se comporta em relação a diversos interlocutores e diferentes contextos (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2016). Está organizado em duas partes, sendo a primeira parte composta por 30 itens e constituída por três fatores: Comunicação e Afeto, Enfrentamento e Falar em Público. A segunda parte organiza os 448 itens em dois fatores: Potencialidades e Dificuldades.

Apesar de, na sua maioria, os instrumentos avaliarem as habilidades sociais/competência social de um modo global, alguns objetivam avaliar componentes das habilidades sociais específicas, como é o exemplo da Escala de Assertividade de Rathus e da Escala de Comportamento Interpessoal, que focam a assertividade, e o Sistema de Avaliação do Comportamento Empático - Formas Verbal (SACE - V) e Forma Não-verbal (SACE - NV), que avalia o comportamento empático, caracterizadas a seguir.

A Escala de Assertividade de Rathus (1973), validada para o Brasil por Pasquali e Gouveia em 1990, é constituída por 30 questões que visam avaliar o grau de assertividade dos indivíduos (Pasquali & Gouveia, 1990). Os itens descrevem comportamentos ou sentimentos que ocorrem em situações sociais quotidianas. As respostas variam entre -3 e +3, identificando-se assim a intensidade das reações dos indivíduos diante das situações.

A Escala de Comportamento Interpessoal de Vagos e Pereira (2010) que resultou da adaptação da *Scale for Interpersonal Behavior* de Arrindell e van der Ende (1985), é um instrumento multidimensional que avalia a frequência com que o indivíduo utiliza a assertividade (Vagos & Pereira, 2010). É constituída por 50 itens, divididos em duas escalas de resposta: desconforto e frequência de comportamento. A primeira escala relata o quanto o indivíduo se sente desconfortável ou ansioso perante a necessidade de desempenhar comportamentos assertivos, sendo a sua avaliação realizada em cinco pontos, variando entre “nada” e “extremamente”. Quanto à segunda escala, avalia a frequência com que o indivíduo pratica os comportamentos assertivos; de igual forma a sua avaliação é realizada em cinco pontos que variam de “nunca” a “sempre”.

O Sistema de Avaliação do Comportamento Empático - Formas Verbal (SACE - V) e Forma Não-verbal (SACE - NV) de Falcone (1998) (Falcone, 1999). O SACE - V é um sistema que permite avaliar as respostas de empatia dos indivíduos de acordo com cinco níveis, distribuídos de forma hierárquica. Já no que se refere ao SACE - NV, este avalia os componentes moleculares da comunicação não-verbal, por meio de uma escala de cinco pontos, que incluem: olhar, posição do corpo, braços e pernas, posição da cabeça, proximidade, orientação, gestos e movimentos, volume da voz, velocidade e tempo de fala (Falcone, 1999).

Em síntese, pode-se verificar a existência de um leque variado de instrumentos que visam avaliar as habilidades sociais, quer na sua forma global ou apenas uma das suas componentes, em diferentes amostras e contextos, possibilitando uma melhor identificação dos défices.

4. Treino de habilidades sociais

As dificuldades nas habilidades sociais são compreendidas como deficiências na aprendizagem de padrões comportamentais e cognitivos que constituem as respostas adequadas às situações (Trower, 1995, citado por Del Prette & Del Prette, 2010).

Um dos modos de colmatar estas dificuldades, proporcionando ao indivíduo a possibilidade de promoção/manutenção das habilidades sociais, é através do treino (Murta, 2005; Pureza et al., 2012).

O treino das habilidades sociais surgiu em 1970, em Inglaterra, tendo como contribuição principal os estudos e publicações de Argyle e o treino assertivo, impulsionado por Wolpe (Del Prette & Del Prette, 2000, citado por Murta, 2005), sendo este o método mais tradicional de intervenção, existindo um aumento de publicações de programas na década de 80 do século XX (Del Prette & Del Prette, 2003).

Del Prette e Del Prette (1999, citado por Leal, Quadros, & Reis, 2011) afirmam que o treino das habilidades sociais envolve diversos modelos conceituais, em particular, o modelo experimental do comportamento ou terapia comportamental, tal como as técnicas de reforço, modelagem, *feedback*, relaxamento, dessensibilização sistemática e abordagem cognitiva.

Analogamente, Murta (2005) refere que os programas de desenvolvimento das habilidades sociais resultam de uma combinação de teorias, no entanto, as técnicas aplicadas com mais frequência são as cognitivo-comportamentais. As estratégias mais usuais são: fornecimento de instruções, modelagem, *feedback*, ensaio comportamental, reestruturação cognitiva, resolução de problemas, relaxamento e vivências (Caballo, 1996). Magalhães e Murta (2003) acrescentaram ao seu programa a exposição dialogada. O uso destas técnicas teve como objetivo final alterações a nível comportamental e cognitivo.

Falcone (1999), numa intervenção com uma amostra de estudantes universitários, com o objetivo de avaliar a eficácia de um programa de treino de empatia, recorreu às seguintes técnicas: fornecimento de instruções, auto-observação para a identificação dos défices apresentados, modelação encoberta, ensaio comportamental e prática das habilidades sociais aprendidas em ambiente natural. Os resultados obtidos mostraram uma melhoria na comunicação verbal e não-verbal.

Del Prette, Del Prette e Barreto (1998), numa amostra constituída por estudantes de psicologia, realizaram no seu programa sessões que permitissem ao participante obter mais informações acerca das habilidades sociais, da sua avaliação à intervenção, adotando, como forma de reduzir a ansiedade, as vivências grupais, as técnicas da reestruturação cognitiva e a solução de problemas. Os resultados obtidos evidenciaram um significativo aumento das habilidades sociais dos participantes.

Magalhães e Murta (2003), numa intervenção com estudantes de psicologia, trabalharam a assertividade, as crenças irracionais, a escuta empática e o controlo da raiva. As técnicas utilizadas englobaram as vivenciais, o ensaio comportamental, a modelagem, a reestruturação cognitiva, o relaxamento e a exposição dialogada. Os resultados evidenciaram que, após a intervenção, seis participantes apresentaram um aumento no *score* total de habilidades sociais e a média grupal aumentou nos cinco fatores.

Mais recentemente, alguns estudos têm revelado que o treino das habilidades sociais em diversas áreas, tais como comunicação, assertividade, empatia e expressão de sentimentos, poderão trazer ao indivíduo uma vantagem para modificar o seu comportamento em diversas situações (Bolsoni-Silva, Salina-Brandão, Versuti-Stoque, & Rosin-Pinola, 2008).

Segundo Cordioli (2008, citado por Leal et al., 2011), o programa de treino das habilidades sociais deverá ser elaborado individualmente, permitindo ajustamentos durante o seu desenvolvimento. Possibilitará ao terapeuta uma maior disponibilidade para observar a evolução do indivíduo no processo e, se necessário, intensificar o treino de determinadas técnicas, de forma a obter melhores resultados. Segundo Caballo (2007), o fato de se tratar de um processo individual permite ao indivíduo não sentir a ansiedade advinda da exposição que seria expectável perante um grupo de pessoas.

Todavia, outros autores (cf. Bolsoni-Silva, 2002) defendem que o treino em grupo apresenta vantagens, pois este fornece ao indivíduo um ambiente protegido, permitindo uma aprendizagem num meio real, e que o grupo favorece o ambiente social, uma vez que todos os participantes têm formas de vida e experiências distintas, obtendo-se assim uma maior variedade de modelos, um maior número de situações-problema, proporcionando o *feedback* do grupo e possibilitando a maximização dos recursos humanos e materiais.

Conclusão

A entrada no ensino superior assume-se como um marco importante na vida do indivíduo, uma vez que esta poderá ocasionar alterações no seu dia-a-dia. A saída de casa dos pais e a mudança da rede de amigos são algumas das mudanças que poderão surgir na vida dos estudantes.

Aliado a este período de reestruturação, e tendo-se em consideração que esta passagem se faz, maioritariamente, no final da adolescência e no início da vida adulta, onde por vezes o indivíduo ainda se encontra numa fase de resolução de dilemas, pode-se concluir que a adaptação à nova etapa da vida poderá não se afigurar como uma tarefa fácil. Este facto ganha ainda mais relevância quando se confirma que este é um período de aprendizagens significativas que complementam a caracterização da identidade do indivíduo.

Se, por um lado, se identifica a existência de fatores favoráveis, potenciais auxiliares para uma boa integração no ensino superior, por outro, deverão ser considerados outros aspetos menos favoráveis que, eventualmente, influenciarão o indivíduo durante a sua integração, comprometendo-a negativamente.

O funcionamento social assume-se como um fator de suma importância nesta etapa de adaptação do indivíduo, uma vez que nele estão integrados os processos cognitivos, o comportamento social e as habilidades sociais, que o indivíduo exterioriza na sua interação com o meio.

No entanto, o funcionamento social não funciona de forma autónoma, ou seja, pode ser influenciado por diversas variáveis, tais como, a personalidade, o temperamento e até a perceção física, interferindo na predisposição do indivíduo para a interação com os pares.

Assim, as habilidades sociais surgem como uma das capacidades mais relevantes na adaptação dos estudantes ao ensino superior, uma vez que se

traduzem em comportamentos mais adequados às diversas situações que vivenciam durante esta fase.

Diversos estudos têm vindo a demonstrar que os indivíduos que apresentam défices ao nível das habilidades sociais tendem a demonstrar uma maior dificuldade na adaptação ao ensino superior e no desempenho académico.

A avaliação das habilidades sociais poderá ser encarada como o início de um processo contínuo, que terá como finalidade identificar as áreas em que o indivíduo apresenta maiores dificuldades. Essa avaliação terá, como objetivo posterior, a intervenção, com a implementação de programas de treino de habilidades sociais.

É de enfatizar que os programas de treino das habilidades sociais não pretendem apenas colmatar défices nesta área, atuando também com o intuito de manutenção das mesmas.¹

¹ Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 132.

CAPITULO II

Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos: Revisão Sistemática da Literatura¹

Carla Bernardett Santos (1), Ana Carina Peixoto (1), Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS - UFP; (2) FCHS / CTEC / FP - B2S / HE - UFP

Resumo: Introdução: A avaliação, nomeadamente a das habilidades sociais, permite o planeamento de uma intervenção mais ajustada às necessidades apresentadas pelo indivíduo. **Objetivo:** Apresentar uma revisão sistemática de estudos que relatem a avaliação de habilidades sociais. **Método:** A pesquisa foi efetuada no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP, entre os anos de 2008 a Junho/2016. **Resultados:** Numa primeira fase foram obtidos 79 artigos, dos quais, após várias etapas, foram selecionados 21 para leitura na íntegra e análise. Os resultados obtidos na presente revisão sistemática indicam que o IHS é o instrumento mais utilizado na avaliação das habilidades sociais, que tem vindo a ser realizada em diferentes contextos, no âmbito de estudos com objetivos e variáveis bastante diversos e amostras diversificadas. **Conclusões:** A avaliação e treino de habilidades sociais, sendo uma área rica e que suscita o interesse de investigadores e clínicos, deveriam contar, em Portugal, com uma versão do IHS para permitir uma melhor comparação dos resultados obtidos nos diferentes estudos.

Palavras-chave: Habilidades Sociais; Avaliação; IHS.

Abstract: Introduction: Social skills assessment allows planning a more tailored intervention which meets the needs presented by individual. **Objective:** Present a systematic studies review reporting a social abilities evaluation. **Method:** This research was made in RCAAP, between 2008 and June/2016. **Results:** On an early stage, 21 articles were selected from a starting point of 79, for a later reading, understanding and analysis. The results say that HIS it's the most common instrument used for social skills evaluation, among various contexts, regarding

¹ Santos, C., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2017). Avaliação das Habilidades Sociais: Uma Revisão Sistemática da Literatura. E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm>.

*various types of studies with such different variables. **Conclusions:** It should be possible to find in Portugal a version of HIS to allow a better comparison of the obtained results in each type of study, as far as researchers and clinics define this area of social abilities evaluation and training as being full of interest and clinical richness.*

Keywords: *Social abilities; Avaliation; IHS.*

Introdução

Atualmente, o número crescente de estudos sobre habilidades sociais deve-se, em parte, ao facto de este ter sido reconhecido como um campo teórico de suma importância no enquadramento dos indivíduos nos seus múltiplos contextos da vida (Del Prette & Del Prette, 1996; MacKray, 1988), tendo em consideração que a complexidade social exige, de cada um, habilidades sociais cada vez mais elaboradas (Del Prette & Del Prette, 2000).

As habilidades sociais são aprendidas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, revelando-se fundamentais para que este estabeleça relações adequadas com o ambiente que o rodeia (Rojas, 1995).

Assim, as habilidades sociais referem-se ao repertório de comportamentos que um indivíduo manifesta ao lidar com situações interpessoais de forma apropriada (Villa, Del Prette, & Del Prette, 2007). Estes comportamentos, individuais e contextualizados, referem-se à comunicação de sentimentos, atitudes, expectativas e opiniões que os indivíduos expõem nas suas inter-relações sociais e que se moldam às suas vivências (Pacheco, Teixeira, & Gomes, 1999).

Deste modo, os domínios das habilidades sociais surgem como uma resposta aos problemas emergentes e/ou a longo prazo, sendo o seu desenvolvimento um facilitador das interações sociais (Lange & Jakubowski, 1976), que envolvem o aspeto descritivo dos comportamentos verbais e não-verbais (McFall, 1982).

Considerar que as habilidades sociais têm um papel importante no desenvolvimento humano, tem impulsionado o seu treino/aprendizagem em múltiplos contextos (Cecconello & Koller, 2000).

Recentemente, alguns estudos têm demonstrado que o treino de habilidades sociais, nomeadamente ao nível da comunicação, assertividade, empatia e expressão de sentimentos, poderá fornecer ao indivíduo uma vantagem para alterar o seu comportamento, em função de determinadas circunstâncias (Bolsoni-Silva, Salina-Brandão, Versuti-Stoque, & Rosin-Pinola, 2008).

Assim sendo, considera-se que os programas de promoção das habilidades sociais são uma ferramenta significativa a vários níveis, sendo vantajosa para minimizar situações de risco e incrementar fatores de proteção para o desenvolvimento humano (Jeffery, 1989).

Contudo, para que a estratégia de intervenção a delinear seja a mais adequada ao indivíduo, é crucial uma avaliação das suas habilidades sociais pré-intervenção, contribuindo como um auxiliador significativo na averiguação da existência de défices, visando o/a posterior planeamento/modificação de intervenções.

Freitas (2013) realizou uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre o treinamento de habilidades sociais, cujo objetivo foi identificar as tendências metodológicas e as eventuais omissões na avaliação das mesmas. Nesse sentido, Freitas efetivou uma investigação documental no espaço temporal compreendido entre 2004 e 2012, e reutilizou os 10 estudos citados na revisão anteriormente realizada por Bolsoni-Silva et al. em 2006. Após a pesquisa nas bases de dados digitais - SciELO, INDEXPSI, PSICOINFO, LILACS, foram obtidos 65 estudos. Deste trabalho, foram selecionados para a revisão de Freitas 10 estudos experimentais, sendo estes, na sua maioria, de indivíduos com características clínicas.

As pesquisas encontradas apresentavam contribuições para caracterizações do reportório das habilidades sociais e competência social em pacientes psiquiátricos, e a verificação da efetividade de programas de intervenção em estudantes universitários (Freitas, 2013).

Freitas (2013) concluiu que o instrumento de avaliação mais recorrente foi a EACS - Escala de Avaliação das Competências Sociais, de Tremblay e Bandeira.

Um estudo de Bender & Calvetti (2015), através de uma revisão sistemática da literatura, pretendeu identificar produções científicas que abordassem os instrumentos de avaliação psicológica das habilidades sociais, entre os anos de 2000 a 2013. Dos 80 artigos obtidos inicialmente pela pesquisa, 23 foram excluídos por apresentarem data anterior a 2000 ou por não abordarem a temática, selecionando-se 31 artigos relacionados às diversas etapas do desenvolvimento da criança, adolescente e adulto.

Segundo a análise referenciada, os resultados evidenciaram que o desenvolvimento da avaliação das habilidades sociais ocorreu nos 5 anos anteriores a 2013, constatando-se que a escala com maior incidência foi o IHS - Inventário de Habilidades Sociais desenvolvido por Del Prette e Del Prette, adaptado a dimensões diferenciadas (Bender & Calvetti, 2015).

Uma revisão sistemática da literatura foi realizada por Cordier e colegas em 2015, tendo como objetivo analisar as propriedades psicométricas das habilidades sociais e dos comportamentos, em crianças e adultos. A pesquisa foi realizada em bases de dados digitais - CINAHL, PsycINFO, EMBASE, PUBMED; no Health and Psychosocial Instruments database - HAPI, e Grey Literature usando o PsycExtra e o Google Scholar, tendo sido identificados um total de 2.164 documentos, tendo sido incluídos para análise 36 artigos e 9 manuais, com um total de 13 escalas de avaliação (Cordier et al., 2015).

Os instrumentos de avaliação de habilidades sociais acedidos nos estudos, foram, na sua maioria, desenvolvidos para o meio escolar e/ou adolescência, não tendo sido identificados instrumentos de avaliação para a população adulta (Cordier et al., 2015).

Uma das formas de ampliar o conhecimento produzido acerca de um determinado tema é analisar a produção científica e, desse modo, compilar os resultados mais pertinentes acerca da temática. Assim sendo, esta revisão terá como principal objetivo realizar uma análise e sistematização de estudos concretizados nos últimos anos, dando especial atenção aos métodos de avaliação de habilidades sociais, em adolescentes e adultos, assim como às outras variáveis em análise nos estudos.²

Método

A presente revisão sistemática tem como base as recomendações propostas no guia *Preferred Reporting for Systematic Reviews and Meta-Analyses: PRISMA*. (Liberati et al., 2009).

1. Estratégia de Pesquisa

Como estratégia de pesquisa de artigos, optou-se por efetuar uma “pesquisa avançada” no RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal.

O RCAAP constitui-se como um ponto único de pesquisa, descoberta, localização e acesso a milhares de documentos de caráter científico e académico, nomeadamente artigos de revistas científicas, comunicações em conferências, teses e dissertações, distribuídos por inúmeros repositórios portugueses e brasileiros, tais como, Instituições de Ensino Superior, OASISbr - Instituto Brasileiro de

² Parte do presente estudo foi apresentado no evento “Uma vida, uma oportunidade de reabilitação, uma relação de ajuda” na Universidade Fernando Pessoa em Ponte de Lima em novembro/2015, tendo posteriormente sido alargado.

Informação em Ciência e Tecnologia, SciELO. Deste modo, pretendeu-se aumentar a probabilidade de identificar métodos de avaliação de habilidades sociais que já tivessem sido utilizados em Língua Portuguesa.

Com a pesquisa avançada, pode-se definir à partida um conjunto de critérios para a pesquisa, aumentando a sua precisão e limitando adequadamente o número de documentos a encontrar.

2. Seleção de Estudos

A primeira etapa foi a identificação de estudos.

A pesquisa avançada divide-se em partes distintas. O “Campo de Pesquisa” permitiu selecionar como base na opção “Título” o termo “habilidades sociais”, sendo efetuada uma pesquisa de documentos que contivessem no título essas palavras. As “Opções de Apresentação” possibilitaram definir que os resultados da pesquisa fossem ordenados por data. Os “Filtros Avançados” permitiram efetuar restrições com base nos seguintes aspetos: “Data” - delimitou os resultados ao espaço temporal pretendido, de 2008 a Junho de 2016; “Tipo de Documento” - restringiu a pesquisa a um tipo de documento: “Artigo”; e “Idioma” - filtrou os resultados pelo idioma dos documentos, limitando a “Português”, “Inglês” e “Espanhol”.

Procedeu-se então a uma primeira seleção sobre os artigos identificados, tendo sido excluídos os que estavam em duplicado.

Foi então realizada uma leitura parcial dos artigos aprovados na seleção, na qual foi analisado o resumo e alguns elementos do texto, incluindo o método (nomeadamente, os participantes).

Foram excluídos artigos não empíricos, os que não se enquadravam no objetivo da revisão, os que não apresentavam um método fidedigno e os que tinham como alvo de avaliação somente crianças.

Na etapa final, após selecionar os artigos a incluir na revisão, estes foram lidos na íntegra, procedendo-se à extração e análise dos dados.

A Figura 1 demonstra o processo de seleção e análise de artigos.

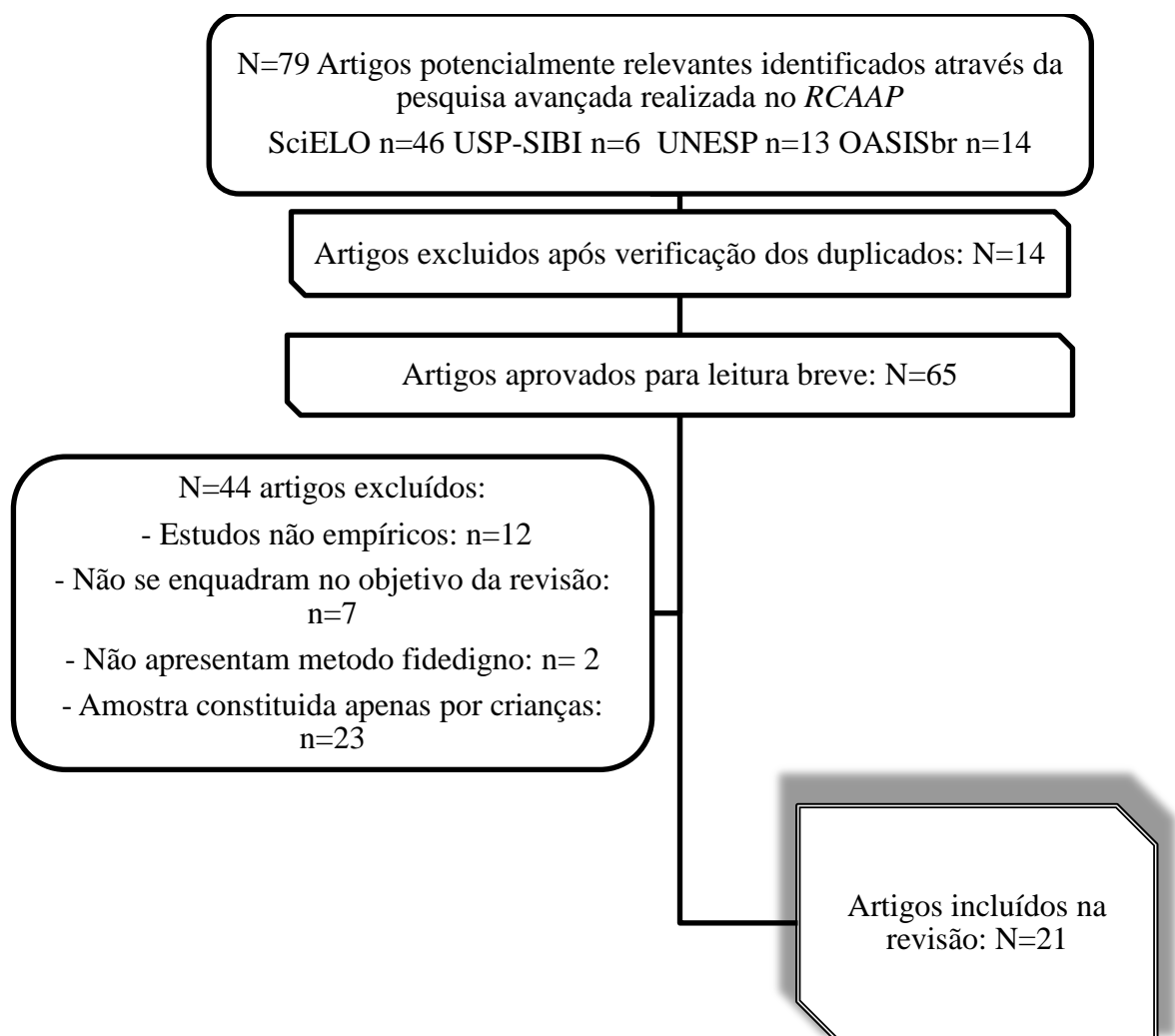


Fig. 1. Processo de seleção e análise dos artigos

Resultados

Os textos foram lidos e analisados, organizando a informação relativa a ano de publicação, autoria, instituição que aprovou/apoiou o projeto, país, objetivo(s) de estudo, características da amostra (dimensão, sexo, idade, escolaridade, dados significativos para cada estudo), variáveis estudadas e respectivas técnicas de avaliação.

A exposição dos resultados está dividida em três tabelas de dados: 1) a apresentação dos estudos; 2) as características sociodemográficas da amostra; e 3) variáveis estudadas e respectivas técnicas de avaliação.

3. Apresentação dos Artigos selecionados

Tabela 1. Apresentação dos Estudos

Nº	Ano	Autor(es)	Instituição	Objetivo(s)
1	2008	Bartholomeu, D. Nunes, C. S. Machado, A.	Universidade São Francisco <i>Brasil</i>	Aprofundar o estudo das associações entre socialização e habilidades sociais
2	2009	Carrara, K. Betetto, M. F.	Faculdade de Ciências da UNESP Bauru <i>Brasil</i>	Investigar se o programa de habilidades sociais importantes para a formação ética de um grupo de estudantes de ensino médio, curso pré-vestibular e cursos de graduação em psicologia, evidencia mudanças relacionadas com a diferença de idade e características específicas dos contextos interativos oferecidos pelas instituições de ensino participantes desse processo
3	2009	Pereira, C. S. Del Prette, A. Del Prette, Z. A.	Universidade Federal de São Carlos <i>Brasil</i>	Analisar as habilidades sociais de trabalhadores com deficiência física (TDF) em comparação com trabalhadores sem deficiência Física (TND); Identificar as diferenças entre mulheres com e sem deficiência física e homens com e sem deficiência física

Tabela 1 (cont.) - Apresentação dos Estudos

Nº	Ano	Autor(es)	Instituição	Objetivo(s)
4	2009	Sardinha, A. Falcone, E. M. O. Ferreira, M. C.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro <i>Brasil</i>	Investigar as relações entre as habilidades sociais percebidas pelo cônjuge e satisfação conjugal
5	2009	Wagner, M. F. Oliveira, M. S.	Faculdade de Psicologia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul <i>Brasil</i>	Avaliar as habilidades sociais de adolescentes usuários de maconha e comparar o seu desempenho com o de adolescentes não-usuários de maconha, a fim de verificar se existe diferença quanto a déficit nas habilidades sociais entre adolescentes usuários e adolescentes não usuários da droga
6	2010	Leme, V. Bolsoni-Silva, A	Universidade de São Paulo e Universidade Estadual Paulista- Bauru <i>Brasil</i>	a) Comparar as frequências das habilidades sociais e dos problemas de comportamento das crianças com e sem indicativos de problemas de comportamento; b) Descrever as situações em que as habilidades sociais e os problemas de comportamento de crianças ocorrem; c) Descrever os comportamentos das mães frente às habilidades sociais e aos problemas de comportamento das crianças; d) Descrever os comportamentos das crianças frente aos comportamentos maternos.
7	2011	Bartholomeu, D. Carvalho, L. F. Silva, M. C. R. Miguel, F. K. Machado, A. A.	Faculdade Anhanguera Educacional <i>Brasil</i>	Investigar as associações entre as habilidades sociais e aceitação-rejeição em estudantes universitários

Tabela 1 (cont.) - Apresentação dos Estudos

Nº	Ano	Autor(es)	Instituição	Objetivo(s)
8	2011	Angélico, A. Del Prette, A.	Universidade Federal de São João del-Rei e Universidade Federal de São Carlos <i>Brasil</i>	Investigar, a partir da metodologia observacional direta o repertório de habilidades sociais de um grupo de adolescentes com síndrome de Down
9	2011	Bartholomeu, D. Montiel, J. M. Pessotto, F.	Faculdade Politécnica de Jundiaí <i>Brasil</i>	Verificar as correlações entre as habilidades sociais e aceitação entre os pares, tanto para a situação de estudar como de sair
10	2012	Angélico, A. P. Crippa, J. A. S. Loureiro, S. R.	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP <i>Brasil</i>	Verificar se as manifestações comportamentais do TAS, identificadas com a aplicação do IHS de Del-Prette, estão associadas às manifestações clínicas, detetadas com a aplicação do Inventário de Fobia Social (SPIN); avaliar a validade concorrente entre o IHS e o SPIN; aferir a validade discriminativa e preditiva do IHS no diagnóstico do TAS; verificar o poder discriminativo dos itens que compõem o IHS para rastreamento do TAS
11	2012	Tavares, W. M. Couto, G. Silva, R. L. F. C.	Universidade Federal de Goiás <i>Brasil</i>	Investigar o perfil de estudantes de Psicologia no que diz respeito às características das suas relações interpessoais e habilidades sociais Comparar os resultados obtidos com os de um grupo normativo de estudantes universitários
12	2012	Couto, G. Vandenber, L. Tavares, W. M. Silva, R. L. F. C.	Universidade Federal de Goiás <i>Brasil</i>	Verificar como as interações interpessoais se relacionam com habilidades sociais e, ao mesmo tempo, investigar evidências de validade para a <i>Checklist</i> de Relações Interpessoais-II

Tabela 1 (cont.) - Apresentação dos Estudos

Nº	Ano	Autor(es)	Instituição	Objetivo(s)
13	2013	Kloster, M. C. Perotta, B. Junior, A. H. Paro, H. B. Tempski, P.	Faculdade de Medicina Evangélica do Paraná, <i>Brasil</i>	Analisar as habilidades sociais dos estudantes de Medicina e a sua associação com a presença de sonolência diurna nas fases do curso que antecedem o internato médico
14	2013	Rondina, R. C. Martins, R. Manzato, A. J. Terra, A. P.	Universidade Estadual Paulista – UNESP <i>Brasil</i>	Analisar as características do reportório das habilidades sociais de acadêmicos fumantes, segundo o grau de dependência nicotínica
15	2013	Grazziotin, J. B. D. Scortegagna, S. A.	Universidade de Passo Fundo <i>Brasil</i>	Analisar evidências de validade do Zulliger (ZSC), focalizando as variáveis relacionamento e produtividade em correlação com os fatores ao IHS- Inventário de Habilidades Sociais
16	2013	Gomes, G. Soares, A. B.	Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), <i>Brasil</i>	Identificar através de pesquisa qualitativa a relação entre expectativas acadêmicas, habilidades sociais e qual o impacto no desempenho acadêmico
17	2013	Bolsoni-Silva, A. T. Mariano, M. L. Loureiro, S. R. Bonaccorsi, C.	Universidade Estadual Paulista Universidade de São Paulo <i>Brasil</i>	Comparar as práticas educativas de professores do ensino regular e do especial, com os comportamentos infantis em grupos diferenciados por problemas de comportamento e pelo sexo das crianças
18	2014	Pinto, F. N. F. R. Barham, E. J.	Universidade Federal de São Carlos <i>Brasil</i>	Investigar habilidades sociais e estratégias de enfrentamento de stresse em cuidadoras de idosos e verificar se as habilidades sociais se correlacionam com medidas de percepção de bem-estar psicológico

Tabela 1 (cont.) - Apresentação dos Estudos

Nº	Ano	Autor(es)	Instituição	Objetivo(s)
19	2014	Lima, D. C. Bandeira, M. S. Oliveira, M. S. Tostes, J. G. A.	Universidade Federal de São João del-Rei e Centro Universitário de Lavras <i>Brasil</i>	Avaliar as habilidades sociais dos familiares cuidadores, necessárias para o desenvolvimento de um bom relacionamento com o paciente
20	2015	Teles, L. C. S. Fernandes, N. F. Abramides, D. V. M.	Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo <i>Brasil</i>	Caracterizar o repertório de habilidades sociais de estudantes de Jornalismo
21	2015	Teles, L. C. S. Fernandes, N. F. Romero, C. D. Abramides, D. V. M.	Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo <i>Brasil</i>	Comparar o repertório de habilidades sociais de estudantes de Jornalismo e de Fonoaudiologia

A Tabela 1 mostra que os 21 estudos incluídos na revisão foram publicados entre os anos de 2008 a 2015, inclusive desenvolvidos, na sua totalidade, no Brasil.

Os artigos selecionados possuem, na sua totalidade, coautoria, salientando-se que alguns dos autores participaram em várias pesquisas, como complemento das já elaboradas ou em novos projetos. Constata-se também que, os anos de 2009 (N=4) e de 2013 (N=5) apresentam o maior número de estudos realizados.

Quanto à distribuição dos estudos pelas instituições de pesquisa, pode-se depreender um interesse por parte de estabelecimentos de ensino superior, públicos e privados, em desenvolver investigações no âmbito das habilidades sociais.

Pelos objetivos dos estudos expostos, pode-se aferir que estes projetaram, maioritariamente, caracterizar/descrever as habilidades sociais na sua globalidade, não optando apenas por uma das suas componentes específicas.

Ainda no que concerne aos objetivos dos estudos, pode-se considerar que doze (12) têm como finalidade identificar se existe uma relação entre as habilidades sociais e outras variáveis, cinco (5) pretendem descrever e/ou caracterizar as habilidades sociais de uma determinada amostra, três (3) propõem-se comparar as habilidades sociais entre dois grupos (clínico e não clínico), e um (1) projeta analisar as evidências de validade de um instrumento de avaliação de uma outra variável em relação ao IHS.

4. Caracterização sociodemográfica da amostra

Tabela 2. *Caraterização Sociodemográfica da Amostra*

Nº	Dados Sociodemográficos
1	N=126 Estudantes Universitários de Educação Física Sexo: F=46,5%; M=53,5% Idade: M=21; DP =3,37; min=18; máx=35; (68,3% < 21anos) Solteiros - 93%; Só estudam - 41,7%
2	N= 54 Estudantes (GE): n=45; GP Professores (GP) n=9 GE1 - Ensino médio: n=15; Sexo: F n=10, M n=5; Idade M=15,1 GE2 - Ensino pré-vestibular: n=15; Sexo: F n=7, M n=8; Idade: M=19,51 GE3 - 3º Ano Universitário de Psicologia: n=15; Sexo: F n=13, M n=2; Idade: M=21,1 GP1 - Ensino médio: n=3; Sexo: F n=1 (Português), M n=2 (Filosofia e Matemática)

Tabela 2 (cont.) - Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Nº	Dados Sociodemográficos
	<p>GP2 - Ensino Pré-vestibular: n=3; Sexo: F=2 (Matemática e Biologia)</p> <p>GP3 - 3º Ano Universitário de Psicologia: n=3; Sexo: F n=2 (Psicologia Escolar e Prática de ensino de Psicologia), M n=1 (Psicologia Social Comunitária)</p>
3	<p>N=54</p> <p>Grupo TDF - trabalhadores com deficiência física n=27</p> <p>Grupo TND - trabalhadores sem deficiência física n=27</p> <p>Sexo: F n=26; M n=28; Idade: min=18; máx=37</p> <p>Nota: ambos os grupos foram emparelhados, conforme critérios de seleção da amostra, nas variáveis: sexo, idade, classe econômica e função</p>
4	<p>N=100 (50 casais heterossexuais)</p> <p>Idade: M=48,5; DP=9,6; min=29; máx= 69</p> <p>Tempo da relação (anos): M=22; DP=1; min=7; máx=35</p> <p>Escolaridade mínima: ensino médio completo</p>
5	<p>N=98</p> <p>Grupo de usuários de maconha (com diagnóstico de dependência ou abuso dessa substância) n=49</p> <p>Grupo de não usuários de maconha n=49</p> <p>Sexo: Masculino (100%)</p> <p>Crítérios de inclusão: idade entre 15 e 22 anos e a frequentar (no mínimo) a 5ª série do Ensino Fundamental</p>
6	<p>N= 40</p> <p>Mães de crianças com idade de 4 a 6 anos</p> <p>Grupo clinico: mães de crianças (maioritariamente meninos – 84,75%) com indicativos de problemas de comportamento n=20; Idade: M=31 anos</p> <p>Grupo não clinico: mães de crianças (maioritariamente meninas – 84,75%) sem indicativos de problemas de comportamento n=20; Idade: M=33 anos</p>

Tabela 2 (cont.) - *Caraterização Sociodemográfica da Amostra*

Nº	Dados Sociodemográficos
	<p>Sexo: Feminino (100%)</p> <p>Escolaridade: maioria entre o ensino médio incompleto e completo</p> <p>Estado Civil: maioria na primeira união conjugal legal ou por consenso</p>
7	<p>N=126</p> <p>Estudantes universitários do 4º ano da licenciatura</p> <p>Sexo: F=47%; M=53%</p> <p>Idade: M=21; DP=3,37; min=18; máx=35 (com idade de 21 anos = 68,3%)</p>
8	<p>N=10</p> <p>Adolescentes com Síndrome de Down</p> <p>Sexo: F=30% (n=3); M=70% (n=7)</p> <p>Idade: min=12; máx=17</p>
9	<p>N=45</p> <p>Estudantes adolescentes</p> <p>Sexo: F=55,6%; M=44,4%</p> <p>Idade: M=16; PD=0,61; min=16; máx=18</p>
10	<p>N=86 (selecionados, por meio de uma avaliação clínica sistemática, de uma população de 1006 indivíduos)</p> <p>Estudantes Universitários F/M</p> <p>Grupo caso n=45</p> <p>Grupo não-caso de TAS n=41</p> <p>Idade: min=17; máx=32</p>
11	<p>N=153</p> <p>Estudantes universitários de Psicologia</p> <p>Sexo: F=80,4%; M=19,6%</p>

Tabela 2 (cont.) - Caracterização Sociodemográfica da Amostra

N°	Dados Sociodemográficos
	<p>Idade: M=22,67; DP=7,41; min=19; máx=60</p> <p>Possuíam outro curso superior – 3,9%</p>
12	<p>N=542</p> <p>Estudantes universitários</p> <p>Sexo: F=64,4% (n=349); M=35,6% (n=193)</p> <p>Idade: M=21; DP=5,48; min=18; máx=55 anos</p> <p>Estado civil: solteiros=89,5% (n=485); casados=8,3% (n=45); divorciados=1,3% (n=7); viúvo=0,2% (n=1); não informaram o estado civil=0,7% (n=4)</p> <p>A frequentar um curso superior pela primeira vez=95,6% (n=254)</p> <p>Possuíam outro curso superior=4,4% (n=24)</p>
13	<p>N=167</p> <p>Estudantes Universitários de Medicina</p> <p>(1ºano n=48; 2ºano n=46; 3ºano n=35; 4ºano n=38)</p> <p>Sexo: F=53,8% (n=90); M=46,2% (n=77)</p> <p>Idade: M=20,9; DP=2; mim=17; máx=28</p>
14	<p>N=1.126</p> <p>Estudantes universitários</p> <p>Sexo: F=75,55%; M=24,42%</p> <p>Fumantes: 8,61% (n=97);</p> <p>Sexo fumantes (de N=1.126): F=5,4%; M=18,5%;</p> <p>Sexo fumantes (de n=97): F=47,4% (n=46); M=52,6% (n=51)</p> <p>Fumantes dependentes de nicotina (de n=97): 20,61% - Sexo: F=45%; M=55%</p>

Tabela 2 (cont.) - Caracterização Sociodemográfica da Amostra

N°	Dados Sociodemográficos
15	<p>N= 40</p> <p>Trabalhadores de um supermercado, com atendimento direto ao cliente</p> <p>Idade: M=26,5; DP=7,99; min=18; máx=43</p> <p>Escolaridade: Ensino médio completo=85% (n=34)</p>
16	<p>N=196</p> <p>Estudantes universitários do 1º ano de graduação</p> <p>Sexo: F n=156; M n=40</p> <p>Idade: min=17; máx=59 anos</p> <p>Classe social: alta n=35; média n=62; baixa n=99</p>
17	<p>N=15</p> <p>Professoras: Ensino infantil n=5; Ensino fundamental n=5; Ensino especial n=5</p> <p>Sexo: Feminino (100%)</p> <p>Idade: M= 33,56; min=23; máx=50</p> <p>Tempo de docência (anos): M=7; DP=7; min=5; máx=20</p> <p>Alunos: N=28 alunos</p> <p>Com problemas de comportamento n=15</p> <p>Sem problemas de comportamento n=13</p> <p>Ensino regular n=18; Ensino especial n=10</p> <p>Idade: min=6; máx=9 (Ensino Infantil: 6 anos; Ensino Fundamental: 7 anos; Ensino Especial: 6 anos (n=4), 7 anos (n=3), 8 anos (n=2) e 9 anos (n=1))</p>
18	<p>N=20</p> <p>Cuidadoras familiares de idosas</p> <p>Sexo: Feminino (100%)</p> <p>Idade: M=54; DP=10,5</p> <p>Cuidadoras há (anos): M=4; DP=3,67</p>

Tabela 2 (cont.) - Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Nº	Dados Sociodemográficos
19	N=56 Famíliares cuidadores de pacientes psiquiátricos, atendidos no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Sexo: maioria feminino Idade: M=48,64; DP=15,15; min=18; máx=79 Escolaridade: Ensino fundamental incompleto
20	N=89 Estudantes universitários de Jornalismo Sexo: F=71% (n=63); M=29% (n=26) Idade: M=21; DP=1,8; min=18; máx=28
21	N=189 Estudantes Universitários de Jornalismo e de Fonoaudiologia Curso de Jornalismo n=89 Sexo: F=71% (n=63); M=29% (n=26) Idade: M=21; DP=1,8; min=18; máx=28 Curso de Fonoaudiologia n=100 Sexo: F=96% (n=96); M=4% (n=4) Idade: M=23; DP=1,5; min=18; máx=31

De acordo com a Tabela 2, no que concerne ao tamanho da amostra em estudo, verificam-se variações entre 10 a 542 participantes, sendo, em geral, as pesquisas efetuadas com estudantes as que têm amostras mais numerosas, tendo-se apurado dois (2) estudos cuja amostra inicial foi composta por mais de 1000 indivíduos.

Analisando as características sociodemográficas, constata-se que as amostras estudadas são, maioritariamente, mistas em termos de sexo (n=18): compostas por elementos do sexo masculino, apurou-se uma investigação, e duas investigações cujo alvo de avaliação são elementos do sexo feminino.

Dos 21 artigos incluídos na revisão, 62,5% do total dos estudos foram efetuados com estudantes (14), dos quais onze (11) são com estudantes universitários, sendo que um (1) inclui universitários e professores. Quanto às características das amostras dos restantes 37,5% dos estudos, verificamos um (1) com mães de crianças, um (1) com casais, dois (2) com indivíduos que apresentavam algum tipo de patologia (um com deficiência física e um com Síndrome de Down), e dois (2) com cuidadores (um de pacientes psiquiátricos e um de idosos), e um (1) com trabalhadores de um supermercado.

Relativamente à idade dos participantes nas pesquisas, abrangem um intervalo desde os 12 aos 69 anos, estando as médias compreendidas entre 15,1 e os 54 anos.

5. Descrição das variáveis e técnicas de avaliação

Tabela 3. *Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas*

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
1	1. Habilidades Sociais	1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)
	2. Socialização	2. Escala Fatorial de Socialização (Nunes & Hutz, 2007)
2	1. Habilidades Sociais	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)

Tabela 3 (cont.) - Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
2	2. Habilidades Sociais no Comportamento pro -Cidadania 3. Categorias de comportamentos socialmente habilidosos já apresentados pelos alunos	2. Versão do IHS adaptada que contempla questões específicas vinculadas ao tema de comportamentos pró-cidadania 3. “Questionário aberto sobre Habilidades Sociais” elaborado com 8 perguntas, aplicado aos professores
3	1. Habilidades Sociais 2. Poder de aquisição de bens pelo consumidor, utilizado para classificar a população em termos económicos	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Critério de Classificação Econômica Brasil - CCEB (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2003)
4	1. Satisfação Conjugal 2. Habilidades Sociais na Empatia Conjugal 3. Habilidades Sociais Conjugais	1. Escala de Satisfação Conjugal - ESC (Dela Coleta, 1989) 2. Questionário de Empatia Conjugal - QEC (Oliveira, 2005) 3. IHSC - Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (Villa, 2002), adaptado do IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)
5	1. Dados pessoais, história de consumo de maconha e morbidades decorrentes do uso de drogas 2. Diagnóstico da dependência e abuso da substância (<i>Cannabis</i> ou maconha) 3. Habilidades Sociais	1. Questionário sociodemográfico 2. Entrevista clínica estruturada, elaborada segundo critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-IV-TR 3. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 4. <i>Screening</i> cognitivo das Escalas Weschler de Inteligência (Cunha, 2009)

Tabela 3 (cont.) - Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
5	4. Rastreamento de déficit cognitivo 5. Depressão 6. Ansiedade	Subtestes <i>vocabulário, cubos, código e dígitos</i> da - WISC-III (Weschler, 1991), adolescentes com 15 a 16 anos - WAIS-III (Weschler, 1997), adolescentes com 17 a 22 anos 5. BDI - Inventário de Depressão de Beck 6. BAI - Inventário de Ansiedade Beck
6	1. Problemas de comportamento 2. Habilidades Sociais de pré-escolares por parte das mães 3. Habilidades Sociais e Indicativos de Problemas de comportamento	1. Escala Comportamental Infantil B de Rutter, versão professor (ECI-B, Santos, 2002); Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, versão para pais (ECI-A2, adaptada por Graminha, 1994) 2. Questionário de respostas Socialmente Habilidade para Pais (QRSH- Pais, Bolsoni-Silva, Marturano & Loureiro, no prelo) 3. Entrevista sobre Comportamentos Infantis e Parentais (E-CIP, Leme, 2008)
7	1. Habilidades Sociais 2. Aceitação e rejeição entre pares	1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Medida Sociométrica (Moreno, 1972)
8	Reportório de Habilidades Sociais	Observação direta
9	1. Habilidades Sociais 2. Aceitação ou rejeição entre pares	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Medida Sociométrica (Moreno, 1972)
10	1. Habilidades Sociais 2. Sintomas de medo, evitação e fisiológicos 3. Transtorno de Ansiedade Social	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. <i>Social Phobia Inventory</i> (SPIN) 3. Mini-SPIN - Versão abreviada do SPIN 4. Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV

Tabela 3 (cont.) - Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
	4. (TAS) Confirmação do diagnóstico do TAS	([SCIDCV - versão clínica], First, Spitzer, Gibon, & Willians, 1997), adaptada para o Brasil (Del-Ben et al., 2001), Módulo F (ansiedade)
11	1. Comportamento interpessoal 2. Habilidades sociais	1. <i>Checklist</i> de Relações Interpessoais-II (CLOIT-II) (traduzido e adaptado para a população Brasileira por Couto, Van Hattum, Vandenberghe e Benfica, 2005) 2. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)
12	1. Habilidades sociais 2. Comportamento interpessoal	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. <i>Checklist</i> de Relações Interpessoais - II (CLOIT-II)
13	1. Habilidades sociais 2. Tendência à sonolência em situações cotidianas	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Escala de Sonolência Diurna de Epworth (Jonh Muray, 1991)
14	1. Características sociodemográficas e padrão de consumo de tabaco 2. Dependência Nicotínica 3. Habilidades sociais	1. Questionário sociodemográfico 2. Teste de Fagerstrom para Dependência Nicotínica – Versão Brasileira (Meneses-Gaya, Zuardi, Loureiro & Crippa, 2009) 3. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)
15	1. Relacionamento Interpessoal e Produtividade 2. Habilidades Sociais	1. Zulliger no Sistema Compreensivo ZSC - forma individual (Villemor, Amaral & Primi, 2009) 2. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2005)

Tabela 3 (cont.) - Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
16	1. Habilidades Sociais 2. Inteligência e Expetativas Académicas	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Teste Raciocínio Abstrato da Bateria de Provas de Raciocínio - BPR-5 (Almeida & Primi, 2000)
17	1. Habilidades Sociais no Relacionamento professor/aluno 2. Habilidades Sociais nas Práticas Educativas	1. Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas para Professores – RE-HSE-Pr (Adaptação de Bolsoni-Silva et all, 2011) 2. Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas- versão professor (QRSH-PR)
18	1. Itens pertinentes ao contexto de cuidar de um idoso 2. Comportamentos construtivos e pertinentes ao contexto de cuidar de um idoso 3. Sobrecarga subjetiva de familiares de cuidadores 4. Aspetos positivos e negativos do vínculo entre o cuidador e o idoso	1. Versão reduzida do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) 2. Versão reduzida do Inventário de Estratégias de Enfrentamento de Estresse do Canadian Aging Research Network (Carnet, 1993) 3. Escala de Burden de Zarit (ZBI) 4. Versão em português da Dyadic Relationship Scale, traduzida por Thomazatti e Barham
19	1. Habilidades Sociais 2. Timidez, Agressividade e Assertividade 3. Variáveis sociodemográficas dos familiares e pacientes, e variáveis clínicas dos pacientes	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. <i>Rathus Assertiveness Schedule</i> - RAS, Escala de Assertividade Rathus, adaptada para o Brasil por Pasquali e Gouveia (1990) 3. Questionário sociodemográfico e

Tabela 3 (cont.) - *Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas*

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
		clínico
20	Habilidades Sociais	IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)
21	Habilidades Sociais	IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)

Nota. A numeração permite emparelhar as variáveis com as técnicas de avaliação utilizadas para avaliar cada uma delas

Particularizando a avaliação das Habilidades Sociais, a Tabela 3 demonstra que 18 dos artigos descritos referem a utilização do IHS - Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette. Contudo, salienta-se o facto de 3 destes estudos serem versões adaptadas do IHS, como é o exemplo do “IHS - versão adaptada para contemplar questões específicas vinculadas ao tema de comportamentos pró-cidadania”, o “IHSC - Inventário de Habilidades Sociais Conjugais” e a “Versão Reduzida do Inventário de Habilidades Sociais (IHS - Del Prette)”.

Referenciando outras técnicas de avaliação das habilidades sociais, um dos artigos menciona uma metodologia observacional direta, sendo de sublinhar que o estudo é sobre um grupo de sujeitos portadores do Síndrome de Down.

Nos estudos que envolvem pais e professores, os instrumentos de avaliação aplicados são: o QRSH-Pais - Questionário de respostas Socialmente Habilidade para Pais de Bolsoni-Silva, Marturano e Loureiro; o QRSP-PR - Questionário de respostas Socialmente Habilidade para Professores de Bolsoni-Silva et al; o RE-HSE-Pr - Roteiro de Entrevista de Habilidades Educativas para Professores adaptado por Bolsoni-Silva et al.

Mencionando as restantes variáveis estudadas, identificou-se uma multiplicidade de temáticas, abrangendo dimensões do meio profissional (relações

interpessoais e produtividade), do meio académico (relação entre professores e alunos), características psicológicas (personalidade, ansiedade social, timidez, agressividade e inteligência), físicas (dependência e abuso de substâncias, sono, consumo de tabaco), socialização (comportamento pró-cidadania e aceitação e rejeição entre pares), meio económico (poder de compra); comportamentais (problemas de comportamento), características conjugais (satisfação conjugal) e características do cuidador (de idosos e doentes psiquiátricos).

A esta variabilidade de constructos correspondem uma diversidade de técnicas de avaliação.

Discussão dos Resultados

Refletindo sobre os resultados obtidos na análise efetuada aos artigos selecionados, ao apurar que os anos em que se verificou maior produção de estudos são os de 2009 e 2013, uma das conclusões viáveis relativamente à investigação sobre habilidades sociais, é que poderá ter existido períodos de maior e de menor interesse, por parte da comunidade científica, e não um investimento crescente (ou decrescente) nesta área.

No decorrer da revisão, constatou-se que os 21 estudos foram todos efetuados no Brasil. Porém, ao refletir sobre este resultado, considera-se que uma das suas prováveis causas será o facto de terem sido utilizadas para a pesquisa as bases de dados integradas no RCAAP, assim como as palavras-chave usadas (“habilidades sociais”), o que eventualmente terá limitado o número e a variedade de artigos identificados. A palavra-chave pode, também, estar na base da não identificação de estudos que focassem habilidades sociais específicas.

Quanto às amostras, foram constituídas por uma média de 352 indivíduos, indo de encontro ao que já havia sido referido por Bolsoni-Silva, et al. (2006) e Bender e Calvetti (2015), quando afirmaram que as amostras dos estudos realizados

no Brasil eram grandes, existindo a possibilidade de uma amostra maior poder gerar resultados mais confiáveis.

Uma amostra reduzida poderá apresentar dificuldades para o estudo, uma vez que afetará a análise entre os subgrupos, comprometendo o desempenho dos testes estatísticos (Miot, 2011). Mas, por outro lado, o aumento da amostra reduz os intervalos de confiança, existindo a probabilidade de uma diferença estatística entre grupos da amostra, ainda que não tenham um significado relevante (Júnior, 2009).

Da pesquisa empreendida sobre a temática obtiveram-se 21 estudos com resultados favoráveis quanto à avaliação das habilidades sociais, apesar de se ter detetado um número reduzido de técnicas de avaliação (psicométricas). Em 18 estudos foi utilizado o IHS - Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette & Del Prette, e em 3 foram aplicadas versões adaptadas do IHS, nas quais foram valorizadas as variáveis em estudo. A diminuta acessibilidade a instrumentos que permitam avaliar as habilidades sociais e, por outro lado, o facto de os estudos terem sido realizados no Brasil, predispondo a uma preferência pela escala mais recorrente no país, poderão justificar a predominância do IHS na presente revisão.

No entanto, nos resultados da pesquisa, localizou-se um estudo em que a metodologia utilizada, para avaliar as habilidades sociais em adolescentes com Síndrome de Down, foi a observação direta. Atendendo ao facto de que estes indivíduos poderão manifestar algumas limitações na leitura, a observação apresentou-se como o modo de avaliação mais adequado.

Dos artigos seleccionados, foi possível concluir que a sua totalidade tinha como objetivo caracterizar e relacionar as habilidades sociais com outras variáveis em estudo. Este fato vem confirmar o estudo realizado por Bolsoni-Silva et al (2006), que descreve subsistir uma predominância de estudos de natureza correlacional.

Ao comparar os resultados obtidos na presente revisão em relação às técnicas de avaliação com os de outras revisões da literatura consultadas, não se verifica uma convergência total.

O estudo de Freitas (2013) obteve como resultado da sua revisão sistemática entre os anos de 2004 a 2012, uma predominância da Escala de Avaliação Ecológica de Habilidades Sociais de Tremblay e Bandeira em 1989. Tal contraria a presente revisão, que indica que o IHS - Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette foi o instrumento mais utilizado na avaliação das habilidades sociais. Refletindo sobre esta circunstância, uma hipotética justificação terá sido o facto de o IHS ter surgido em 2001 e, em parte da época analisada (2004/2012), ainda não haver evidências da sua eficácia.

Já o estudo de Bender e Calvetti (2015), que aborda uma revisão dos instrumentos mais utilizados na avaliação das habilidades sociais entre os anos de 2000 a 2013, concluiu que o IHS era o instrumento mais utilizado, indo de encontro ao resultado obtido na presente revisão.

O estudo de Cordier et al. (2015) revela uma evidência de suma importância ao constatar, na sua análise, o facto de não existirem instrumentos de avaliação das habilidades sociais destinados a adultos, não possibilitando uma investigação credível desta faixa etária.

O levantamento dos instrumentos de avaliação das habilidades sociais surge assim como um ponto de partida, facilitando a elaboração de uma intervenção adequada e que vá de encontro às necessidades do(s) indivíduo(s).

Considera-se pertinente referir que, na maioria dos estudos analisados, a avaliação é realizada de forma a caracterizar e relacionar as habilidades sociais com outras variáveis, propondo como um objetivo subsequente, o delineamento de um programa de treino das habilidades sociais. Não foram identificados, no entanto, estudos que se debruçassem sobre a avaliação das habilidades sociais como forma

de prevenção, o que seria um aspecto de suma importância (Thompson & Rappe, 2002), já que o treino não proporciona apenas a aprendizagem de novas habilidades sociais, mas também a melhoria do desempenho social do indivíduo (Gresham & Elliot, 2008).

Conclusão

Atualmente, as habilidades sociais apresentam-se como uma das temáticas mais estudadas na psicologia, decorrente da complexidade e diversidade dos contextos em que o indivíduo está inserido e das competências necessárias para a sua integração. Com o intuito de promover a adequação do comportamento do indivíduo ao seu meio, possibilita identificar quais as habilitações sociais que fazem parte do seu repertório, bem como os seus défices, possibilitando ajustar os seus comportamentos aos outros e ao meio, desenvolvendo assim as suas relações sociais.

Pretendendo colmatar essas carências, a avaliação surge como a fase inicial de um processo, que culminará com a intervenção, por meio do treino adequado de habilidades sociais.

O treino das habilidades de comunicação, de civilidade, de habilidades empáticas e de expressão de sentimentos positivos, entre outras, são algumas das temáticas que integram os programas de habilidades sociais, que têm como objetivo melhorar a interação social do indivíduo.

Pode-se, sucintamente, concluir que a totalidade dos estudos selecionados do RCAAP, que abordam o tema das habilidades sociais, foi realizada no Brasil, tendo a maioria como instrumento de avaliação o IHS de Del Prette e Del Prette.

A grande maioria destes estudos utilizou um método não-experimental, limitando-se a descrever as habilidades sociais e/ou verificar a relação entre estas e outras variáveis. Neste contexto, tornam-se mais compreensíveis as dimensões de

grande parte das amostras, que eram maioritariamente constituídas por estudantes. É, todavia, de sublinhar a integração de amostras clínicas nos estudos analisados. Adicionalmente, as variáveis (adicionais) incluídas nos estudos e as relações identificadas entre estas e as habilidades sociais, poderão estar na base da planificação de novos programas de treino de habilidades sociais.

Analisando as limitações da presente revisão, considera-se que a dimensão do estudo poderia ter sido mais ampla, caso se tivesse optado por incluir uma maior quantidade de bases de dados, o que leva a refletir acerca dos resultados apurados. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao facto de se ter recorrido à palavra-chave “habilidades sociais”, integrado no título dos artigos.

Como proposta para futuros estudos, seria de alargar a pesquisa a outras bases de dados, o que permitiria comparar os estudos realizados sobre as habilidades sociais noutros países, com recurso a outras técnicas de avaliação e com uma maior diversidade.

Tendo em consideração os resultados obtidos nesta revisão, que sugere que o IHS se apresenta como o instrumento mais utilizado no Brasil, seria pertinente a sua adaptação à população portuguesa.

Este é um projeto que permitirá avaliar e mensurar as habilidades sociais de indivíduos em diversas dimensões e detetar défices, contribuindo para o delineamento de programas de intervenção adequados, quer para a sua prevenção e/ou intervenção ao nível das habilidades sociais.³

³ Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 142.

CAPITULO III

Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade e as Habilidades Sociais: Revisão das Relações

Ana Carina Peixoto (1)

Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS - UFP

(2) FCHS/ CTEC/ FP-B2S/HE-UFP

Resumo: Alguns dos modelos explicativos da personalidade consideram o meio social central para o constructo personalidade. Adicionalmente, (traços de) personalidade e habilidades sociais apresentam-se como duas temáticas focadas em diversos estudos, destacando-se os que exploram a relação entre (indicadores de) ambas. Grande parte destes estudos tem por base o modelo dos cinco grandes fatores de personalidade. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as relações teóricas e empíricas entre as dimensões da personalidade, de acordo com o modelo dos cinco grandes fatores, e as habilidades sociais. Os resultados permitiram concluir que estas variáveis se apresentam relacionadas quer conceptualmente, quer empiricamente. A personalidade e as habilidades sociais poderão, assim, influenciar-se mutuamente, quer em sentido adaptativo ou não adaptativo.

Palavras-chave: Traços de personalidade; Habilidades sociais; Modelo dos Cinco Fatores; Revisão da literatura.

Abstrat: *Some of the explanatory models of personality consider the social environment as an essential element. Additionally, personality (traits) and social skills are focused in several studies, some of which explore the relationship between them. Much of this is based on the big five model. Thus, the present study aims to analyze the theoretical and empirical relationships between personality dimensions, according to the big five model, and social skills. The results suggest that these variables are conceptually and empirically related. Personality and social skills may thus influence each other, whether in an adaptive or non-adaptive sense.*

Keywords: *Personality traits; Social skills; Big Five Model; Literature review.*

Introdução

A personalidade apresenta-se como uma das temáticas mais estudadas no âmbito de Psicologia, carecendo no entanto de uma definição consensual (Ferraz & Pereira, 2002). Verifica-se concordância entre os autores na definição da personalidade como algo (tendencialmente) estável, único e específico que distingue o indivíduo dando-lhe identidade (Lin, 2016; Sisto, 2004). Contudo, existem perspectivas distintas relativamente à sua estrutura e componentes que a influenciam (Ribeiro, 2013).

Assim, a origem da palavra personalidade é atribuída por diversos autores a um conjunto de significados que, em síntese, a caracterizam como uma máscara, ou seja, a forma como o indivíduo se revela nas diferentes interações com os outros (Anaut, 1973; Hansenne, 2003; Huber, 1977; Singer, 1984).

Dessa forma, a personalidade é encarada como um padrão de comportamentos e processos intrapessoais que têm a sua origem dentro do indivíduo (Magalhães & Gomes, 2007).

Estes comportamentos abarcam um conjunto de características estáveis, na qual estão incluídos os comportamentos, os sentimentos, as emoções, a tomada de decisão e a cultura (Monteiro, 2012).

É o resultado deste conjunto de características que torna cada indivíduo único quanto à sua organização, salientando-se que esta se irá ajustar para que o indivíduo se adapte ao ambiente (Eysenck, 1953, 1994, citado por Boyle, Matthews & Saklofske, 2008) através da forma como se comporta (Schaick, Kovacik, Hallman, Diaz & Morrison, 2007).

Queiroz (1997) acrescenta ainda que a personalidade é composta por um conjunto de fatores internos que se apresentam mais ou menos estáveis, e que fazem com que o comportamento do indivíduo seja sólido durante a sua vida e diferente do comportamento apresentado pelos pares quando dentro do mesmo contexto.

Concordante com o facto de a personalidade ser uma organização dinâmica, Allport (1973, citado por Sousa, 2012) refere que esta resulta da integração dos sistemas psicológicos e físicos, que irão acabar por determinar o comportamento, o pensamento e a forma como o indivíduo se irá adaptar e interagir com o ambiente (Rey, 2008).

Mas se os processos poderão afetar a forma como o indivíduo se adapta ao meio, também a personalidade pode ser definida pelas causas subjacentes do comportamento, ou seja, através das experiências que o indivíduo vivencia nas suas interações (Cloninger, 1999, 2003).

Maioritariamente, as teorias iniciais da personalidade centraram-se apenas no indivíduo, alienando-o da sociedade, descartando o facto de a personalidade surgir no mundo social por intermédio do comportamento que o indivíduo apresenta nas suas interações (Bighetti, 2010).

Na perspetiva de alguns autores, essas teorias preconizam uma definição de personalidade incompleta, ao excluïrem fatores ambientais, tais como as diferenças sexuais e culturais, entre outros, defendendo a valorização desses mesmos fatores, que segundo estes funcionam como reforço e estímulo para o indivíduo (Cloninger, 1999, 2003).

Apesar de existirem teorias que indicam que os traços de personalidade são isolados das influências do ambiente, as teorias mais recentes consideram que tais traços resultam das experiências de vida (Dantas, 2006). Ou seja, indicam que as dinâmicas da personalidade sofrem influências do meio (Cloninger, 1999, 2003). Segundo Singer (1984), a personalidade resulta assim de inúmeras ações públicas e expressões verbais e não-verbais.

A perspetiva (recente) das teorias de traços, tal como a teoria dos *Big Five* ou Modelo dos Cinco Grandes Fatores, é a de que os traços da personalidade são padrões relativamente persistentes de pensamentos, sentimentos e procedimentos que se espera

que se mantenham estáveis, ao longo do tempo, e consistentes ao longo de diferentes contextos (Allemand, Zimprich & Hendriks, 2008).

Scllon e Diener (2006) colocam, no entanto, um desafio à teoria dos cinco fatores. Contrários à noção de que os traços são disposições imutáveis, os autores sugerem que a extroversão e o neuroticismo podem, de facto, mudar com o tempo e que estas modificações estarão em certa medida relacionadas com importantes esferas sociais, como o trabalho e as relações afetivas, muito para além dos efeitos da idade.

Para alguns autores, a personalidade poderá ser entendida como um processo de aprendizagem que envolve o cognitivo, o orgânico e o sociocultural, integrando dessa forma os hábitos e as atividades sociais (Lopes, Salovey & Straus, 2003; Sisto, 2004).

Seguindo-se a perspetiva de que a personalidade é uma dimensão integradora, as habilidades sociais podem apresentar-se como uma componente associada ao meio social através da forma como o indivíduo se comporta na interação com os outros e, assim, capaz de influenciar a personalidade e/ou ser por ela influenciada (Contini de González, 2008).

Considerando que as habilidades sociais se apresentam como ferramenta essencial para uma boa integração no meio social e que o meio tem relevância na formação de determinados traços apresentados pelo indivíduo, o presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre as dimensões da personalidade e os componentes das habilidades sociais, de acordo com o modelo dos cinco grandes fatores.

1. Traços de Personalidade

Ao falar de personalidade, torna-se imperativo falar de traços de personalidade, uma vez que estes se assumem como uma descrição mais precisa na caracterização da mesma (Cloninger, 1999, 2003).

Os traços referem-se assim a um conjunto mais focalizado de características, que podem ser atribuídas a uma pessoa em diferentes grupos (Cloninger, 1999, 2003).

Dessa forma, a teoria dos traços tem como objetivo primordial o estudo dos comportamentos do sujeito a fim de o compreender, sendo a sua explicação baseada nos fatores hereditários, na predisposição que o indivíduo tem para o desenvolvimento de vários traços e nos fatores ambientais (Nunes, Hutz, & Giacconi, 2009).

O traço de personalidade pode ser definido pela resposta do indivíduo, ou seja, pela qualidade do comportamento e características emocionais apresentadas na interação com o meio e que, agrupadas, contribuem para a definição da personalidade (Conceição, 2011; Sousa, 2012; Thomas & Castro, 2012).

Assim, pode-se afirmar que o meio se assume como um dos fatores essenciais no resultado dos traços de personalidade, pois, à imagem da personalidade, também estes são características relativamente estáveis de sentir, pensar e atuar, existindo contudo a possibilidade de mudança, resultado da interação com o meio social (Sisto & Oliveira, 2007).

Prova disto é o fato das características emocionais e comportamentais que as pessoas apresentam no seu meio e nas suas relações poderem determinar o tipo de personalidade (Lundin, 1972, citado por Thomas & Castro, 2012).

Assim, ao longo do tempo, a personalidade acaba por ser resultado da organização que o indivíduo vai elaborando das respostas às diversas situações do meio, reagindo às mesmas, de maneira padronizada, harmonizando-se mais e melhor ao seu meio (Telles, 1982).

2. Modelo dos Cinco Grandes Fatores ou *Big Five*

O modelo dos cinco grandes fatores mostra-se como a versão moderna da teoria do traço (Silva, 2012), considerando que o traço apresenta uma relação entre a herança biológica e as experiências pessoais do indivíduo (Costa & McCrae, 1998). Defende que os traços com base biológica, ou seja, as tendências inatas de cada indivíduo, interagem com o ambiente social para orientar o seu comportamento a cada instante e produzir ações e experiências vivenciadas (McCrae, 2006, citado por Conceição, 2011; Silva, 2012).

Apesar do modelo dos cinco grandes fatores, ou *Big Five*, se apresentar como um modelo ainda refutado por alguns autores, é, se não o modelo de investigação da personalidade mais estudado nesta área (Costa & McCrae, 1998; John & Srivastava, 1999), pelo menos um dos mais estudados.

Um dos motivos para que o modelo dos cinco fatores ainda seja visto com reticências deve-se ao facto de não estar assente numa explicação teórica, que justifique a conceção das cinco dimensões como uma composição total da personalidade (Goldberg, 1993; Palma, 2012). Isso permitiu que se colocasse em questão se o modelo apenas descreveria a personalidade ou se também seria capaz de a explicar (Lima & Simões, 2000).

Compartilhando da mesma questão, Briggs (1992) aponta a falta de especificidade na definição dos cinco traços como uma das limitações da teoria dos cinco fatores.

Apesar de não existir concordância a nível geral em relação ao modelo, o surgimento da teoria dos cinco grandes fatores representa um avanço para a compreensão da estrutura da personalidade, tanto ao nível concetual, como empírico. Nesse sentido é considerado uma organização abrangente da estrutura dos traços de personalidade (Bighetti, 2010; Lima & Simões, 2000), em parte por se apresentar como

uma teoria descritiva e integrativa da personalidade (Bighetti, 2010), ao possibilitar a descrição da personalidade de forma simples (Silva & Nakano, 2011).

A teoria dos cinco fatores teve origem nas pesquisas realizadas por McDougall (1943, citado por Nunes, 2000), através da junção das teorias fatoriais e de traços de personalidade, que já compreendiam a personalidade dividida em cinco grandes dimensões (Silva & Nakano, 2011).

As pesquisas de McDougall, que preconizavam a avaliação da personalidade através de descritores, foram aprimoradas em parte devido aos estudos de Thurstone de 1934 (Gomes & Golino, 2012; Thurstone, 1934), que, ao avaliar, constatou que os traços de personalidade se poderiam agrupar em cinco dimensões (Nunes, 2000).

Contudo, o modelo dos cinco fatores não obteve de imediato reconhecimento, dando espaço a que outras teorias emergissem. Uma das teorias que acabou por se afirmar foi a teoria concebida por Eysenck (1967, citado por Filho, Machado, Teixeira & Bandeira, 2012), conhecida por “*Big Three*” ou Modelo PEN. O modelo inicialmente começou por estabelecer duas dimensões básicas: Extroversão - Introversão e Neuroticismo, que viriam a ser revistas em 1952 com a inclusão de uma terceira dimensão, o Psicoticismo (Sousa, 2012).

Alguns anos mais tarde, é dada primazia à teoria dos cinco fatores, no entanto, embora exista consenso em relação à estrutura dos cinco fatores ainda persistem divergências em relação à denominação de cada um dos fatores e dos traços e características de personalidade agrupadas em cada dimensão (Costa & McCrae, 1998; Hutz et al., 1998; Palma, 2012).

Contestando algumas das limitações apontadas ao modelo dos cinco fatores, Costa e McCrae (1992) afirmam que os cinco grandes fatores apresentam características positivas, salientando a estabilidade e a universalidade expressas na realidade de cada um dos fatores, permitindo assim a diferenciação em termos de género e cultural (Costa & McCrae, 1998; Thomas & Castro, 2012).

A estrutura dos cinco fatores define a personalidade como uma hierarquia de traços classificados em cinco domínios (Filho et al., 2012; Gosling, Rentfrow & Swann, 2003; Trentini et al., 2009), tendo competência para descrever a personalidade independentemente das suas diferentes características (Benet-Martinez & Oliver, 1998).

Cada um dos fatores é considerado como um contínuo, em que o indivíduo é posicionado, tendo em conta a sua maior ou menor pontuação, num determinado traço (Benet-Martinez & Oliver, 1998).

O modelo dos cinco fatores descrito por Costa e McCrae (2000) identifica cinco dimensões: o Neuroticismo (N), a Extroversão (E); a Abertura à experiência (O); a Amabilidade (A) e a Conscienciosidade (C), que se subdividem em trinta facetas que permitem uma avaliação compreensiva da personalidade (Costa & McCrae, 2000; McCrae & Costa, 2004) (cf. Figura 1).

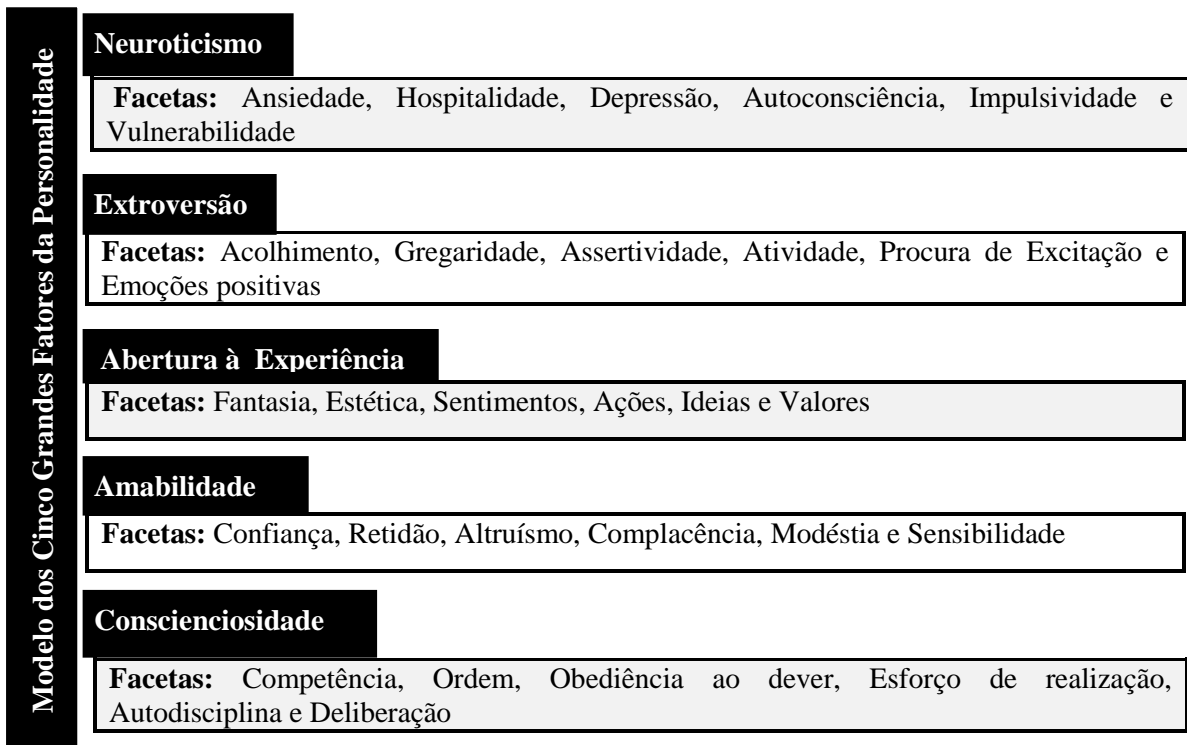


Figura 1. Domínios e Facetas avaliados pelo Modelo dos Cinco Grandes Fatores (adaptado de acordo com Costa & McCrae, 2000)

O *Neuroticismo* ou *Equilíbrio emocional* relaciona-se com a tendência que o indivíduo pode apresentar para experimentar estados emocionais negativos, e com o nível crônico de ajustamento e instabilidade emocional do indivíduo, tendendo a encarar o mundo de forma negativa (Costa & McCrae, 2000; Palma, 2012). Os indivíduos que apresentam valores elevados nesta dimensão são propensos a vivenciar sofrimento emocional, a apresentar características tais como ansiedade, baixa hospitalidade, depressão, sentindo-se menos à vontade ao pé dos outros, sendo mais impulsivos e entrando facilmente em pânico, tornando-se facilmente dependentes; já valores mais baixos caracterizam indivíduos menos ansiosos e estáveis emocionalmente (Cangussú & Ferreira, 2015; Lopes et al., 2014; Nunes, 2005; Silva, Sholottfeldt, Rozenberg & Santos, 2007; Sisto & Oliveira, 2007).

A *Extroversão* apresenta-se como uma dimensão relacionada com a afetividade positiva e com a sociabilidade (Costa & McCrae, 2000; Palma, 2012), indicando como as pessoas interagem com as demais, e o quanto são comunicativas, ativas e assertivas. Os indivíduos que obtenham pontuações mais elevadas nesta dimensão apresentam tendência a sentirem-se bem consigo mesmos, tendendo a ser mais afetuosos, sociáveis, mais assertivos, mais ativos, aceitando novos riscos, amistosos e propensos a experimentar emoções positivas (Cangussú & Ferreira, 2015; Lopes et al., 2014; Nunes, 2005; Silva et al., 2007; Sisto & Oliveira, 2007).

A *Abertura à Experiência* prende-se com a tendência apresentada pelo indivíduo para procurar novas atividades ou, pelo contrário, apresentar um leque limitado de interesses (Costa & McCrae, 2000; Palma, 2012), prendendo-se assim com comportamentos exploratórios e com a importância atribuída a novas experiências. Os indivíduos com pontuações mais elevadas apresentam-se mais criativos, valorizam a beleza, valorizam os próprios sentimentos, gostam de estar em ação, são curiosos e apresentam uma capacidade para reavaliar os valores sociais (Cangussú & Ferreira, 2015; Lopes et al., 2014; Nunes, 2005; Silva et al., 2007; Sisto & Oliveira, 2007).

A *Amabilidade* ou *Socialização* refere-se à facilidade, ou não, que o indivíduo demonstra para o relacionamento com os outros, ou seja, à qualidade das relações (Costa & McCrae, 2000; Palma, 2012; Trentini et al., 2009). Valores elevados nesta

dimensão refletem indivíduos frontais e sinceros ao lidar com os outros, generosos, empáticos, preocupados com os outros, e que aceitam a opinião dos outros, sendo simpáticos e guiados pelos sentimentos (Cangussú & Ferreira, 2015; Lopes et al., 2014; Nunes, 2005; Silva et al., 2007; Sisto & Oliveira, 2007).

A *Conscienciosidade/Realização ou Escrupulosidade* prende-se com o grau de escrupulosidade, organização, perseverança e controlo (Costa & McCrae, 2000; Palma, 2012; Trentini et al., 2009). Os indivíduos que obtenham pontuações mais elevadas nesta dimensão sentem-se capazes de lidar com a vida, são organizados, confiáveis, trabalhadores, decididos, obedecem a normas e padrões de comportamento, são motivados em função de um objetivo e apresentam cautela e ponderação nos seus pensamentos (Cangussú e Ferreira, 2015; Lopes et al., 2014; Nunes, 2005; Silva et al., 2007; Sisto & Oliveira, 2007).

A notoriedade do modelo dos cinco fatores deveu-se em grande parte ao Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO PI-R). Ou seja, criou-se dessa forma um instrumento utilizado em grande parte dos estudos da personalidade, quer na sua versão original como nas suas versões reduzidas, apesar de existirem algumas divergências em relação ao conteúdo dos cinco fatores (Costa & McCrae, 2000; Passos & Laros, 2014; Rego, Souto, Pina & Cunha, 2007).

3. Traços de Personalidade e Habilidades Sociais

O meio social e as interações que o indivíduo estabelece nesse contexto apresentam-se como uma das formas capazes de caracterizar os indivíduos quanto à sua personalidade e ao seu repertório de habilidades sociais.

Se a personalidade do indivíduo poderá ser avaliada através da impressão causada nos outros, podendo posteriormente produzir reações positivas ou negativas (Andrade 2008, citado por Dantas, 2006), as habilidades sociais, incide na interação dos indivíduos no meio social (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001), ou seja, através dos

comportamentos e interações que o indivíduo apresenta em determinadas situações (Soares, Naiff, Fonseca, Cardozo & Baldez, 2009).

As habilidades sociais demonstram-se cruciais na construção da competência social (Braz, Cômodo, Del Prette, Del Prette & Fontaine, 2013), sendo caracterizadas por Bolsoni-Silva, Del Prette, Montanher, Bandeira e Del Prette (2006) e Bolsoni-Silva e Carrara (2010) como conjuntos específicos de comportamento presentes no repertório de cada indivíduo e que é emitido por este perante uma situação interpessoal de forma competente, contribuindo para a competência social e sendo capaz de promover interações sociais satisfatórias, que lhe permite maximizar os ganhos e diminuir as perdas nas interações sociais (Casali-Robalinho, Del Prette & Del Prette, 2015; Leme, Del Prette & Coimbra, 2015).

As habilidades sociais referem-se, assim, à capacidade demonstrada pelo indivíduo para articular pensamentos, sentimentos e um conjunto de ações e atitudes em prol de um objetivo (Feitosa, Matos, Del Prette & Del Prette, 2005; Freitas, Bandeira, Del Prette & Del Prette, 2016) e de acordo com os seus valores e com o ambiente (Braz et al., 2013).

Segundo Del Prette e Del Prette (2001b), as habilidades sociais encontram-se divididas nas seguintes classes de habilidades:

- a) **Habilidades sociais de comunicação:** envolvem elementos de comunicação como fazer e responder a perguntas; gratificar e elogiar; pedir e dar *feedback* nas relações sociais e iniciar, manter e encerrar uma conversação;
- b) **Habilidades sociais de civilidade:** dizer por favor; agradecer; apresentar-se; cumprimentar e despedir-se;
- c) **Habilidades sociais de assertividade, direito e cidadania:** manifestar opinião; concordar; discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; desculpar-se e admitir

falhas; interagir com autoridade e lidar com críticas; expressar raiva e solicitar mudança de comportamento, interagir com autoridades e lidar com críticas;

- d) **Habilidades sociais empáticas:** capacidade de reconhecer sentimentos, refletir sentimentos e expressar apoio;
- e) **Habilidades sociais de trabalho:** envolvem comportamentos úteis para a resolução de problemas como coordenar um grupo; resolver problemas; tomar decisões;
- f) **Habilidades sociais de expressão de sentimentos positivos:** fazer amizade e expressar a solidariedade;

No entanto, as classes de habilidades sociais anteriormente apresentadas poderão surgir em alguma da literatura agrupadas de forma distinta, como é o exemplo específico do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del Prette e Del Prette (2001a), em que são agrupadas de forma distinta e distribuída pelos seus fatores sob diferentes designações e que se passa a apresentar.

O Enfrentamento e autoafirmação com risco envolve no IHS habilidades como apresentar-se a desconhecidos, lidar com críticas injustas, falar para público conhecido, devolver mercadoria defeituosa, manter conversa com desconhecidos e fazer perguntas a conhecidos (Del Prette & Del Prette, 2001a).

A Autoafirmação na expressão de afeto positivo engloba as habilidades de elogiar familiares e outras pessoas, expressar sentimento positivo, agradecer elogios e defender um grupo ou uma pessoa (Del Prette & Del Prette, 2001a).

A Conversação e desenvoltura social abarcam habilidades para manter e encerrar conversação, abordar pessoas com posição de autoridade, reagir a elogios, pedir favores a colegas e recusar pedidos abusivos (Del Prette & Del Prette, 2001a).

A *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* reúne habilidades para fazer apresentações ou palestras a um público desconhecido e pedir favores ou fazer perguntas a pessoas desconhecidas (Del Prette & Del Prette, 2001a).

O *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* abrange as habilidades de lidar com críticas e chacotas ou brincadeiras ofensivas (Del Prette & Del Prette, 2001a).

Dependendo dos contextos em que ocorrem, muitos dos desempenhos sociais requerem uma combinação destas diferentes classes de habilidades sociais (Andrade, 2001).

Diversos estudos realizados acerca da temática personalidade e habilidades sociais têm demonstrado existir uma relação entre as variáveis, sugerindo que estas se influenciam mutuamente (Cangussú & Ferreira, 2015).

Nesta perspectiva, pode-se entender a personalidade como um sistema em que as tendências inatas interagem com o meio social, advindo desta interação a produção de ações e experiências novas (McCrae, 2010).

Apoiados nos estudos que têm investigado quais os fatores capazes de influenciar o desenvolvimento e manutenção das habilidades sociais, alguns autores têm afirmado que diversas características da personalidade estão envolvidas nas habilidades sociais do indivíduo (Villa, Del Prette & Del Prette, 2007).

Assim, as interações sociais são moldadas, de certa forma, por determinados componentes da personalidade que poderão favorecer ou não um melhor padrão de interação (Soares et al., 2009).

Mas, se por um lado, alguns autores defendem que a personalidade poderá influenciar o repertório de habilidades sociais do indivíduo (Villa et al., 2007), por

outro lado, outros autores apoiam a tese de que as frustrações ou gratificações às quais o indivíduo está sujeito na interação no meio social poderão afetar a sua personalidade e vice-versa (McFall, 1982).

4. Relações Teóricas entre os Cinco Fatores e as Habilidades Sociais

As habilidades sociais são observáveis em situações de interação social. No entanto, quando se estuda as interações do indivíduo no meio social deve-se ter em conta o indivíduo como um conjunto de componentes, no qual se englobam os traços de personalidade, que lhe permitem revelar-se melhor ou pior nas interações sociais (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2014; Bueno et al., 2001).

Dessa forma, padrões mais estáveis no que se refere aos traços de personalidade podem ser indicativos de um bom reportório de habilidades sociais, podendo ocorrer no sentido adaptativo ou não adaptativo (Del Prette, Falcone & Murta, 2013).

As hipóteses que se seguem foram elaboradas a partir revisão da literatura relativa à caracterização conceptual dos traços de personalidade que fazem parte do modelo dos cinco grandes fatores e das habilidades sociais integradas por Del Prette e Del Prette (2001a) no Inventário Habilidades Sociais - IHS, uma vez que se apresenta como um dos instrumentos de Língua Portuguesa mais utilizado em estudos sobre habilidades sociais (Santos, Peixoto & Meneses, 2017).

O *Enfrentamento e Autoafirmação com risco* caracteriza-se pela maior eficácia que o indivíduo apresenta para lidar com situações interpessoais e pela maior facilidade na afirmação e defesa de direitos ao discordar de autoridades, facilidade para falar em público e manter uma conversa com desconhecidos, mostrando-se ainda relacionado com a assertividade e o controlo da ansiedade (Del Prette & Del Prette, 2001a; Espírito & Castro, 2011; Magalhães e Murta, 2003; Penha, Heck, Neto & Silva, 2016).

O *Enfrentamento e Autoafirmação com risco*, por reunir habilidades características como as apresentadas, poderá encontrar-se relacionado de forma negativa,

ou seja, com baixos valores de *Neuroticismo*, que caracteriza indivíduos mais estáveis, relaxados e confiáveis (Costa & McCrae, 2000; Newby et al., 2017; Palma, 2012). Pode ainda estar relacionado de forma positiva, ou seja, com valores mais elevados de *Extroversão*, uma vez que indivíduos extrovertidos apresentam características favoráveis a uma melhor interação com os pares, maior facilidade de exposição e sendo mais comunicativos e assertivos ao serem capazes de lidar melhor com situações de conflito (Wihler, Meurs, Mom, John & Blicke, 2017) e com a *Abertura à experiência*, mais especificamente, com a faceta relacionada com as ações, uma vez que esta é característica de indivíduos com maior número de comportamentos exploratórios, que lhe permitem obter novas experiências (Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000).

Por se caracterizar pela forma assertiva como os indivíduos reagem, o *Enfrentamento e Autoafirmação com risco* poderá também encontrar-se relacionado de forma positiva com a *Amabilidade*, que se caracteriza pela facilidade que o indivíduo demonstra para o relacionamento com os outros com a *Conscienciosidade*, que é característica de indivíduos mais competentes (Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira & Souza, 2005; Wihler et al., 2017).

A *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* sendo caracterizada pela capacidade que o indivíduo apresenta para elogiar, expressar sentimentos positivos, agradecer elogios e defender os outros e que remete para a autoestima (Del Prette & Del Prette, 2001a; Espirito & Castro, 2011), pode estar relacionada de forma negativa com o *Neuroticismo*, ou seja, com valores mais baixos obtidos nesta dimensão, que caracteriza indivíduos menos hostis e mais amigáveis, mostrando-se ainda alegres, confiantes e com mais aptidões sociais (Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000; Newby et al., 2017).

Sendo ainda a *Autoafirmação e expressão de afeto positivo* caracterizada pela habilidade que os indivíduos apresentam para serem mais sensíveis, mostrarem preocupação com os outros, sendo indivíduos prestáveis, estando dispostos a acreditar nos outros e com tendência a ser mais confiáveis e apresentar maior retidão (Costa & Widiger, 1993 citado por Nunes, 2000), esta poderá estar relacionada, de forma

positiva, com a *Amabilidade*, uma vez que esta é descrita pela capacidade dos indivíduos demonstrarem maior qualidade nas relações interpessoais, tendendo a ser mais generosos, bondosos, prestativos e empáticos e também de forma positiva, ou seja, com valores mais elevados de *Extroversão*, que se caracteriza por indivíduos afetuosos, confiantes e que aceitam os riscos (Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000).

A *Autoafirmação e expressão de afeto positivo*, por se apresentar como uma habilidade que se relaciona com a facilidade em expressar sentimentos positivos e com a autoestima, poderá encontrar-se relacionada de forma positiva com a *Abertura à Experiência*, característica de indivíduos que respondem emocionalmente às situações, e com a *Conscienciosidade*, caracterizada pela realização (Bartholomeu, Nunes & Machado, 2008; Wihler et al., 2017).

A *Conversação e desenvoltura social* é a habilidade atribuída aos indivíduos com capacidade de manter uma conversação e que têm facilidade em abordar autoridade, reagir a elogios e recusar pedidos abusivos (Bartholomeu, Nunes & Machado, 2008; Del Prette & Del Prette, 2001a; Espírito & Castro, 2011).

Sendo os indivíduos com valores mais baixos na dimensão *Neuroticismo*, mais especificamente na faceta vulnerabilidade, caracterizados por apresentarem habilidades para lidar com situações de tensão e com elevado nível de autoconsciência, apresentando boas aptidões sociais e mostrando maior nível de ajustamento (Costa & McCrae, 2000) então a *Conversação e desenvoltura social* poderá relacionar-se de forma negativa com o *Neuroticismo*.

Uma vez que este conjunto de habilidades envolve a capacidade de manter uma conversa, de reagir a elogios e recusar pedidos abusivos poderá ainda relacionar-se, de forma positiva, com a *Extroversão*, uma vez que esta dimensão da personalidade é patente em pessoas que experimentam estados emocionais positivos, que apreciam o contato social e se apresentam mais assertivas (Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000; Jonh, Naumann & Sotto, 2008); a *Amabilidade*, presente em indivíduos com destreza no relacionamento com os outros, francas e menos arrogantes (Cangussú

& Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000); a *Conscienciosidade* e a *Abertura à experiência*, no sentido em que estas dimensões são caracterizadas pela capacidade dos indivíduos demonstrarem obediência e cumprir as normas sociais, caracterizando-se como pessoas decididas, perseverantes, curiosas e muito criativas (Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & Widiger, 1993, citado por Nunes, 2000; Costa & McCrae, 2000; Wihler et al., 2017).

A *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* caracteriza-se pelas competências que os indivíduos demonstram para fazer apresentações ou palestras a um público desconhecido, pedir favores e fazer perguntas (Del Prette & Del Prette, 2001a; Espírito & Castro, 2011). Assim, dado que a *Extroversão* se manifesta em indivíduos comunicativos e assertivos, confiantes e que procuram excitação em novas situações, aceitando o risco que daí poderá advir, experimentando frequentemente emoções positivas e motivados (Costa & McCrae, 2000; Kokkinos, Kargiotidis & Markos, 2015), coloca-se a hipótese de a *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* se relacionar de forma positiva com a *Extroversão*.

A habilidade para se apresentar diante de grupos de pessoas, colocando questões, e acreditando no seu próprio valor, i.e., a *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* poderá estar ainda relacionada negativamente, com o *Neuroticismo*, visto que os indivíduos com pontuações mais baixas nesta dimensão se apresentam equilibrados emocionalmente e com facilidade para lidar com situações de tensão (Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000); e positivamente com a *Amabilidade*, característica dos indivíduos mais confiantes, com a *Abertura à Experiência*, característica dos indivíduos que procuram novas atividades e vivências, e com a *Conscienciosidade*, presente em indivíduos mais perseverantes (Costa & McCrae, 2000).

O *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* prende-se à reação apresentada pelo indivíduo perante estimulações aversivas e ao controle da raiva e impulsividade (Del Prette & Del Prette, 2001a; Espírito & Castro, 2011).

Ao se caracterizar pela capacidade de maior controle da raiva e impulsividade, o *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* poderá relacionar-se, de forma positiva, com a *Amabilidade*, uma vez que esta é característica dos indivíduos mais altruístas e sensíveis e que apresentam maior preocupação com os outros (Bartholomeu, Nunes & Machado, 2008; Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000), e, de forma negativa, com o *Neuroticismo*, uma vez que os indivíduos com valores mais baixos nesta dimensão da personalidade são caracterizados como mais equilibrados, com temperamento moderado, com maior resistência à frustração (Costa & McCrae, 2000).

Por abarcar habilidades necessárias para que o indivíduo reaja de forma desejada e menos impulsiva a situações aversivas (Bartholomeu, Nunes & Machado, 2008) o *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* poderá relacionar-se com valores mais elevados de *Extroversão*, típicos de indivíduos que encaram situações competitivas mais favoravelmente, com a *Abertura à experiência* característicos de maior tolerância, e com a *Conscienciosidade*, que descrevem indivíduos que lidam bem com as situações de vida (Costa & McCrae, 2000).

5. Relações Empíricas entre os Cinco Fatores e as Habilidades Sociais

De modo a analisar com maior pormenor as relações entre personalidade e habilidades sociais, preconizadas na literatura, serão de seguida explorados estudos que tiveram exatamente como objetivo investigar a possível relação entre traços de personalidade e habilidades sociais (cf. Tabela 1).

Dado a análise se basear na definição de personalidade na perspetiva do modelo dos cinco grandes fatores, apenas serão considerados os estudos que integrem no seu protocolo de investigação instrumentos baseados nesse modelo.

Tabela 1. Síntese de Estudos sobre Personalidade e Habilidades Sociais

Nº	Ano	Autores	Objetivo/Participantes/Material
1	2001	Bueno, Oliveira & Oliveira	<p>Objetivo: Investigar as relações existentes entre as habilidades sociais e traços de personalidade segundo o Modelo dos Cinco Grandes Fatores</p> <p>Participantes: 189 estudantes universitários brasileiros - 41 homens e 148 mulheres, com uma média de idades de 26,3 anos</p> <p>Material: Escala Cinco Grandes Fatores de Personalidade de Hutz et al. (1998); Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del Prette, Del Prette e Barreto (1998)</p>
2	2005	Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira & Souza	<p>Objetivo: Verificar a relação entre o comportamento assertivo e o menor grau da ansiedade, maior grau de internalidade e maior autoestima</p> <p>Participantes: 135 estudantes brasileiros - 82 do sexo masculino e 53 do sexo feminino, com média de 25 anos</p> <p>Instrumentos: Escala de Assertividade de Rathus; Inventário de Locus de Controlo de Levenson; Escala de Autoestima de Dela Coleta (1980); Inventário de Ansiedade Traço-Estado de Spielberger, Gorsuch & Lushene (1970)</p>

Tabela 1. (cont.) - Síntese de Estudos sobre Personalidade e Habilidades Sociais

Nº	Ano	Autores	Objetivo/Amostra/Instrumento do Estudo
3	2008	Bartholomeu, Nunes & Machado	<p>Objetivo: Analisar as relações entre as habilidades sociais e traços de personalidade englobados por socialização, no Modelo dos Cinco Grandes Fatores</p> <p>Participantes: 126 estudantes universitários brasileiros com média de idades de 21 anos e em que 53,5% eram homens</p> <p>Material: Escala Fatorial de Socialização de Nunes e Hutz (2007); Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del Prette e Del Prette (2001)</p>
4	2013	Feitosa	<p>Objetivo: Explorar correlações entre as habilidades sociais e o neuroticismo</p> <p>Participantes: 1031 universitários brasileiros, 32% homens e 68% mulheres e com idades entre 18 e 75 anos ($M = 24,5$ anos)</p> <p>Material: Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del Prette e Del Prette (2001); Escala Fatorial de Neuroticismo de Hutz e Nunes (2001)</p>
5	2014	Querido	<p>Objetivo: Identificar a ocorrência de <i>stress</i>, os traços de personalidade e relatório de habilidades sociais dos estudantes de medicina</p> <p>Participantes: 50 estudantes brasileiros, 27 do sexo masculino e 23 do sexo feminino e com idade média de 23 anos</p> <p>Material: Inventário de Habilidades Sociais – IHS (Del Prette & Del Prette, 2009); Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al, 2010); Inventário de Sintomas de Stress de Lipp- ISSL (LIPP, 2005)</p>

Tabela 1. (cont.) - Síntese de Estudos sobre Personalidade e Habilidades Sociais

Nº	Ano	Autores	Objetivo/Amostra/Instrumento do Estudo
6	2015	Uysal	<p>Objetivo: Analisar a relação entre as habilidades sociais e vulnerabilidade</p> <p>Participantes: 259 universitários, 147 mulheres e 112 homens com idade média de 21,3 anos</p> <p>Material: Perceived Social Competence Scale (Anderson-Butcher, Iachini & Amorose, 2007); Psychological Vulnerability Scale (Sinclair & Wallston, 1999)</p>
7	2016	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa	<p>Objetivo: Analisar a associação de características sociodemográficas, traços de personalidade, habilidades sociais e variáveis de trabalho com ansiedade, depressão e dependência de álcool em residentes médicos</p> <p>Participantes: 270 médicos de um hospital brasileiro, 144 homens e 126 mulheres, com uma média de idades de 28,10 anos</p> <p>Material: Questionário de Saúde do Paciente (PHQ-4), NEO-FFI-R; SSI- Inventário de Habilidades Sociais</p>
8	2017	Song & Shi	<p>Objetivo: Verificar a associação entre a Empatia e os Cinco Grandes Traços de Personalidade</p> <p>Participantes: 530 estudantes chineses, 192 homens e 338 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos</p> <p>Material: Interpersonal Reactivity Index (IRI); Big Five Inventory (BFI)</p>

Nota: Em alguns dos estudos apresentados, não foi possível identificar os anos das versões dos materiais utilizados.

Pela análise da Tabela 1 pode-se verificar a existência de estudos que têm como objetivo verificar a relação entre todas as dimensões da personalidade e as habilidades sociais em geral, como é exemplo o estudo de Bueno, Oliveira e Oliveira (2001),

enquanto outros objetivam analisar apenas algumas das dimensões da personalidade, como é exemplo o estudo de Bartholomeu, Nunes e Machado (2008), que pretende analisar a relação entre Amabilidade/Socialização e habilidades sociais, verificando-se ainda estudos que relacionam algumas das habilidades sociais com facetas do Neuroticismo, como é o caso dos estudos de Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira e Souza (2005); Feitosa (2013); Pereira-Lima, Loureiro e Crippa (2016) e Uysal (2015), que objetivam analisar as habilidades sociais em relação às facetas Ansiedade, Depressão e Vulnerabilidade.

Através da análise da Tabela 1, pode-se ainda concluir que no que se refere às amostras, a maioria dos estudos foram desenvolvidos com amostras brasileiras (estudos 1, 2, 3, 4, 5 e 7). Trata-se de amostras com dimensões variáveis (126 - 1031), na sua maioria são estudantes (universitários), com exceção do estudo 6, que analisa uma amostra de médicos residentes. Quanto à amplitude de idade das amostras, tanto quanto foi possível apurar esta varia entre os 18 e 75 anos, apresentando-se em geral amostras com populações de jovens adultos e de adultos de ambos os sexos.

Quanto aos instrumentos utilizados nos estudos, a Bateria Fatorial de Personalidade, a Escala Cinco Grandes Fatores de Personalidade, o Big Five Inventory (BFI), o NEO-FFI-R, Questionário de Saúde do Paciente (PHQ-4), a Escala Fatorial de Socialização e a Escala Fatorial de Neuroticismo, a Psychological Vulnerability Scale e o Inventário de Ansiedade Traço- Estado foram os instrumentos utilizados na avaliação da personalidade. No que se refere à avaliação das habilidades sociais, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), o SSI- Inventário de Habilidades Sociais, a *Interpersonal Reactivity Index* (IRI) a Escala de Assertividade de Rathus e a *Perceived Social Competence Scale* foram os instrumentos utilizados.

Na Tabela 2, são identificadas as associações empíricas (correlações estatisticamente significativas) encontradas nos estudos, permitindo confirmar ou infirmar as hipóteses colocadas a partir da literatura (teórica) referidas no ponto 4.

Tabela 2. Estudos com Correlações Estatisticamente Significativas Personalidade e Habilidades Sociais

Personalidade	Habilidades Sociais- IHS					Habilidades Sociais	
	Enfrentamento e Autoafirmação com risco	Autoafirmação na Expressão de afeto positivo	Conversação e Desenvolvemento Social	Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas	Autocontrole da agressividade em situações aversivas	Assertividade	Empatia
Neuroticismo	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Feitosa (2013)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001); Feitosa (2013)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)		Song & Shi (2017)
Depressão	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Feitosa (2013); Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Feitosa (2013); Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)		
Ansiedade	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Pereira-Lima, Loureiro & Crippa (2016)	Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira & Souza (2005);	
Vulnerabilidade	Uysal (2015)	Uysal (2015)	Feitosa (2013); Uysal (2015)	Uysal (2015)	Uysal (2015)		
Extroversão	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001);	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)			Song & Shi (2017)
Abertura à Experiência	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001) Querido (2014)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)				Song & Shi (2017)
Amabilidade/ Socialização	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001); Bartholomeu, Nunes & Machado (2008)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001) Bartholomeu, Nunes & Machado (2008)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Bartholomeu, Nunes & Machado (2008)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)		
Conscienciosidade / Escrupulosidade	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)	Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)		Bueno, Oliveira & Oliveira (2001)		Song & Shi (2017)

No estudo de Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) (estudo 1), foram encontradas associações entre os diferentes traços de personalidade e as diferentes habilidades sociais. Assim, o *Enfrentamento e autoafirmação com risco* correlacionou-se de forma positiva com a *Extroversão, Abertura à experiência, Socialização e Escrupulosidade* e de forma negativa com o *Neuroticismo*. A *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* correlacionou-se de forma positiva com todas as dimensões da personalidade, com exceção da dimensão *Neuroticismo*, com a qual não se correlacionou. A *Conversação e*

desenvoltura social correlacionou-se de forma positiva com todos os traços de personalidade com exceção do *Neuroticismo*, em que a correlação foi negativa. A *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* apenas se correlacionou de forma positiva com a *Extroversão* e de forma negativa com o *Neuroticismo*. O *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* correlacionou-se de forma positiva com a *Socialização* e a *Escrupulosidade* e de forma negativa com o *Neuroticismo*.

No estudo de Bandeira, Quaglia, Baghetti, Ferreira e Souza (2005) (estudo 2), foi encontrada correlação negativa entre a *Assertividade* e a *Ansiedade*. (Foi ainda encontrada correlação positiva entre a assertividade e o locus de controle e a autoestima).

No estudo de Bartholomeu, Nunes e Machado (2008) (estudo 3), o *Enfrentamento e autoafirmação com risco* correlacionou-se de modo negativo com a *Amabilidade*. Foi ainda obtida uma correlação positiva entre *Autoafirmação na expressão de sentimento positivo* e a *Amabilidade*. O *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* correlacionou-se de forma positiva com a *Amabilidade*.

No estudo de Feitosa (2013) (estudo 4) foi encontrada correlação negativa entre a *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* e o *Neuroticismo* mais especificamente com a *Depressão*. Foi ainda encontrada correlação negativa entre a *Conversação e desenvoltura social* e o *Neuroticismo*, e com as facetas *Vulnerabilidade* e *Depressão*.

No estudo de Querido (2014) (estudo 5), foram encontradas correlações entre a *Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos* e a *Abertura à experiência*, mais concretamente comunicação e abertura a ideias. Os resultados apontam que quanto menores os resultados obtidos na dimensão *Abertura à experiência*, menos habilidoso o indivíduo se apresenta no fator *Autoafirmação na Expressão de Afeto positivo*.

No estudo de Uysal (2015) (estudo 6), foram encontradas correlações negativas entre todas as habilidades sociais avaliadas e a faceta *Vulnerabilidade*.

No estudo de Pereira-Lima, Loureiro e Crippa (2016) (estudo 7), foram encontradas correlações negativas entre todas as habilidades sociais e as facetas do *Neuroticismo, Ansiedade e Depressão*.

No estudo de Song e Shi (2017) (estudo 8), foram encontradas correlações positivas entre a *Empatia* e a *Extroversão*, a *Abertura à experiência* e *Conscienciosidade* e negativa entre a *Empatia* e o *Neuroticismo*.

Conclusão

Os resultados dos estudos apresentados, que procuraram investigar a relação entre personalidade e habilidades sociais, confirmaram empiricamente grande parte das hipóteses estabelecidas teoricamente. Se em alguns destes estudos a investigação foi realizada de forma global entre todas as dimensões da personalidade e as habilidades sociais, outros procuraram verificar possíveis relações entre constructos específicos associados a estas e apontados pela literatura.

Assim, de forma geral, pode-se concluir que os traços de personalidade se encontram associados a diversas habilidades sociais do indivíduo. Especificamente, os resultados analisados confirmam a relação entre *Neuroticismo* e: todas as habilidades sociais avaliadas pelo IHS, a *Empatia* e a *Assertividade*. Confirmam também a relação entre a *Extroversão* e: a *Empatia* e todas as habilidades sociais avaliadas pelo IHS, com exceção do *Autocontrole da agressividade em situações aversivas*.

No que se refere à *Abertura à Experiência*, os resultados dos estudos revistos, vão em parte de encontro à possível relação entre esta e as habilidades sociais, sugerida pela caracterização das variáveis na literatura, ao confirmar a correlação positiva entre a *Abertura à experiência* e a *Empatia*, o *Enfrentamento e Autoafirmação com risco*, a *Conversação e desenvoltura social* e a *Autoafirmação na Expressão de Afeto Positivos*. No entanto, apesar da caracterização da *Abertura à experiência* apoiar a relação entre esta dimensão e a *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* e o

Autocontrole da agressividade em situações aversivas, estas hipóteses não se confirmaram nos estudos descritos.

No que concerne à *Amabilidade/Socialização*, os estudos empíricos confirmaram as hipóteses levantadas pela análise da literatura teórica, ao revelar correlações entre esta dimensão e todas as habilidades sociais avaliadas pelo IHS.

Relativamente à *Conscienciosidade/Escurpulosidade*, não foi confirmada a hipótese de que a *Conscienciosidade* se correlaciona com a *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*. Verificam-se todavia, correlações entre a *Conscienciosidade e*: as restantes habilidades sociais avaliadas pelo IHS e a *Empatia*.

A ausência de algumas relações esperadas tendo em consideração a literatura teórica pode ser justificada pela especificidade dos objetivos dos estudos, uma vez que apenas o estudo de Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) objetivou analisar (as relações entre) os traços de personalidade e as habilidades sociais de forma global, e este apresentou uma amostra não equitativa em termos de sexo.

Outra das possíveis justificativas prende-se com o facto de na sua maioria, os estudos serem realizados com estudantes (universitários), que tendem a apresentar um conjunto de características particulares, dada a fase da vida em que se encontram. É exemplo o estudo 3 de Bartholomeu, Nunes e Machado (2008), que encontrou correlação entre o *Enfrentamento e Autoafirmação com risco* e a *Amabilidade*, no entanto no sentido negativo, sendo contrário ao esperado através da análise conceptual.

Este facto poderá ser justificado pela pouca variabilidade das variáveis, podendo ainda ser também justificado se atendermos às características apresentadas pela literatura, e que demonstram que o *Enfrentamento e Autoafirmação com risco* ao se prender com a assertividade, poderá mostrar-se em determinadas situações impeditiva de uma Pró-sociabilização, prendendo-se esta com a capacidade de ser agradável com os demais.

Em suma, pode-se concluir que os traços de personalidade e as habilidades sociais se encontram segundo as evidências teóricas e empíricas, relacionados, na medida em que a apresentação de diferentes comportamentos na interação com os outros e com o meio poderá ser traduzida ou caracterizada por diferentes traços e/ou facetas de personalidade.

Inversamente, a presença de determinados traços de personalidade pode contribuir para a aquisição de um maior ou menor repertório de habilidades sociais.

Neste contexto, ao considerar o campo da intervenção, levanta-se a hipótese de que os programas de intervenção direcionados para a promoção das habilidades sociais poderão conduzir a alterações/benefícios para a personalidade dos indivíduos.

Em futuros estudos seria oportuno ampliar a pesquisa de forma a identificar estudos com amostras mais diversificadas a nível de características sociodemográficas, como a idade, estatuto profissional e nacionalidade, de modo a confirmar, ou infirmar, a robustez dos presentes achados.¹

¹ Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 148.

CAPÍTULO IV

Habilidades Sociais de Universitários: Caracterização e Relação com Variáveis Sociodemográficas e Personalidade ¹

Ana Carina Peixoto (1)

Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS - UFP

(2) FCHS/ CTEC/ FP-B2S/HE-UFP

Resumo: Introdução: A entrada no ensino superior pode revelar-se um período que poderá acarretar inúmeras alterações no quotidiano do estudante, exigindo-lhe maior capacidade de ajustamento. Um bom reportório de habilidades sociais poderá auxiliar, permitindo-lhe uma melhor adaptação a novos grupos e influenciando o seu desempenho académico. Também os traços de personalidade poderão ser evidenciados, pela forma como o estudante interage em ambiente académico, influenciando o seu reportório de habilidades sociais e assim a sua adaptação. Assim, pretendeu-se caracterizar as habilidades sociais de estudantes universitários, explorar a relação entre estas e o sexo, idade e curso e verificar se os traços de personalidade eram preditores. **Método:** O Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o NEO-FFI foram administrados a 200 universitários de três instituições do Norte de Portugal. **Resultados:** A amostra apresentou um reportório de habilidades sociais médio alto. Foram encontradas diferenças em função do sexo e curso. As dimensões da personalidade correlacionaram-se e predisseram as habilidades sociais. **Conclusão:** A presente investigação é, um contributo para a adaptação e validação do instrumento IHS para a população portuguesa, sugere que é pertinente treinar as habilidades sociais de universitários indicando variáveis que as poderão influenciar.

Palavras-chave: Habilidades sociais; Traços de personalidade; Estudantes universitários.

Abstrat: *Introduction: Higher education may be a period that can lead to numerous changes in the student's daily life, requiring a greater capacity for adjustment. A good*

¹ O presente estudo é parte integrante de um projeto intitulado “Estudo comparativo entre Portugal e o Brasil sobre Preditores Biopsicossociais de Qualidade de Vida em Indivíduos com Esclerose Múltipla” e pretende ser um contributo para a adaptação e validação do Inventário de Habilidades Sociais - IHS para a população portuguesa

*repertoire of social skills may help, allowing you to better adapt to new groups and influence your academic performance. Also the personality traits can be evidenced, by the way the student interacts in academic environment, influencing his repertoire of social skills and thus their adaptation. Thus, it is intended to characterize the social skills of university students, to explore the relationship between them and sex, age and course and to verify if the personality traits were predictors. **Method:** The Social Skills Inventory (IHS) and NEO-FFI were administered to 200 university students from three institutions in Northern Portugal. **Results:** The sample presented a medium high social skills repertoire. Differences were found based on gender and course. The dimensions of personality correlated and predicted social skills. **Conclusion:** This research is a contribution to the adaptation and validation of the IHS instrument for the Portuguese population, suggesting that it is pertinent to train the social skills of university students indicating variables that may influence them*

Keywords: *Social skills; Personality traits; University students.*

Introdução

As habilidades sociais são consideradas essenciais para que o estudante se consiga inserir de forma eficaz no meio social (Elias & Amaral, 2016; Pereira, Wagner & Oliveira, 2014). Assim, pode-se considerar que o universitário socialmente competente é aquele que apresenta um comportamento considerado apropriado a uma situação específica, atingindo assim os seus objetivos e mantendo a qualidade das suas relações quer na interação com os pares ou todo o corpo integrativo da Universidade (Soares & Del Prette, 2015).

Segundo alguns autores, a apresentação de comportamentos sociais adequados ou a ausência destes pode influenciar uma melhor ou pior vivência universitária, conduzindo conseqüentemente a que o universitário atinga uma maior satisfação pessoal (Ferreira, Oliveira & Vandenberghe, 2014).

Assim, o ajustamento a um determinado contexto, em que existe um padrão pré-estabelecido culturalmente, depende da frequência com que cada indivíduo apresenta determinadas habilidades sociais (Del Prette et al., 2004), podendo esta adaptação ser auxiliada pelas redes sociais, ao permitirem ao estudante ter mais comportamentos adaptativos (Resende et al., 2006, citado por Pereira, 2015).

Deste modo, diversos estudos têm analisado as habilidades sociais de estudantes universitários, de forma a facilitar a implementação de programas de promoção destas e, assim, promover uma melhor adaptação à Universidade.

Assim, Soares, Poubel e Mello (2009) destacam a importância de desenvolver habilidades sociais na formação dos universitários como facilitador do desempenho técnico e social.

Analogamente, Gerk e Cunha (2006, citado por Soares & Del Prette, 2015), Baldez (2009) e Poubel (2006) constataram correlação entre habilidades sociais e adaptação acadêmica, defendendo a importância de programas de treino das habilidades sociais em instituições de ensino superior.

Furtado, Falcone e Clark (2003), numa pesquisa com 178 estudantes de medicina, em que pretendiam verificar a relação entre os níveis de *stress* e as habilidades sociais, concluíram que os défices em habilidades sociais estavam relacionados com problemas de *stress*, insegurança, baixa autoestima e ansiedade, que prejudicam as atividades académicas.

Ferreira, Almeida e Soares (2001, citado por Soares, Poubel & Mello, 2009) acrescentam que o desenvolvimento com os pares e o ambiente académico favorecem o desenvolvimento do aluno.

Landim et al. (2000), numa investigação a respeito das preocupações ou pensamentos negativos apresentados por universitários em relação a situações sociais,

referem a existência de três áreas de dificuldade: falar em público, desaprovação na expressão de sentimentos e medo de não ser aprovado e recusar pedidos.

Também o estudo de Bolsoni-Silva, Loureiro, Rosa e Oliveira (2010), indicou que os estudantes dos primeiros e segundos anos apresentam mais dificuldades em comportamentos de comunicação, expressividade e resolução de conflitos.

Assim, de acordo com os resultados dos estudos citados, pode-se depreender que, uma vez que as habilidades sociais se associam à iniciação e manutenção de relacionamentos sociais e que estes contribuem para a aceitação do indivíduo nos diferentes grupos e contextos em que o estudante está inserido, influenciando ainda na sua autoestima e autoeficácia, uma adaptação bem-sucedida pode ter influência no seu rendimento (Cole, Lazarick & Howard, 1982, citado por Pereira, 2015; Del Prette, Del Prette & Barreto, 1998; Pedroso-Lima, 2014) e no bem-estar psicológico dos universitários (Bandeira et al., 2005).

Para além dos estudos que mostram que as habilidades sociais apresentam relação com a adaptação à Universidade, há estudos que referem a existência de outras variáveis que se associam a estas (Uzuniam & Vitalle, 2015).

Resultado dos estudos realizados com o objetivo de verificar quais as variáveis que se associam às habilidades sociais, muitos autores têm indicado que o sexo apresenta um papel fundamental, existindo diferenças entre homens e mulheres no que se refere às habilidades sociais (Gambrill & Richey, 1975; Hollandswort & Wall, 1977).

Exemplo disso é o estudo de Bolsoni-Silva et al. (2010), com 85 estudantes universitários, em que se pretendia caracterizar as habilidades sociais em estudantes universitários. Concluiu-se que existia diferenças significativas entre o sexo feminino e masculino, indicando que os homens apresentavam de forma global níveis mais elevados de habilidades sociais, quer para a escala global quer para os seus fatores, ressalvando, no entanto, que o sexo feminino se apresentava mais habilidoso no que se refere a falar em público.

De igual forma Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) encontraram diferenças significativas entre os sexos nas habilidades sociais de *Enfrentamento e autoafirmação com risco* em que os homens apresentaram média superior e na *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, em que o resultado se mostrou inverso.

Compartilhando em parte destes resultados, Del Prette et al. (2004), num estudo com universitários, encontraram diferenças na caracterização das habilidades sociais em função do sexo, referindo que os homens podem ser caracterizados como mais assertivos, apresentando valores mais elevados nos fatores *Enfrentamento e autoafirmação com risco* e *Autocontrole da agressividade em situações aversivas*.

No mesmo sentido, Rose e Tryon (1979) também encontraram diferenças que demonstram que as mulheres tendem a ser mais agressivas do que os homens. No entanto, outros estudos encontraram diferenças relativamente ao sexo contrárias às apresentadas por estes autores, no que se refere ao controle da agressividade, indicando que as mulheres apresentam maior quantidade de sentimentos positivos, enquanto os homens têm mais sentimentos negativos e maior dificuldade em fazer pedidos, indo ao encontro destes autores quando afirmam que os homens são, contudo, mais assertivos (Gambrill & Richey, 1975; Hollandwort & Wall, 1977; Schroeder & Rakos, 1983).

De acordo com alguns autores que se dedicam ao estudo das habilidades sociais e as relacionam com características dos universitários em diferentes áreas de estudo, o curso pode apresentar-se relacionado com diferentes habilidades sociais.

De entre outros autores, Tavares, Couto e Silva (2012), num estudo realizado com universitários, verificaram que os estudantes de psicologia tendem a apresentar relações mais amigáveis e mais disposição para as relações interpessoais.

Obtendo resultados no mesmo sentido, Del Prette et al. (2004), num estudo com 564 universitários em início de curso de psicologia, também mostraram que os estudantes de psicologia são mais habilidosos no fator *Conversação e desenvoltura*

social e no *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, sendo, no entanto, menos habilidosos na expressão dos sentimentos negativos e positivos.

Mais especificamente há estudos que pretendem verificar se existem diferenças ao nível das habilidades sociais entre os estudantes que frequentam os cursos de ciências humanas e de ciências exatas.

Assim, um dos contributos para a verificação da existência dessa relação é o estudo de Del Prette, Del Prette e Correia (1992), em que compararam as habilidades sociais de estudantes universitários de ciências humanas e de ciências exatas. Os resultados evidenciaram que, independentemente da área de estudo, o repertório de habilidades sociais não sofreu alterações, ressaltando, no entanto, que os estudantes de ciências humanas tendem a apresentar mais “sensibilidade” que os estudantes de ciências exatas.

Paralelamente, Del Prette, Del Prette e Castelo Branco (1992), com uma amostra de 79 estudantes em início e fim do curso de psicologia e com o objetivo de verificar se o curso aumentava as habilidades sociais, encontraram semelhanças no que diz respeito ao repertório de habilidades sociais dos estudantes no início e no fim de curso.

De modo complementar Del Prette e Del Prette (1983), num estudo com estudantes universitários de psicologia em início de curso, avaliaram a sua assertividade. Os resultados revelaram que 80% sentiram incómodo em recusar solicitação indesejável, discordar contra argumentando e afirmar as próprias ideias, enquanto 60% a 70% da amostra apresentou défices no repertório de assertividade.

Considerando que as habilidades sociais são comportamentos aprendidos e que podem melhorar através de experiências adequadas do indivíduo (Carneiro & Falcone, 2013), diversos estudos têm evidenciado que a aquisição e desenvolvimento das habilidades sociais podem estar associados com a idade (Bandeira et al.,2006).

Neste sentido, Del Prette et al. (2004), num estudo com 564 estudantes universitários, constatou que os mais novos apresentavam um repertório de habilidades sociais mais elaborado que os mais velhos, sendo que estes se apresentavam mais habilidosos no que diz respeito ao fator *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, enquanto os mais velhos apresentavam maior frequência de habilidades de *Autocontrole da agressividade em situações aversivas*.

Ainda que de forma menos conclusiva, Bolsoni-Silva et al. (2010), com base num estudo realizado com 85 estudantes do 1º, 2º e 3º anos do curso de desenho industrial de uma universidade pública de São Paulo, apresentam resultados em sentido contrário, ao sugerir que os estudantes universitários desenvolvem habilidades sociais ao longo dos anos.

Diversos estudos têm indicado que existe um leque variado de fatores que poderão influenciar as habilidades sociais, entre as quais se destaca a personalidade (Bartholomeu, Nunes & Machado, 2008; Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001).

Sendo a personalidade, segundo alguns autores, o somatório do indivíduo e da forma como este se mostra diante do outro (Dantas, 2006), diversos autores referem que a relação entre habilidades sociais e personalidade se revela na qualidade das relações interpessoais, assumindo-se assim que o desempenho socialmente competente resulta da combinação das habilidades sociais e componentes cognitivos (Del Prette, Falcone & Murta, 2013, citado por Domenico-Grazziotin & Scortegagna, 2016).

Exemplo disso é o estudo realizado por Bartolomeu, Nunes e Machado (2008), levado a cabo com 126 universitários, com o objetivo de analisar as relações entre as habilidades sociais e os traços de personalidade, através do Modelo dos Cinco Fatores e em que foram encontradas correlações entre a *Amabilidade* e a *Autoafirmação na Expressão de Afeto Positivo* e a escala total do IHS (Inventário de Habilidades Sociais).

Estudo semelhante foi realizado por Bueno, Oliveira e Oliveira (2001), que, com uma amostra de 189 universitários, encontraram correlações entre as habilidades sociais e os traços de personalidade.

Os autores verificaram correlações entre o *Enfrentamento e Autoafirmação com risco* e a *Extroversão* e a *Abertura à Experiência*; entre a *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* a *Socialização* e o *Equilíbrio emocional*; entre a *Conversação e desenvoltura social* e todas as dimensões da personalidade; entre a *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* e o *Equilíbrio emocional*, e entre o *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* e a *Socialização* (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001).

Couto et al. (2012), por seu turno concluíram que os indivíduos mais amigáveis tendem a apresentar um repertório de habilidades sociais mais elevado.

Assim, através dos principais resultados dos estudos realizados podemos assumir que as habilidades sociais e os traços de personalidade se relacionam, sendo possível agregar determinadas características de personalidade à frequência com que cada indivíduo apresenta determinadas habilidades sociais.

Numa revisão que procurou analisar a relação entre as habilidades sociais e a personalidade, através da análise de 8 estudos, foram encontradas evidências da relação conceptual e empírica entre as duas variáveis, com exceção da relação entre a *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* e *Abertura à Experiência* e a *Conscienciosidade* e entre o *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* e a *Extroversão* e a *Abertura à Experiência* (Peixoto & Meneses, submetido) (Capítulo III).

Neste contexto, os objetivos do presente estudo são:

- Caracterizar as habilidades sociais de uma amostra de estudantes universitários;

- Explorar a relação entre variáveis dados sociodemográficos (sexo, idade e curso) e as habilidades sociais na mesma amostra;
- Verificar se os traços de personalidade são preditores das habilidades sociais.

Método

Desenho da Investigação

O presente estudo é um estudo não experimental transversal do tipo descritivo-correlacional (Cunha, 1982; Villares & Nakano, 2000).

Participantes

A amostra é uma amostra de conveniência e intencional não probabilística, ou seja, não pretende uma generalização dos resultados obtidos (Gomes, 2007; Pais-Ribeiro, 2010), de 200 estudantes de instituições de ensino superior da zona norte do país (critério de inclusão).

Os critérios de exclusão foram: não se encontrar disponível para participar, ter idade inferior a 18 anos, ter diagnóstico de Esclerose Múltipla (de acordo com a fase do projeto) e não apresentar nacionalidade portuguesa ou não dominar a língua.

A amostra apresenta idades compreendidas entre 18 e os 66 anos ($M=23,64$; $DP=7,569$). Quanto aos anos de escolaridade concluídos com sucesso, a amostra apresenta uma média de 14,92 ($DP=2,069$; 12-19).

Na Tabela 1, observa-se uma predominância de participantes do sexo feminino, solteiros, a frequentar os cursos de Criminologia e Psicologia, com profissão estudante, com religião e a residir em meio urbano.

Os 25 participantes que referiram problemas de saúde aquando da participação relataram uma duração média desses problemas de 11,92 anos ($DP=9,241$; 0-33) e, na sua maioria, admitiram não tomar medicação.

Tabela 1
Caraterização Sociodemográfica da Amostra (N=200)

	<i>n</i>	%
Sexo		
Feminino	125	62,5
Masculino	74	37,0
Omissos	1	0,5
Estado Civil		
Solteiro/a	111	55,5
Num relacionamento	62	31,0
Casado/União de facto	16	8,0
Divorciado	3	1,5
Omissos	8	4,0
Curso Frequentado		
Criminologia	63	31,5
Psicologia	54	27,0
Medicina Dentária	33	16,5
Fisioterapia	21	10,5
Engenharia Civil	12	6,0
Engenharia Informática	11	5,5
Engenharia Ambiental	6	3,0
Profissão		
Estudante	141	70,5
Outras	46	22,5
Omissos	14	7,0
Religião		
Não	58	29,0
Sim	137	68,5
Omissos	5	2,5
Residência		
Meio Rural	53	26,5
Meio Urbano	141	70,5
Omissos	6	3,0
Problemas de Saúde		
Não	172	86,0
Sim	25	12,5
Omissos	3	1,5
Medicação		
Não	130	65,0
Sim	19	9,5
Omissos	51	25,5

Material

De acordo com as variáveis em estudo, foram utilizados a versão portuguesa em estudo do Inventário de Habilidades Sociais - IHS (Del Prette & Del Prette, 2001, adaptado à População Portuguesa), para avaliar as habilidades sociais, e o Inventário

Neo Five-Factor Inventory - NEO-FFI (Costa & McCrae, 1992; versão portuguesa de Lima & Simões, 2000), para avaliar os traços de personalidade, bem como um Questionário Sociodemográfico e Clínico.²

Questionário Sociodemográfico e Clínico: Como forma de complementar o estudo e assegurar uma melhor caracterização da amostra, e levando em consideração os objetivos a que este se propõe, o protocolo de avaliação incluiu um Questionário Sociodemográfico e Clínico, desenvolvido para o efeito, que compreende 23 questões, com respostas de escolha múltipla, dicotômica ou aberta (Pereira & Patrício, 2016).

No presente estudo apenas 10 destas questões são analisadas (sexo; idade; estado civil; escolaridade; curso frequentado; profissão; religião; residência; problemas de saúde e medicação), sendo as restantes utilizadas em estudo posterior.

Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del Prette e Del Prette (2001), adaptado à População Portuguesa: Foi realizada a adaptação do Inventário de Habilidades Sociais de Português do Brasil para Português Europeu. O IHS é um instrumento de fácil aplicação, que permite avaliar dimensões situacionais e comportamentais do desempenho social em diferentes situações diárias (Lima, 2006), através da estimativa da frequência com que o indivíduo reage da forma indicada em cada item (Bolsoni-Silva et al., 2010; Del Prette & Del Prette, 2001).

É um instrumento de autorrelato, constituído por 38 itens agrupados em cinco fatores, em que cada um descreve uma relação interpessoal e uma possível reação àquela situação. A resposta a cada item pode ser classificada de 0 (nunca ou raramente) até 4 (sempre ou quase sempre), numa escala tipo *likert* de 5 pontos, com *score* total variando de 0 a 152 (Del Prette & Del Prette, 2001). Um elevado *score* global indica um reportório de habilidades sociais bastante elaborado, ao passo que um *score* global baixo indica um fraco reportório de habilidades sociais e necessidades de intervenção (Bolsoni-Silva et al., 2010; Del Prette & Del Prette, 2001).

² Por questões éticas, e por indicação da orientadora, uma das cópias das autorizações obtidas e protocolo de avaliação será fornecida, em dossier separado, apenas aos membros do júri da presente Dissertação de Mestrado.

De forma a minimizar o efeito de “desejabilidade social”, o instrumento apresenta 15 dos 38 itens redigidos na negativa, em que a reação sugerida é indicadora de falta de habilidade social. Nesses casos, as frequências elevadas são consideradas como défices de habilidades sociais, enquanto as menores representam uma maior habilidade social, sendo a pontuação invertida na cotação (Del Prette & Del Prette, 2001).

O IHS está dividido em subclasses que avaliam distintas dimensões:

O fator 1, denominado *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, avalia o conceito de assertividade, descrevendo situações de relacionamento interpessoal nas quais se demarcam a defesa de direitos e de autoestima, considerando uma potencial reação indesejável do interlocutor; é constituído por 11 itens e a sua pontuação pode variar entre 0 e 44 pontos (Bartholomeu, Nunes, & Machado, 2008; Del Prette & Del Prette, 2001);

O fator 2, denominado *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, avalia a capacidade do indivíduo elogiar familiares e outras pessoas, expressar sentimentos positivos, agradecer elogios, defender outra pessoa em grupo e participar da conversa (Magalhães & Murta, 2003), avalia a afirmação da autoestima, não envolvendo o risco mínimo de uma reação indesejável ou interpessoal; é constituído por 7 itens e a sua pontuação pode variar entre 0 e 28 pontos (Bartholomeu, Nunes, & Machado, 2008; Del Prette & Del Prette, 2001);

O fator 3, denominado *Conversação e desenvoltura social*, envolve situações sociais neutras de aproximação, que requerem desenvoltura social, pretende verificar se o indivíduo demonstra habilidades para manter e encerrar conversas face a face, abordar a autoridade, reagir a um elogio, pedir favores e recusar pedidos abusivos; é constituído por 7 itens e a sua pontuação pode variar entre 0 e 28 pontos (Del Prette & Del Prette, 2001; Magalhães & Murta, 2003);

O fator 4, denominado *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, envolve a abordagem do indivíduo a desconhecidos, em parte semelhante ao constructo anterior, mas com um risco maior de reação (Bartholomeu, Nunes, & Machado, 2008), avalia as habilidades do indivíduo para fazer apresentações em público e questionar desconhecidos; é constituído por 4 itens e a sua pontuação pode variar entre 0 e 16 pontos (Del Prette & Del Prette, 2001; Magalhães & Murta, 2003);

O fator 5, denominado *Autocontrole da agressividade em situações aversivas*, pretende verificar a forma como o indivíduo lida com a crítica dos pais, com brincadeiras ofensivas e cumprimenta desconhecidos por impulsividade (Magalhães & Murta, 2003), os itens abordam as situações que requerem o controlo da raiva e agressividade face a estímulos aversivos, envolvem a expressão do desagrado de um modo socialmente mais competente; é constituído por 3 itens e a sua pontuação pode variar entre 0 e 12 pontos. O item 31 incluído neste fator, que se refere a cumprimentar desconhecidos apresenta-se correlacionado negativamente com os restantes itens do fator (Bartholomeu, Nunes, & Machado, 2008; Del Prette & Del Prette, 2001).

O IHS apresenta ainda na sua composição 7 itens que não se encontram agregados a nenhum dos fatores que o compõem. Adicionalmente, o item 14 é pontuado tanto no fator *Enfrentamento e autoafirmação com risco* como no fator *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* (Del Prette & Del Prette, 2001).

Os valores de consistência interna obtidos pelo Alfa de Cronbach para o total do IHS bem como para os seus fatores são apresentados na Tabela 2, sendo comparados os valores obtidos no presente estudo com os obtidos no estudo de validação do inventário para a população brasileira e num outro estudo que utilizou o inventário numa amostra de estudantes universitários (Glaser, 2010).

O valor obtido para o IHS Total, apresenta-se superior ao valor do estudo de validação para a população brasileira e semelhante ao apresentado por Glaser (2010).

Tabela 2

Consistência interna do IHS

Fatores/Dimensões	Presente Estudo (N=200)	Glaser (2010) (N=303)	Del Prette & Del Prette (2001) (N=472)
F1. Enfrentamento e autoafirmação com risco	0,756	Entre	0,965
F2. Autoafirmação na expressão de afeto positivo	0,651	0,49	0,867
F3. Conversação e Desenvoltura social	0,613	e	0,818
F4. Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas	0,360	0,74	0,752
F5. Autocontrole da agressividade em situações aversivas	0,367		0,741
IHS Total	0,821	0,82	0,75

Quanto aos valores obtidos em cada fator do IHS, estes apresentam-se inferiores aos valores do estudo de Del Prette e Del Prette (2001), salientando-se os valores obtidos nos fatores *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* e *Autocontrole da agressividade em situações aversivas*, que se apresentam muito abaixo dos obtidos por Del Prette e Del Prette no estudo de validação. São, no entanto, os dois fatores que em ambos os estudos apresentam os valores mais baixos de consistência interna.

Quando comparados os valores obtidos no presente estudo com os do estudo de Glaser (2010), e uma vez que não são referenciados os valores exatos obtidos em cada um dos fatores, sendo apenas apresentado o intervalo em que estes se situam, estes mostram-se mais aproximados, com um valor máximo ligeiramente superior ao obtido por Glaser (2010) mas um valor mínimo inferior.

Apesar dos valores de Alfa de Cronbach obtidos no F4 e F5 se apresentarem inferiores ao recomendado, optou-se pela utilização dos dois fatores, ressaltando, porém, que se exige cautela na análise e extrapolação dos resultados obtidos através destes.

O NEO Five- Factor Inventory – NEO-FFI (versão portuguesa de Lima & Simões, 2000): O NEO-FFI é a versão portuguesa do NEO-*Five Factor Inventory* - NEO-FFI (Costa & McCrae, 1992), versão reduzida do NEO-PI-R.

O instrumento é baseado numa taxonomia compreensiva dos traços de personalidade com cinco dimensões: *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Abertura à experiência*, *Amabilidade* e *Conscienciosidade* (Cesário, 2013; Fielas, 2012; Lima & Simões, 2000). É constituído por 60 itens, sendo que cada dimensão é constituída por 12 itens e cada traço é medido numa escala tipo *likert* que varia entre 0 e 4, em que 0 corresponde a “Discordo Fortemente” e 4 “Concordo Fortemente”, pelo que a pontuação de cada dimensão pode variar entre 0 e 48 pontos (Costa & McCrae, 2000).

O *Neuroticismo* avalia a adaptação vs. a instabilidade emocional. O aspeto central desta dimensão é a tendência a experienciar afetos negativos, como tristeza, medo, embaraço, raiva, culpabilidade e repulsa. Os sujeitos que apresentam pontuações mais baixas em neuroticismo são emocionalmente estáveis, calmos, com humor constante, seguros e face a situações de tensão não se apresentam transtornados. Já os sujeitos que apresentam pontuações mais elevadas apresentam-se preocupados, nervosos, emocionalmente inseguros e com sentimento de inadequação. A dimensão do neuroticismo engloba seis facetas: ansiedade, hostilidade, depressão, autoconsciência, impulsividade, vulnerabilidade (Carmo, 2006; Costa & McCrae, 2000).

A *Extroversão* é uma característica das pessoas sociáveis, que apreciam o convívio com os outros, com grupos e multidões, são afirmativas e otimistas. Os extrovertidos encaram as situações competitivas mais favoravelmente do que os introvertidos, enquanto estes preferem as situações cooperativas. Esta dimensão avalia a quantidade e intensidade das interações interpessoais, o nível de atividade, a necessidade de estimulação e a capacidade de exprimir alegria. Sujeitos com pontuação elevada nesta dimensão são sociáveis, ativos, faladores, orientados para a relação interpessoal e afetuosos. Já os sujeitos com pontuação baixa apresentam-se reservados, distantes, tímidos e silenciosos. A dimensão extroversão engloba seis facetas: acolhimento caloroso, gregaridade, assertividade, atividade, procura de excitação e emoções positivas (Carmo, 2006; Costa & McCrae, 2000).

A *Abertura à experiência* é um dos fatores com potencial para predizer a tendência dos sujeitos a procurarem mudanças, estando relacionada com a exploração da identidade. Esta dimensão avalia ainda a tolerância e a exploração do não familiar.

Os sujeitos com pontuação elevada são curiosos, com diversos interesses, criativos e originais. Já os sujeitos com pontuação baixa são convencionais, pragmáticos e não analíticos. O domínio da abertura à experiência engloba seis facetas: fantasia, estética, sentimentos, ações, ideias e valores (Costa & McCrae, 2000).

A *Amabilidade/Socialização* é uma dimensão que diz respeito às tendências interpessoais, referindo-se à qualidade da orientação interpessoal num contínuo que vai desde a compaixão ao antagonismo, nos pensamentos, sentimentos e ações. Os sujeitos com pontuação elevada são sentimentais, bondosos, de confiança e retos. Já os sujeitos com pontuações baixas são cínicos, rudes, desconfiados, pouco cooperativos e manipuladores. A dimensão da amabilidade engloba seis facetas: confiança, retidão, altruísmo, complacência, modéstia e sensibilidade (Costa & McCrae, 2000).

A *Conscienciosidade/Realização* ou *Escrupulosidade* avalia o grau de organização, persistência e motivação pelo comportamento orientado para um objetivo. Os sujeitos com pontuação elevada são organizados, confiáveis, trabalhadores, ambiciosos e perseverantes. Já os sujeitos com pontuação baixa são irresponsáveis, preguiçosos, negligentes e sem objetivos. A dimensão da conscienciosidade engloba seis facetas: competência, ordem, obediência ao dever, esforço de realização, autodisciplina e deliberação (Costa & McCrae, 2000).

O estudo psicométrico da versão portuguesa revela uma boa consistência interna para todas as escalas (Magalhães et al., 2014), globalmente semelhante à do estudo de Costa e McCrae (2004), tal como mostra a Tabela 3.

O valor de Alfa de Cronbach obtido no presente estudo para a escala total do NEO-FFI, é superior ao do estudo que serviu de base à elaboração dos dados normativos para a população portuguesa (Magalhães et al., 2014).

Tabela 3

Consistência interna do NEO-FFI

Fatores/Dimensões	Presente Estudo (N=200)	Magalhães et al. (2014) (N=472)	Costa & McCrae (2004) (N=176)
Neuroticismo	0,806	0,81	0,86
Extroversão	0,682	0,75	0,80
Abertura à experiência	0,582	0,71	0,75
Amabilidade	0,619	0,72	0,69
Conscienciosidade	0,820	0,81	0,79
NEO-FFI Total	0,820	0,81	

Quanto aos valores do alfa de Cronbach obtidos em cada dimensão no presente estudo, estes apresentam-se inferiores aos valores dos estudos de Magalhães et al. (2014) e de Costa e McCrae (2004) com exceção da dimensão *Conscienciosidade* que apresenta um valor ligeiramente superior ao encontrado em ambos os estudos.

Procedimento

Após a obtenção da autorização para usar os instrumentos de avaliação, e do parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa e Direção das 3 instituições de ensino superior da zona norte do país para a recolha de dados, foram contactados os professores das instituições e solicitada a colaboração no estudo, através da autorização para a recolha de dados em contexto de sala de aula durante o período letivo de 2015/2016 e 2016/2017.

Já em contexto de sala de aula, foram apresentadas as informações necessárias à obtenção do consentimento informado e ao correto preenchimento dos instrumentos.

Após a obtenção do consentimento informado por escrito, foram distribuídos os questionários aos alunos, procedendo-se à sua autoadministração assistida, em grupo, na

presença de um ou dois investigadores da equipa de investigação, sendo mantido o anonimato e confidencialidade das respostas.

Após a administração dos questionários, foi criada uma base de dados no programa SPSS- *Statistical Package for Social Sciences (versão-23)* para Windows XP e sujeitos a análise descritiva e inferencial.

Para caraterizar as habilidades sociais na amostra foi utilizada a análise descritiva (Pereira & Patrício, 2016).

Previamente à realização das análises inferenciais procedeu-se à verificação da normalidade da distribuição dos dados através do teste de Kolmogorov-Smirnov para a escala total e subescalas.

Para a caraterização das habilidades sociais em função do sexo e do curso foram utilizados os testes paramétricos *t-student* para duas amostras independentes e ANOVA *Oneway* (2 ou mais variáveis), respetivamente. A utilização dos testes paramétricos atendeu ao facto de estes serem bastante robustos, podendo ser utilizados mesmo quando o pressuposto de normalidade não se verifica para todas as dimensões desde que as dimensões da amostra e subamostras do estudo sejam superiores a 30, permitindo aplicar o Teorema do Limite Central (Gomes, 2007; Pereira & Patrício, 2016).

Uma vez que o tamanho das subamostras constituídas para a realização da ANOVA se verificou diferente para cada um dos grupos, e os testes sugerem que existem diferenças nas médias, foi utilizado como teste Post-Hoc o teste de Scheffé, uma vez que pode ser utilizado em amostras de tamanho diferente (Oliveira, 2008) a fim de se verificar onde se apresentam essas diferenças (Gomes, 2007).

Para analisar a relação entre as habilidades sociais e a idade e os traços de personalidade foi calculado o coeficiente de Correlação de *Pearson*. No presente estudo optou-se por ter como referência os valores admitidos por Pestana e Gageiro (2014) para a correlação de *Pearson*: $r < 0,2$ correlação muito fraca; $0,2 \leq r \leq 0,39$ correlação

fraca; $0,4 \leq r \leq 0,69$ correlação moderada; $0,7 \leq r \leq 0,89$ correlação forte; $0,90 \leq r \leq 1$ correlação muito forte.

Com o objetivo de avaliar os preditores das habilidades sociais foram realizadas regressões lineares múltiplas, pelo método *Enter*, sendo que as variáveis independentes incluídas foram as que se mostraram correlacionadas significativamente com a variável dependente (Pereira & Patrício, 2016).

No presente estudo o nível de significância utilizado foi de 0,05 (Gomes, 2007).

Apresentação e Discussão dos Resultados

Caraterização das Habilidades Sociais de Universitários

Na Tabela 4, observam-se os valores descritivos da amostra relativamente às habilidades sociais. Uma vez que os valores padronizados existentes são relativos à população Brasileira, optou-se por ter como referência o ponto médio do inventário e de cada um dos fatores. Assim, pode considerar-se que a amostra apresenta de forma generalizada um reportório de habilidades sociais médio alto.

Tabela 4

Caraterização das Habilidades Sociais da Amostra

	<i>N</i>	Mín.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Ponto Médio
F1.Enfrentamento e autoafirmação com risco	200	3	40	23,44	7,342	22
F2.Autoafirmação na expressão de afeto positivo	200	6	28	21,44	4,255	14
F3.Conversação e desenvoltura social	199	6	28	17,90	4,490	14
F4.Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas	200	0	16	8,98	3,051	8
F5.Autocontrole da agressividade em situações aversivas	199	0	12	8,12	2,422	6
IHS Total	200	39	135	96,11	16,513	76

Mais especificamente pode-se observar na Tabela 4 que o F2, *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, apresenta uma média bastante acima do ponto médio do fator. Também no F3, *Conversação e desenvoltura social*, se obteve uma média bastante acima do ponto médio, ainda que de modo menos expressivo do que no F2. O F1, *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, o F4, *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* e o F5, *Autocontrole da agressividade em situações aversivas*, apresentam médias ligeiramente acima dos pontos médios dos fatores.

Pode observar-se ainda que no F4 e no F5, foi atingida a pontuação mais baixa possível (0 pontos).

Em todos os *scores*, com exceção do Total e do F1, a pontuação máxima possível foi obtida pelo menos por um respondente.

A Tabela 5 apresenta o número e a percentagem de indivíduos que obtiveram *scores* abaixo do ponto médio de cada um dos fatores e da escala Total do IHS, sendo também referido o valor dos respectivos pontos médios.

Tabela 5

Percentagem de participantes com score abaixo do ponto médio dos fatores

	Valor Ponto Médio Fator	Scores abaixo do ponto médio	
		n	%
F1. Enfrentamento e autoafirmação com risco	22	123	36,5
F2. Autoafirmação na expressão de afeto positivo	14	11	5,5
F3. Conversação e desenvoltura social	14	33	16,6
F4. Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas	8	59	29,5
F5. Autocontrole da agressividade em situações aversivas	6	28	14,1
IHS Total	76	23	11,6

A Tabela 5 revela que o F1. *Enfrentamento e Autoafirmação com risco* foi o fator com maior percentagem de participantes com *score* abaixo do ponto médio.

Inversamente, o F2. *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* foi aquele em que se verificou menor percentagem de participantes com *score* abaixo do ponto médio. Estes resultados vêm corroborar os valores presentes na Tabela 4.

Face a estes resultados, pode concluir-se que a amostra detinha de forma global habilidades sociais que lhe poderão permitir um ajustamento académico e um bem-estar psicológico, levando a uma conseqüente adaptação académica bem-sucedida (Bandeira & Quaglia, 2005; Gerk & Cunha, 2006, citado por Soares e Del Prette, 2015).

Segundo alguns autores, um reportório de habilidades sociais satisfatório pode facilitar na resolução de problemas que o universitário possa ter de enfrentar, bem como na adaptação académica, ao auxiliar o estudante quando este necessita iniciar ou manter o relacionamento interpessoal (Baldez, 2009; Glaser, 2010; Pereira, 2015; Soares, Poubel & Mello, 2009).

Os presentes resultados corroboram os obtidos por Bolsoni-Silva, Loureiro e Oliveira (2010), no seu estudo com universitários, em que poucos foram indicados para acompanhamento clínico, sendo que na sua maioria apresentavam um reportório de habilidades sociais mediano ou acima da média.

No que se refere à pontuação obtida pela amostra em cada um dos fatores do IHS, e tendo em consideração o número de itens em cada fator, observaram-se pontuações mais elevadas no fator *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, o que indica ser mais habilidoso na expressão de afetos e na afirmação da autoestima, facilidade em elogiar os outros, em defender as suas ideias e agradecer elogios (Del Prette & Del Prette, 2001). Os participantes do presente estudo revelaram ainda ser habilidosos ao nível da *Conversação e desenvoltura social*, evidenciando traquejo social e um bom conhecimento das normas de relacionamento que vivenciam no seu quotidiano, revelando facilidade para abordar a autoridade (Del Prette & Del Prette, 2001).

Assim, de acordo com o estudo de Furtado, Falcone e Clark (2003), que refere que os défices em habilidades sociais se relacionam, entre outros, como insegurança e baixa autoestima e que o défice destas acaba por afetar as atividades académicas, pode-se supor que a presente amostra, ao apresentar pontuações elevadas nos fatores *Autoafirmação e expressão de afeto positivo* e *Conversação e desenvoltura social*, revela um bom indicador de habilidades nas suas atividades académicas.

Por outro lado, a amostra apresenta valores mais baixos no fator *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, evidenciando-se pouco/menos habilidosos em situações de maior risco indesejável do outro, como a abordagem a desconhecidos e na apresentação de palestras que poderão ser evidenciadas e afetar o desempenho académico em determinadas áreas (Del Prette & Del Prette, 2001).

Os resultados são concordantes com o estudo de Landim et al. (2000), que concluíram que os universitários apresentam três principais áreas de dificuldade, em que se englobam falar em público e medo de não ser aprovado.

Relação entre Habilidades Sociais e Sexo

A relação entre habilidades sociais e o sexo da amostra está patente na Tabela 6.

Pela análise da Tabela 6, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos apenas no F1. *Enfrentamento e autoafirmação com risco*.

Estas diferenças dão-se no sentido em que foi o sexo masculino que obteve a pontuação mais elevada no fator.

Tabela 6

Diferenças das Habilidades Sociais em função do Sexo

	Feminino		Masculino		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
F1. Enfrentamento e autoafirmação com risco	22,06	6,894	26,04	7,099	-3,860	197	0,000
F2. Autoafirmação na expressão de afeto positivo	21,57	4,220	21,42	4,075	0,244	197	0,808
F3. Conversação e desenvoltura social	17,89	4,206	17,91	4,985	-0,028	196	0,978
F4. Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas	8,87	2,959	9,20	3,209	-0,738	197	0,461
F5. Autocontrole da agressividade em situações aversivas	7,89	2,376	8,57	2,422	-1,936	196	0,054
IHS Total	94,90	16,877	98,73	14,914	-1,611	196	0,109

Ainda que sem atingir significância estatística, esta tendência só não se verificou no F2. *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, em que as mulheres apresentaram uma média superior.

Muita da literatura acerca das habilidades sociais refere diferenças entre os sexos. Os resultados obtidos demonstram na amostra estudada que, o sexo masculino apresentava maior habilidade para lidar com situações interpessoais, demonstrando maior assertividade e revelando capacidades para um controle socialmente competente sobre os sentimentos negativos e controle da agressividade (Costa & McCrae, 2000; Gambrill & Richey, 1975).

Estes resultados estão de acordo com alguns dos resultados encontrados por outros autores. Del Prette et al. (2004) encontraram igualmente diferenças em função do sexo e, tal como no presente estudo, o sexo masculino mostrou-se mais habilidoso: no fator *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, na *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* e no *Autocontrole agressividade em situações aversivas*.

Também Bolsoni-Silva et al. (2010) encontraram diferenças em função do sexo no *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, na *Conversaão e desenvoltura social* e no *Autocontrole agressividade em situações aversivas* e na escala total.

As diferenças encontradas no presente estudo, ainda que não sejam sempre estatisticamente significativas, seguem a linha dos resultados obtidos por Del Prette et al. (2004) e Bolsoni-Silva et al. (2010), tendo no entanto o estudo de Bolsoni-Silva et al. (2010) afirmado que as mulheres são mais habilidosas a falar em público para desconhecidos e o presente estudo apresente resultados contrários ao mostrar que os homens apresentam maior desenvoltura social.

Relação entre Habilidades Sociais e Curso Frequentado

Para verificar a existência de diferenças entre os estudantes dos diferentes cursos no que diz respeito às habilidades sociais, utilizou-se a ANOVA Oneway (Gomes, 2007). De acordo com a literatura e a distribuição dos participantes pelos cursos, estes foram recodificados de acordo com a área em que se encontram inseridos. Assim sendo, os cursos de medicina dentária e de fisioterapia foram agrupados em “Saúde” e as diferentes engenharias, foram incluídas num único grupo (Del Prette, Del Prette & Correia, 1992). Os resultados estão patentes na Tabela 7.

Tabela 7

Diferenças das Habilidades Sociais em função do Curso Frequentado

Fatores	Criminologia		Psicologia		Saúde		Engenharias		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
F1. Enfrentamento e autoafirmação com risco	22,89	7,860	24,15	6,978	21,89	7,396	26,21	6,032	2,518	0,059
F2. Autoafirmação na expressão de afeto positivo	20,78	4,492	22,17	4,097	21,65	4,283	21,17	3,919	1,117	0,343
F3. Conversação e desenvoltura social	16,98	4,706	19,44	4,281	17,72	4,262	17,59	4,075	3,448	0,018
F4. Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas	8,43	3,025	9,81	2,895	8,67	2,984	9,21	3,299	2,323	0,076
F5. Autocontrole da agressividade em situações aversivas	7,79	2,662	8,43	2,237	7,94	2,422	8,59	2,180	1,125	0,340
IHS Total	92,77	16,074	100,89	17,822	93,94	16,313	98,34	13,326	2,920	0,035

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função do curso no F3. *Conversação e desenvoltura social* e na escala total do IHS.

Através do teste Post-Hoc de Scheffé foi possível constatar que essas diferenças se verificaram significativas ($p=0,010$) entre os cursos de Psicologia e Criminologia, sendo que no curso de Psicologia as médias eram superiores.

Assim, de forma global pode-se concluir que os estudantes de Psicologia se apresentavam mais habilidosos que os de Criminologia, emitindo maior frequência de habilidades de *Conversação e desenvoltura social* e sendo socialmente mais habilidosos a nível geral (Del Prette et al., 2004).

Corroborando estes resultados, Tavares, Couto e Silva (2012) e Del Prette et al. (2004), ao caracterizarem o perfil de habilidades sociais de estudantes de Psicologia verificaram que estes apresentavam um repertório mais elaborado que os demais estudantes, demonstrando-se mais habilidosos no fator *Conversação e desenvoltura social* e apresentando-se mais amigáveis e com mais disposição para as relações interpessoais.

Apesar de nem todas as diferenças se apresentarem estatisticamente significativas tal como ocorreu nos estudos de Del Prette, Del Prette e Correia (1992) e Del Prette, Del Prette e Branco (1992), é de referir que estes ao se reportarem aos resultados dos estudos realizados com estudantes de Psicologia, afirmaram que, apesar de estes aquando da entrada na Universidade se apresentarem indiferenciados, posteriormente, quando comparados com outros estudantes, ao longo do curso, tendiam a apresentar mais sensibilidade para a relação interpessoal, sendo mais sociáveis (Del Prette, Del Prette & Branco, 1992; Del Prette, Del Prette & Correia, 1992).

Ainda de acordo com os resultados obtidos nos estudos supracitados, a literatura refere que os estudantes de ciências humanas apresentam um repertório de habilidades sociais mais elaborado que os estudantes de ciências exatas. Estas evidências são, globalmente confirmadas no presente estudo, ainda que de forma não estatisticamente

significativa, através das médias obtidas pelos estudantes de Psicologia e das áreas de ciências exatas, representados pelos cursos da área da Saúde (Medicina dentária e Fisioterapia) e Engenharias (Civil, Ambiental e Informática) (Del Prette, Del Prette & Branco, 1992; Del Prette, Del Prette & Correia, 1992; Tavares, Couto & Silva, 2012).

Relação entre Habilidades Sociais e Idade

Na Tabela 8, apresentam-se os coeficientes de correlação de Pearson obtidos entre os *scores* relativos às habilidades sociais e a idade, verificando-se que não existem correlações estatisticamente significativas.

Tabela 8

Correlação entre Habilidades Sociais e Idade

	F1.Enfrentamento e autoafirmação com risco	F2.Autoafirmação na expressão afeto de positivo	F3.Conversação desenvoltura social	F4.Autoexposição desconhecidos ou a situações novas	F5.Autocontrole agressividade em situações aversivas	IHS Total
r	0,032	0,013	0,120	0,099	0,074	0,042
Idade p	0,650	0,851	0,091	0,164	0,299	0,554

Ainda que de forma não estatisticamente significativas, a idade encontra-se correlacionada de forma positiva e fraca com todos os *scores* de habilidades sociais.

O facto de não se verificarem correlações estatisticamente significativas entre as habilidades sociais e a idade poderá prender-se com características da amostra, que apesar de apresentar uma considerável amplitude de idades (18-66 anos), 75,5% da amostra se encontrava situada entre os 18 e os 24 anos. Assim, não se verificaram resultados semelhantes aos obtidos no estudo de Del Prette et al. (2004), que constataram que os mais novos apresentavam um repertório de habilidades sociais mais elaborado que os mais velhos.

Contrariamente aos resultados obtidos por Del Prette et al. (2004), Bolsoni-Silva et al. (2010), num estudo realizado com estudantes de diferentes anos do curso de desenho industrial, sugerem que os estudantes universitários ao longo dos anos vão

desenvolvendo o seu repertório de habilidades sociais, tornando-se mais habilidosos socialmente.

Uma vez que a amostra apresentava um bom repertório de habilidades sociais e era na sua maioria constituída por indivíduos com menos de 25 anos, pode-se, mesmo que de forma não estatisticamente significativa sugerir que os resultados obtidos no presente estudo seguem no mesmo sentido que os obtidos por Del Prette et al. (2004).

Relação entre Habilidades Sociais e Personalidade

Na Tabela 9, são apresentadas as correlações (Pearson) entre os *scores* relativos às habilidades sociais e às dimensões da personalidade. Observam-se correlações estatisticamente significativas entre todos os *scores* do IHS e do NEO-FFI, à exceção das relações entre o *Enfrentamento e autoafirmação com risco* e a *Amabilidade* e entre a *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* e o *Neuroticismo*.

Tabela 9

Correlações entre Habilidades Sociais e Personalidade

	Neuroticismo	Extroversão	Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	NEO_FFI Global
F1. Enfrentamento e autoafirmação com risco	-0,218**	0,433***	0,146*	0,138	0,246***	0,234**
F2. Autoafirmação na expressão de afeto positivo	-0,095	0,466***	0,266***	0,478***	0,407***	0,498***
F3. Conversação e desenvoltura social	-0,288***	0,367***	0,191**	0,182**	0,276***	0,224**
F4. Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas	-0,174*	0,393***	0,215**	0,232**	0,208**	0,281***
F5. Autocontrole da agressividade em situações aversivas	-0,278***	0,366***	0,201**	0,434***	0,316***	0,333***
IHS Total	-0,328***	0,593***	0,252***	0,388***	0,428***	0,427***

* p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001

Assim, quando se verificou a possibilidade de relação entre habilidades sociais e traços de personalidade, constataram-se 34 correlações entre muito fracas a moderadas, e estatisticamente significativas.

Também Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) encontraram relação entre as habilidades sociais e os traços de personalidade. Estes autores verificaram correlação entre o *Enfrentamento e autoafirmação com risco* e: a *Extroversão* e a *Abertura à experiência*; entre a *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* e: a *Socialização (Amabilidade)* e o *Equilíbrio emocional (Neuroticismo)*; entre a *Conversação e desenvoltura social* e todas as dimensões da personalidade; entre a *Autoexposição desconhecidos ou a situações novas* e o *Equilíbrio emocional (Neuroticismo)*; e entre o *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* e a *Socialização (Amabilidade)* (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001).

Os resultados estão ainda de acordo com os resultados de Bartholomeu, Nunes e Machado (2008), que encontraram correlações entre *Amabilidade* e: a *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* e a escala total do IHS.

Apesar dos resultados obtidos pela presente amostra irem no mesmo sentido que os estudos supracitados, no presente estudo obteve-se maior número de correlações entre as habilidades sociais e os traços de personalidade.

Assim, os indivíduos que se apresentaram mais habilidosos no *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, tendiam a ser menos *neuróticos*, apresentando-se emocionalmente estáveis, calmos e relaxados e mais confiáveis, mais *extrovertidos* ao apresentarem características de assertividade e sendo capazes de lidar melhor com situações de conflito; apresentaram ainda mais comportamento exploratório e procura de novas experiências (*Abertura à experiência*) e eram mais competente, mais realizados e com maior deliberação (*Conscienciosidade*) (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001; Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000).

Os indivíduos que obtiveram resultados mais elevados na *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, apresentaram-se mais *extrovertidos*, sendo afetuosos, confiantes, decididos e aceitavam os riscos; respondiam emocionalmente às situações (*Abertura à experiência*); apresentavam maior qualidade nas relações interpessoais, sendo mais bondosos (*Amabilidade*); com níveis de realização elevados (*Conscienciosidade*) (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001; Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000).

Os indivíduos que obtiveram resultados mais elevados na *Conversação e desenvoltura social* apresentaram-se menos *neuróticos*, apresentando maior autoconsciência e aptidões sociais para situações de tensão; apreciavam o contato social (*Extroversão*); demonstravam mais destreza no relacionamento (*Amabilidade*) e mais *Conscienciosidade* e estavam *abertos à experiência* ao se mostrarem persistentes e cumpridores das normas sociais (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001; Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000).

Os indivíduos que obtiveram resultados mais elevados na *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, tendiam a ser menos *neuróticos*, apresentando-se equilibrados emocionalmente e hábeis a lidar com situações de tensão; mais *extrovertidos*, ao serem mais confiantes e procurarem excitação em situações novas; mais *abertos à experiência* ao procurarem novas atividades e vivências; mais confiantes (*Amabilidade*) e mais perseverantes (*Conscienciosidade*) (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001; Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000).

Os indivíduos que obtiveram resultados mais elevados na *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* tendiam a ser menos *neuróticos* apresentando-se com temperamento moderado e resistindo à frustração; encaravam as situações competitivas mais favoravelmente (*extrovertidos*); são mais tolerantes (*abertura à experiência*); mais amáveis ao serem mais altruísta e sensíveis (*Amabilidade*) e mais conscienciosos (*Conscienciosidade*) ao lidar bem com as situações da vida (Bueno, Oliveira & Oliveira, 2001; Cangussú & Ferreira, 2015; Costa & McCrae, 2000).

Considerando-se as correlações encontradas, foi aplicada a regressão múltipla às dimensões da personalidade que apresentaram correlações estatisticamente significativas com as habilidades sociais, de forma a verificar a sua intensidade preditiva em relação às habilidades sociais (Pereira & Patrício, 2016).

Na Tabela 10, observa-se que o modelo de regressão é significativo ($F(4,190)=11,574$; $p<0,001$) e explica 17,9% da variância do *Enfrentamento e autoafirmação com risco*. Verifica-se que apenas a dimensão *Extroversão* evidencia de forma positiva uma predição significativa ($\beta=0,364$; $p < 0,001$).

Tabela 10

Preditores do Fator Enfrentamento e Autoafirmação com risco

	β	t	F	$R^2_{ajustado}$
Neuroticismo	- 0,103	- 1,510		
Extroversão	0,364	4,732***		
Abertura à experiência	0,020	0,295	11,574	0,179
Conscienciosidade	0,060	0,811		

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Para a *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, o modelo de regressão é significativo ($F(5,191)=22,120$; $p<0,001$) e explica 30,2% da sua variância. A dimensão *Extroversão* evidenciou de forma positiva uma predição significativa ($\beta=0,281$; $p < 0,001$) e a dimensão *Amabilidade* evidenciou igualmente de forma positiva uma predição significativa ($\beta=0,120$; $p < 0,01$) (cf. Tabela 11).

Tabela 11

Preditores do Fator Autoafirmação na Expressão de Afeto Positivo

	β	t	F	$R^2_{ajustado}$
Extroversão	0,281	3,995***		
Abertura à experiência	0,013	0,206	22,120	0,302
Amabilidade	0,120	3,573***		
Conscienciosidade	0,279	0,120		

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Na tabela 12, observa-se que o modelo de regressão é significativo ($F(5,188) = 9,015$; $p < 0,001$) e explica 17,2% da variância da *Conversação e desenvoltura social*. A dimensão *Neuroticismo* evidenciou de forma negativa uma predição significativa ($\beta = - 0,198$; $p < 0,01$) e a dimensão *Extroversão* evidenciou de forma positiva uma predição significativa ($\beta=0,241$; $p < 0,01$) (cf. Tabela 12).

Tabela 12

Preditores do Fator Conversação e Desenvoltura Social

	β	t	F	$R^2_{ajustado}$
Neuroticismo	- 0,198	- 2,870**		
Extroversão	0,241	3,033**		
Abertura à experiência	0,114	1,595	9,015	0,172
Amabilidade	- 0,085	- 0,995		
Conscienciosidade	0,154	1,843		

* p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001

Para a *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, o modelo de regressão é significativo ($F(5,189)=7,908$; $p < 0,001$) e explica 15,1% da sua variância. A dimensão *Extroversão* foi a única dimensão que evidenciou de forma positiva uma predição significativa ($\beta=0,324$; $p < 0,001$) (cf. Tabela 13).

Tabela 13

Preditores do Fator Autoexposição a Desconhecidos ou a Situações Novas

	β	t	F	$R^2_{ajustado}$
Neuroticismo	- 0,080	- 1,143		
Extroversão	0,324	4,046***		
Abertura à experiência	0,110	1,528	7,908	0,151
Amabilidade	0,038	0,436		
Conscienciosidade	- 0,002	- 0,027		

* p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001

Na tabela 14, observa-se que o modelo de regressão é significativo ($F(5,188)=13,544$; $p < 0,001$) e explica 24,5% da variância do *Autocontrole da agressividade em situações aversivas*. A dimensão *Neuroticismo* evidenciou de forma negativa uma predição significativa ($\beta= - 0,199$; $p < 0,01$) e a dimensão *Amabilidade* evidenciou de forma positiva uma predição significativa ($\beta=0,329$; $p < 0,05$).

Tabela 14

Preditores do Fator Autocontrole da Agressividade em Situações Aversivas

	β	t	F	$R^2_{ajustado}$
Neuroticismo	- 0,199	- 3,026**		
Extroversão	0,147	1,942		
Abertura à experiência	0,035	0,513	13,544	0,245
Amabilidade	0,329	4,019***		
Conscienciosidade	- 0,014	0,179		

* p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001

Na tabela 15, observa-se que o modelo é significativo ($F(5,188)=26,346$; $p < 0,001$) explica 39,6 % da variância da escala total das habilidades sociais. A dimensão

Neuroticismo evidenciou de forma negativa uma predição significativa ($\beta = -0,170$; $p < 0,05$), a dimensão *Extroversão* evidenciou de forma positiva uma predição significativa ($\beta = 0,422$; $p < 0,001$) e a dimensão *Conscienciosidade* evidenciou de forma positiva uma predição significativa ($\beta = 0,157$; $p < 0,05$).

Tabela 15

Preditores da escala IHS Total

	β	t	F	R^2_{ajustado}
Neuroticismo	- 0,170	- 2,894*		
Extroversão	0,422	6,232***		
Abertura à experiência	0,069	1,121	26,346	0,396
Amabilidade	0,059	0,805		
Conscienciosidade	0,157	2,205*		

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Após a análise de regressão múltipla realizada, verificou-se a rejeição da hipótese nula, aceitando-se, assim, que as habilidades sociais podem ser modeladas por preditores.

Apesar da existência de várias correlações entre habilidades sociais e traços de personalidade, apenas algumas apresentam intensidade significativa na predição das habilidades sociais.

No que diz respeito à capacidade de predição das dimensões da personalidade em relação às habilidades sociais, verificou-se que a *Extroversão* apresenta a maior intensidade preditiva para todos os *scores* das habilidades sociais.

Não foi identificado nenhum estudo na literatura consultada que explorasse a capacidade preditiva das dimensões de personalidade em relação às habilidades sociais.

Conclusão

O presente estudo pretendeu caracterizar as habilidades sociais de uma amostra de universitários e verificar a relação entre estas e variáveis sociodemográficas e personalidade, explorando a capacidade preditiva destas últimas.

A partir dos resultados obtidos, verificou-se que a amostra de universitários estudada apresentava um repertório de habilidades sociais médio alto, evidenciando bons indicadores que lhes poderão facilitar a inserção e ajustamento ao meio acadêmico e o seu rendimento, uma vez que as habilidades sociais poderão ainda interferir de forma positiva no desempenho acadêmico.

As diferenças encontradas no que respeita às habilidades sociais em função do sexo permitem sugerir que o sexo se apresenta como uma das variáveis capazes de influenciar a apresentação de determinadas habilidades, sendo os homens estudados mais habilidosos frente a situações aversivas em que se mostra necessário o controlo da agressividade, mostrando ainda maior assertividade. O sexo feminino, por seu lado, demonstra ser mais habilidoso perante situações de conversação e desenvoltura social, exibindo maior traquejo social.

A idade não se correlacionou de forma estatisticamente significativa com as habilidades sociais, devendo no entanto, este resultado ser analisado tendo em conta as limitações apresentadas no que respeita ao número de indivíduos dentro do mesmo grupo etário.

No que respeita à relação entre o curso e as habilidades sociais, os estudantes de Psicologia, tal como referem alguns estudos, apresentaram uma tendência para ser mais sociáveis, o que a literatura atribui à aquisição de novos conhecimentos no decorrer do curso.

Foi também encontrada relação entre as habilidades sociais e os traços de personalidade, evidenciando-se ainda a personalidade como um preditor destas.

Assim, pode-se concluir que a frequência e qualidade das interações sociais estabelecidas entre os estudantes universitários podem ser favorecidas (ou não) pelas tendências de personalidade.

No que se refere às limitações do estudo, pode-se referir que o aumento da amostra, bem como uma maior heterogeneidade em termos de idade, poderiam ser benéficos para a investigação da relação entre as variáveis.

Uma vez que o presente estudo se apresenta como um contributo para a adaptação e validação do IHS, é igualmente oportuno complementá-lo com uma amostra heterogénea no que concerne às habilitações literárias, uma vez que a diversificação em termos de escolaridade permitirá uma melhor representação da população portuguesa.

Ainda dentro das limitações, e no que se refere aos instrumentos utilizados em geral, pode-se apontar como pontos a melhorar o tamanho do protocolo; o facto de este ser constituído por vários questionários, o que pode levar a que os sujeitos, por cansaço, o preencham com menos atenção, existindo assim maior probabilidade de centralização ou polaridade das respostas e que, conjuntamente com a desejabilidade social, podem fazer com que os resultados obtidos não reflitam a realidade; o facto de o *layout* não ser apelativo e, no caso concreto do IHS, acrescentando-se o facto da folha de respostas se encontrar separada da folha de instruções e lista de itens.

Ainda no que respeita ao IHS, os resultados do presente estudo, apesar de irem de encontro aos resultados apresentados em outras investigações, requerem especial atenção, uma vez que os valores de Alfa de Cronbach obtido no fator 4, *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* e no fator 5, *Autocontrolo da agressividade em situações aversivas*, do IHS, apresentam valores abaixo do recomendável.

Assim, em futuros estudos seria aconselhável a realização de uma análise fatorial ao IHS, a fim de verificar e validar as suas subescalas e escala total para a população portuguesa.

Em síntese, pode-se afirmar que, de acordo com a literatura e com os resultados obtidos no presente estudo, as habilidades sociais auxiliam o universitário na inserção no meio académico, sendo os traços de personalidade um dos preditores destas.

Sugerem, que as aprendizagens que o universitário adquire em interação com os pares e com o ambiente acadêmico favorecem o seu desenvolvimento, promovendo o aprimoramento do seu repertório de habilidades sociais.

Uma vez que a amostra não é probabilística, os resultados não devem ser generalizados, referindo-se apenas à amostra deste estudo. Adicionalmente, tendo em consideração os valores de consistência interna do IHS, é necessária cautela na interpretação dos resultados obtidos.^{3 4}

³ Apesar de não se apresentarem integradas no presente estudo empírico, foram realizadas análises estatísticas para a descrição dos traços de personalidade da amostra (cf. Apêndice A).

⁴ Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 159.

CONCLUSÃO

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

COMUNICAÇÕES E PUBLICAÇÕES DESENVOLVIDAS NO ÂMBITO DO PROJETO

Conclusão

Sendo as habilidades sociais um constructo bastante relevante para a Psicologia (Clínica e da Saúde e não só), dada a sua complexidade e a diversidade de contextos em que estas se desenvolvem e apresentam, e adicionando-se a multiplicidade de variáveis a elas associadas, na presente dissertação foram estabelecidos distintos objetivos para cada um dos capítulos/artigos constituintes, que no seu global pretenderam ser contributos para um objetivo geral - a caracterização das habilidades sociais de uma amostra de estudantes universitários e a análise da sua relação com variáveis sociodemográficas e de personalidade - partindo de revisões da literatura acerca da temática e culminando num estudo empírico.

Assim, no Capítulo I, cujo objetivo foi através de uma revisão narrativa da literatura, definir habilidades sociais e explorar a sua avaliação e treino, com enfoque em estudantes universitários, verificou-se que as habilidades sociais se assumem de suma importância na adaptação académica, podendo residir no funcionamento social uma ferramenta para que esta adaptação seja bem-sucedida. É de destacar a definição de habilidades sociais de Del Prette e Del Prette (2001), que esteve na base do presente estudo. Quanto à sua avaliação, esta demonstra-se crucial, assumindo-se uma mais-valia na identificação dos défices, que podem ser colmatados através do treino.

No entanto, conclui-se também que, aliadas com a forma como o universitário interage socialmente, podem também contribuir para uma boa adaptação características da personalidade, características sociodemográficas, temperamento ou até a perceção física.

Após a realização da referida revisão narrativa e que permitiu uma abordagem conceptual das habilidades sociais, dando destaque à sua avaliação, o Capítulo II surge dando continuidade a este, ao focar os instrumentos utilizados na sua avaliação. Assim, no Capítulo II, em que foi apresentada uma revisão sistemática, de forma a analisar estudos sobre habilidades sociais em adolescentes e adultos, e mais especificamente em

estudantes universitários, e quais os instrumentos mais utilizados na avaliação das mesmas, conclui-se que a maioria dos estudos selecionados foi realizada no Brasil e recorrendo ao IHS.

Verificou-se também a existência de uma panóplia de variáveis associadas às habilidades sociais, que vão desde características de personalidade, características sociodemográficas e contexto profissional, entre outras.

É ainda de referir que, perante a análise dos resultados obtidos, apurou-se que, de entre as investigações que incluíam programas de intervenção, as habilidades de comunicação, as empáticas e as de expressão de sentimentos positivos apresentaram-se como as habilidades mais frequentemente propostas a trabalhar por estes programas.

O Capítulo II apresentou como limitações e pontos a melhorar em futuros estudos: a amplitude da pesquisa efetuada, podendo ser alargada a outras bases de dados, permitindo, assim, estender a pesquisa a outros países, em que poderão ser encontradas formas de avaliação distintas das identificadas e a utilização da palavra-chave “habilidades sociais”, que poderá ter limitado bastante os resultados encontrados.

No que respeita ao Capítulo III, uma vez que no capítulo anterior havia sido apresentada a associação entre habilidades sociais e características de personalidade, e que esta havia sido estabelecida como variável do estudo empírico, pretendeu-se analisar evidências da possível relação entre os Cinco Grandes Fatores da Personalidade e as habilidades sociais, já que o instrumento utilizado na avaliação da personalidade no estudo empírico assenta nesta conceção de personalidade.

A pesquisa efetuada permitiu confirmar que o Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade se apresenta como o modelo mais frequentemente utilizado na explicação (dos traços) da personalidade.

Dando resposta ao objetivo do estudo, foi possível concluir a existência de evidências da relação conceptual e empírica (através de estudos realizados por outros

autores) entre os traços de personalidade e as habilidades sociais, e que esta é apresentada na medida em que diferentes comportamentos na interação com o meio podem ser traduzidos pela presença de diferentes traços de personalidade.

O presente capítulo apresenta como limitações o número de estudos encontrados na pesquisa efetuada, podendo esta futuramente ser ampliada e daí resultar a possibilidade de identificar evidências empíricas não encontradas nos resultados dos estudos identificados. Do mesmo modo, a análise conceptual para a caracterização de possível associação entre as duas variáveis poderá ser melhorada com a inclusão de mais literatura.

Dada esta conclusão, o estudo empírico patente no Capítulo IV foi delineado de forma a confirmar ou infirmar as anteriores conclusões, tendo-se assumido como objetivos: caracterizar as habilidades sociais de uma amostra de estudantes universitários; analisar a sua relação com características sociodemográficas; e verificar se os traços de personalidade se apresentavam como preditores das habilidades sociais.

Os resultados obtidos vão na sua maioria de encontro aos resultados obtidos pelos diferentes autores consultados. Assim, os principais resultados permitem concluir que:

- De uma forma geral, a amostra apresentava um reportório de habilidades sociais médio alto, detendo, de forma global, habilidades que lhe poderão permitir uma boa adaptação ao contexto académico;

- A amostra apresentava valores mais elevados no fator *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, indicando maior habilidade na expressão de afetos e na afirmação da autoestima, e no fator *Conversação e desenvoltura social*, evidenciando maior traquejo social;

- A amostra apresentava a média mais baixa no fator *Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, demonstrando assim dificuldades em lidar com desconhecidos e situações novas;

- Neste fator e no fator *Autocontrole da agressividade em situações aversivas* foram alcançadas as pontuações mínimas possíveis por, pelo menos, um respondente, evidenciando-se pouco habilidoso(s) em situações de maior risco indesejável do outro, como a abordagem a desconhecidos e na apresentação de palestras.

A partir da análise da relação entre habilidades sociais e indicadores sociodemográficos, depreende-se que:

- Existiam diferenças significativas no que se refere ao sexo, sendo que o sexo masculino se apresentava mais habilidoso no fator *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, demonstrando assim ser mais habilidoso para lidar com situações interpessoais, maior assertividade e capacidade de discordar;

- Ainda que de forma não significativa, este padrão foi confirmado nos resultados obtidos para a escala total do IHS, bem como nos seus restantes fatores, com exceção do fator *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*, em que as mulheres apresentaram valor médio superior ao obtido pelos homens;

- A idade não se correlacionou de forma significativa com as habilidades sociais, podendo, no entanto, tal dever-se ao facto de a amostra apresentar limitações quanto à distribuição etária;

- Verificaram-se diferenças entre os cursos em relação às habilidades sociais, tendo sido estatisticamente significativas no fator *Conversação e desenvoltura social* e na escala total do IHS. O teste *Post-Hoc* revelou que estas diferenças se davam entre os cursos de Criminologia e Psicologia, concluindo-se assim que os estudantes de Psicologia se apresentam mais habilidosos que os de Criminologia.

Outra análise focou a relação entre habilidades sociais e traços de personalidade, verificando-se:

- Correlação fraca ou moderada, mas significativa entre todos os indicadores de habilidades sociais e todos os indicadores de personalidade, à exceção do *Enfrentamento e autoafirmação com risco* em relação à *Amabilidade/ Socialização* e ao *Neuroticismo* em relação à *Autoafirmação na expressão de afeto positivo*;

- Através da regressão, que os traços de personalidade se mostraram preditores das habilidades sociais, tendo sido a *Extroversão* a dimensão que apresentou maior capacidade preditiva das habilidades sociais.

Uma vez que este estudo empírico apresentava como um dos seus objetivos a tradução e contributo para a validação do IHS, avaliou-se a fidelidade dos instrumentos incluídos no protocolo de investigação através do Alfa de Cronbach. A partir desta análise verificou-se que os valores obtidos para os dois instrumentos, quando comparados com valores de referência, revelaram boa fidelidade, com exceção dos valores obtidos para os fatores 4 e 5 do IHS, que se apresentaram abaixo dos valores recomendados, sendo, no entanto, incluídos na investigação, com a ressalva de que exigiam cautela na sua análise e apresentando-se tal como uma das limitações do estudo empírico.

Assim, em futuros estudos seria aconselhável o desenvolvimento de análises adicionais, nomeadamente a realização de uma análise dos índices de discriminação dos itens, a correlação de Pearson dos itens em relação ao *score* total e uma análise à estrutura fatorial ao IHS, de forma a replicar os estudos psicométricos realizados por Del Prette e Del Prette na validação do instrumento para a população brasileira e assim, dar continuidade ao processo de validação da escala para a população portuguesa.

Na continuidade da identificação das limitações do estudo/ e da apresentação de propostas para futuros estudos, tendo como foco principal a validação do IHS, seria oportuno o aumento da amostra, bem como uma maior heterogeneidade desta em

termos de idade e escolaridade, uma vez que se pretende uma descrição realista da população portuguesa adulta, permitindo posteriormente a elaboração de dados normativos para a mesma (como existe no Brasil), e possibilitando uma avaliação mais ajustada.

Ainda neste contexto, pode-se apontar como ponto a melhorar o método de recolha dos dados, uma vez que se verificou alguma relutância na participação pelo facto dos potenciais participantes não disporem de muito tempo para o preenchimento do protocolo, uma vez que se encontravam em período de aulas. Assim, a proposta desta recolha ser realizada através de questionário eletrónico, dando ao estudante a possibilidade de o preencher no momento mais oportuno.

Também o facto de o protocolo ser constituído por vários questionários, em alguns casos longos e com *layout* pouco apelativo, pode ter levado a que as respostas aos mesmos não tenham sido dadas com a devida atenção, interferindo assim nos resultados obtidos.

Concretamente em relação ao IHS, o facto de a folha de respostas se encontrar separada da folha de instruções e lista de itens apresentou-se como uma das dificuldades apontadas pelos participantes. Dado que a presente dissertação se apresenta como um contributo para a sua validação, seria oportuno na sua validação para a população portuguesa ter em atenção este aspeto, assumindo-se que seria facilitado que o *layout* sofresse alterações que passariam por incluir as opções de resposta na mesma folha em que são dadas as instruções de preenchimento e descrição dos itens.

Apesar das limitações e pontos a melhorar em futuros estudos, a presente dissertação, de forma geral, foi de encontro aos objetivos previamente delineados, dando resposta a estes. No entanto, ressalta-se que, apesar de se poder fazer um balanço final positivo, a análise e conclusões dos seus capítulos, independentemente ou no seu conjunto, deverá ser prudente, levando sempre em consideração todas as limitações apresentadas ao longo destes.

Assim, de forma sucinta, pode-se concluir que a amostra estudada, apesar de apresentar um repertório de habilidades sociais médio alto, apresentava défices em algumas habilidades sociais e que, ao considerar uma proposta de intervenção para estes participantes, dever-se-ia ter em consideração características sociodemográficas como o sexo e o curso, em relação às quais foram verificadas diferenças estatisticamente significativas ao nível das habilidades sociais.

Comunicações e Publicações Desenvolvidas no Âmbito do Projeto

No decorrer da elaboração da presente dissertação, algumas das revisões da literatura e dados empíricos aqui apresentados deram lugar à realização de artigos científicos/ capítulos de livros de atas, comunicações orais e *posters* que foram sendo apresentados em congressos. Segue-se a sua listagem:

Santos, C., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2017). Avaliação das habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura. *E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm> (Capítulo II).

Peixoto, A. C., Santos, C., & Meneses, R. F. (no prelo). Envelhecimento bem-sucedido. *Atas do III Congresso Nacional Conversas de Psicologia /II Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo*. Universidade de Coimbra.

Santos, C., Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (no prelo). Saúde sexual nos cuidados paliativos: Dados que suscitam reflexão. *Atas do III Congresso Nacional Conversas de Psicologia /II Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo*. Universidade de Coimbra.

Peixoto, A. C., Santos, C., & Meneses, R. F. (2016, novembro). *Envelhecimento bem-sucedido*. Comunicação apresentada no III Congresso Nacional Conversas de Psicologia /II Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo, Universidade de Coimbra.

Santos, C. & Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (2016, novembro). *Habilidades Sociais e Satisfação Sexual antes, durante e depois da recuperação*. Comunicação apresentada no X Encontro de Reabilitação, Universidade Fernando Pessoa - Ponte de Lima.

Santos, C., Peixoto A. C., & Meneses, R. F. (2015, novembro). Avaliação das habilidades sociais: Revisão sistemática da literatura. Comunicação apresentada no Congresso “Uma vida, uma oportunidade de reabilitação, uma relação de ajuda”, Universidade Fernando Pessoa - Ponte de Lima.

Peixoto, A. C., Santos, C., & Meneses, R. F. (2016, novembro). *Saúde sexual nos cuidados paliativos: Dados que suscitam reflexão*. Poster apresentado no III Congresso Nacional Conversas de Psicologia /II Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo, Universidade de Coimbra.

Ainda no decorrer da realização da presente dissertação foram aceites duas comunicações (acerca da validação do instrumento de avaliação IHS e outra referente à apresentação dos resultados das habilidades sociais em função das variáveis sociodemográficas e que servirá de contributo para a validação deste por idade, sexo e curso), para os Dias da Investigação realizada pela Universidade Fernando Pessoa em julho de 2017.

Os trabalhos anteriormente referidos pretenderam ser singelos contributos para o desenvolvimento das temáticas, apresentando-se como oportunidades de divulgação dos estudos a serem realizados e possibilitando, através do seu debate, a ampliação de conhecimentos.

Referências Bibliográficas - Capítulo I

- Almeida, L. S., Soares, A. P., Guisande, M. A., & Paisana, J. (2007). Rendimento acadêmico no ensino superior: Estudo com alunos do 1º Ano. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e Educación, 14*(1), 1138-1663.
- Almeida, L. S., & Cruz, J. F. (2010). Transição e adaptação académica: Reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Uiversidade do Minho. *Ensino superior em mudança: Tensões e possibilidades: Atas Congresso Ibérico* (pp. 429-440). Braga: Universidade do Minho. Centro de investigação em Educação (CIEEd).
- Amaral, V. A., Bravo, M. C., & Messias, T. S. (1996). Desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes portadores de deformidades faciais. *Estudos em Psicologia Campinas, 13*(3), 31-47.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica, 2*(29), 255-267.
- Angélico, A. P., Crippa, J. A., & Loureiro, S. R. (2012). Utilização do Inventário de Habilidades Sociais no diagnóstico do transtorno de ansiedade social. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*(3), 467-476.
- Angélico, A. P., Crippa, J. d., & Loureiro, S. R. (2006). Fobia social e habilidades sociais: uma revisão da literatura. *Interação em Psicologia, 10*(1), 113-125.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z., Del Prette, A., & Gerck-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia, 5*(2), 401-419.

- Bandeira, M. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de pacientes psiquiátricos através de desempenho de papéis - EACS. *Avaliação Psicológica*, 2, 159-171.
- Bandeira, M., & Quaglia, M. A. (2005). Habilidades sociais de estudantes universitários: identificação de situações sociais significativas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 45-55.
- Bandeira, M., Quaglia, M. C., Bachetti, L. S., Ferreira, T. L., & Souza, G. G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 22(2), 111-121.
- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 155-162.
- Bartholomeu, D., Nunes, C. H., & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF*, 13(1), 41-50.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(2), 233-242.
- Bolsoni-Silva, A. T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: um estudo-piloto. *Psicologia, Ciencia e Profissão*, 28(1), 18-33.
- Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., Rosa, C. F., & Oliveira, M. C. (2010). Caracterização das habilidades sociais de universitários. *Contextos Clínicos*, 3(1), 62-75.

- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2016). Validação do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, comportamentos, contextos para universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-12.
- Braz, A. C. (2013). *Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Caballo, V. E. (1993). Relaciones entre diversas medidas conductuales y de autoinforme de las habilidades sociales. *Psicologia Conductual*, 1(1), 73-99.
- Caballo, V. E. (1996). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. São Paulo: Santos Editora.
- Caballo, V. E. (2007). *Manual de Evaluación y Entrenamiento de Habilidades Sociales*. Madrid: SIGLO XXI de España Editores.
- Cerutti, P. S., & Wagner, M. F. (2014). Habilidades Sociais no atendimento ao público. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 40-46.
- Cia, F., Pereira, C. d., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 73-81.
- Cordier, R., Speyer, R., Chen, Y.-W., Wlikes-Gillan, S., Brown, T., Bourke-Taylor, H., . . . Leicht, A. (2015). Evaluating the Psychometric Quality of Social Skills Measures : A Systematic Review. *PLos ONE*, 10(7), 1-32. doi:10.1371/journal.pone.0132299.

- Couto, G., Hattum, A. C., Vandenberghe, L. M., & Benfica, E. (2005). Tradução, análise semântica e adaptação do Check List of Interpersonal Transactions – Revisado. *Avaliação Psicológica*, 4(1), 45-46.
- Couto, G., Vandenberghe, L., Tavares, W. M., & Silva, R. L. (2012). Interações e habilidades sociais entre universitários: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 29(Sup.), 667s-677s.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., & Branco, U. V. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia*, 2, 40-50.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., Torres, A. C., & Pontes, A. C. (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional (Campinas)*, 2(1), 11-22. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000100002> .
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Barreto, M. M. (1998). Análise de um Inventário de Habilidades Sociais (IHS) em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 219-228.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2002). Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: indicadores sociométricos associados a frequência versus dificuldade. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 7(1), 61-73.

- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 413-420.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., Barreto, M. C., Bandeira, M., Rios-Saldaña, M. R., Ulian, A. L. & Villa, B. B. (2004). Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo Multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 341-350.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Villa, M. B. (2005). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, da avaliação e intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 441-364.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2006). *Habilidades sociais: Conceitos e campo teórico-prático*. Obtido de <http://www.rihs.ufscar.br>.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. *Revista Perspectivas*, 1(2), 104-115.
- Diniz, A. M., & Almeida, L. S. (2006). Adaptação à universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. *Análise Psicológica*, 1(24), 29-38.
- Douaire, J. (2008). *Étude descriptive des habilités sociales déployées lors de sessions de clavardage chez les jeunes: Le cas de la tribu des scientigines* (Tese de Doutorado). Université du Quebec à Montréal, Canadá.

- Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(1), 23-32.
- Freitas, L. C. (2011). *Habilidades sociais de crianças com diferentes necessidades educacionais especiais: comparações múltiplas* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Furtado, E. d., Falcone, E. M., & Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7(2), 43-51.
- Garrido, M. V., Azevedo, C., & Palma, T. (2011). Cognição social: fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras. *PSICOLOGIA Edições Colibri*, 25(1), 113-157.
- Gismero, E. (2000). *EHS: Escala de Habilidades Sociais*. Madrid: TEA.
- Gomes, G., & Soares, A. B. (2013). Inteligência, Habilidades Sociais e Expectativas Acadêmicas no Desempenho de Estudantes Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 780-789.
- Grün, T. B. (2006). Habilidades sociais em portadores de câncer de estômago. *Estudos de Psicologia Campinas*, 23(2), 151-158.
- Jiménez, A. P. (2003). *Habilidades sociales en enfermería: Propuesta de un programa de intervención* (Tese de Doutorado). Universitat de les Illes Balears, Espanha.
- Lange, A., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Champaign, Illinois: Research Press.

- Leal, K. B., Quadros, S. A., & Reis, M. E. (2011). *A terapia cognitivo-comportamental e o treino de habilidades sociais no tratamento da fobia social* (Trabalho de Graduação). UNIME/Itabuna, Brasil.
- Lemos, M. S., & Meneses, H. I. (2002). A Avaliação da Competência Social: Versão Portuguesa da Forma para Professores do SSRS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 267-274.
- Lima, M. (2005). Atuação psicológica coletiva: uma trajetória profissional em unidade básica de saúde. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 10(3), 431-440.
- Lima, T. H. (2006). Inventário de Habilidades Sociais: Pioneirismo na Avaliação Clínica, Educacional e Organizacional. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 277-278.
- Lima, D. C., Bandeira, M., Oliveira, M. S., & Tostes, J. G. (2014). Habilidades sociais de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. *Estudos de Psicologia Campinas*, 31(4), 549-558. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000400009>.
- Loureiro, C. R. (2011). Treino de competências sociais – uma estratégia em saúde mental: conceptualização e modelos teóricos. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 6, 7-14.
- Loureiro, C. R. (2013). *Competências sociais de estudantes do ensino secundário: construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção* (Dissertação de Doutoramento). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.
- Lucca, E. d. (2016). *Habilidade Social: uma questão de qualidade de vida*. Obtido de Psicologia.com.pt: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>.

- Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP, 11*(1), 28-37.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment, 4*(1), 1-33.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18*(2), 283-291.
- Naves, R. M., Rotundo, R. C., Carvalho, K. D., & Baia, F. H. (2011). Treinamento de habilidades sociais em grupo: Uma Intervenção com Tarefas Lúdicas. *Psicologia em Pesquisa, 5*(1), 39-50.
- Ongaratto, G. L., Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2016). Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência. *Psicologia em Pesquisa UFJF, 10*(2), 12-20. doi: 10.5327/Z1982-1247201600020003.
- Padovani, R. C., Schelini, P. W., & Williams, L. C. (2009). Inventário de Resolução de Problemas Sociais: evidências de validade e precisão. *Avaliação Psicológica, 8*(2), 267-276.
- Pasquali, L., & Gouveia, V. V. (1990). Escala de Assertividade de Rathus - RAS: adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, 6*(3), 233-249.
- Pereira, A. S., & Oliveira, M. S. (2010). Intervenção psicossocial para o desenvolvimento de habilidades sociais em estudantes universitários. *XI Salão de Iniciação Científica* (pp. 1644-1647). Rio Grande do Sul: PUCRS.

- Pereira, A. S., Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2014). Déficits em habilidades sociais e ansiedade social: avaliação de estudantes de psicologia. *Psicologia da Educação*, 38(1), 113-122.
- Pureza, J. R., Souza Rusch, S. G., Wagner, M., & Oliveira, M. d. (2012). Treinamento de Habilidades Sociais em Universitários: uma proposta de intervenção. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 2-9. doi: 10.5935/1808-5687.20120002.
- Santos, C., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2015). Avaliação das habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura. *E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm>.
- Soares, A. B., Baldez, M. O., & Mello, T. V. (2010). Vivências acadêmicas em estudantes universitários do Estado do Rio de Janeiro. *Interação Psicológica*, 15(1), 59-69.
- Soares, A. B., & Del Prette, Z. A. (2015). Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos. *Análise Psicológica*, 2(33), 139-151. doi: 10.14417/ap.911.
- Tavares, W. M., Couto, G., & Silva, R. L. (Junho de 2012). Perfil de relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 75-92.
- Tavares, C. F. (2014). *Adaptação ao ensino superior, personalidade e optimismo em estudantes universitários do 1º ciclo de estudos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto.

- Teixeira, M. A., Castro, G. D., & Piccolo, L. R. (2007). Adaptação à universidade em estudantes universitários: Um Estudo Correlacional. *Interação em Psicologia, 11*(2), 211-220.
- Teixeira, M. A., Dias, A. C., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABPEE), 12*(1), 185-202.
- Teixeira, M. O. (2009). Uma medida de auto-eficácia percebida em contextos sociais e acadêmicos. *Psychologia, 51*, 47-55.
doi:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_51_4.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., & Abramides, D. V. (2015). Habilidades sociais em estudantes de jornalismo. *Revista CEFAC, 17*(1), 27-33.
- Vagos, P., & Pereira, A. (2010). Escala de Comportamento Interpessoal: Adaptação para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia, 8*(1), 37-49.

Referências Bibliográficas - Capítulo II

- Angélico, A. P., & Del Prette, A. (2011). Avaliação do Repertório de Habilidades Sociais de Adolescentes com Síndrome de Down. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(2), 207-217.
- Angélico, A. P., Crippa, J. A., & Loureiro, S. R. (2012). Utilização do Inventário de Habilidades Sociais no Diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 467-476.
- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 155-162.
- Bartholomeu, D., Nunes, C. H., & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF*, 13(1), 41-50.
- Bartholomeu, D., Montiel, J. M., & Pessotto, F. (2011). Sociometria e habilidades sociais em alunos do ensino médio. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*, 2(2), 211-228.
- Bender, R. S., & Calvetti, P. Ü. (2015). Instrumentos de avaliação psicológica em habilidades sociais. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(1), 4-14.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A., Del Prette, G., Montanher, A. P., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). A área das habilidades sociais no Brasil: uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z. A. Del Prette, & A. Del Prette, *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., & Manfrinato, J. W. (2006). Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Pré-Escolares: Comparando Avaliações de Mães e de Professoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 460-469.
- Bolsoni-Silva, A. T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: um estudo-piloto. *Psicologia, Ciencia e Profissãi*, 28(1), 18-33.
- Bolsoni-Silva, A. T., Mariano, M. L., Loureiro, S. R., & Bonaccorsi, C. (2013). Contexto escolar: práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(2), 259-269.
- Carrara, K., & Betetto, M. F. (2009). Formação ética para a cidadania: uma investigação de habilidades sociais medidas pelo inventário de habilidades sociais. *Estudos de Psicologia - Campinas*, 26(3), 337-347.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças estudo sobre resiliência com crianças. *Estudos de Psicologia Competência Social e Empatia*, 5(1), 71-93.
- Cordier, R., Speyer, R., Chen, Y.-W., Wlikes-Gillan, S., Brown, T., Bourke-Taylor, H., . . . Leicht, A. (2015). Evaluating the Psychometric Quality of Social Skills Measures : A Systematic Review. *PLoS ONE*, 10(7). Obtido de PLOS ONE | DOI:10.1371/journal.pone.0132299.
- Couto, G., Vandenberghe, L., Tavares, W. M., & Silva, R. L. (2012). Interações e habilidades sociais entre universitários: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 29(Supl.), 667-677.

- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Villa, M. B. (2005). Habilidades Sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, da avaliação e intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 441-364.
- Freitas, L. C. (2013). Uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre treinamentos de habilidades sociais. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, XV(2), 72-88.
- Gomes, G., & Soares, A. B. (2013). Inteligência, Habilidades Sociais e Expectativas Acadêmicas no Desempenho de Estudantes Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 780-789.
- Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2013). Relacionamento interpessoal, produtividade e habilidades sociais: um estudo correlacional. *Psico-USP, Bragança Paulista*, 18(3), 491-500.
- Gresham, F. M., & Elliot, D. N. (2008). *Social Skills Improvement System: Rating Scales*. Bloomington: Pearson Assessments.
- Jeffery, R. (1989). Risk Behaviors and health constrating individual and population perspectives. *American Psychologist*, 44, 1194-1202.
- Júnior, C. A. (2009). Questões em Bioestatística: o tamanho da amostra. *Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais*, 1(1), 26-28.

- Kloster, M. C., Perotta, B., Junior, A. H., Paro, H. B., & Tempski, P. (2013). Sonolência Diurna e Habilidades Sociais em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(1), 103–109.
- Lange, A., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Champaign, Illinois: Research Press.
- Leme, V. B., & Bolsoni-Silva, A. T. (Agosto de 2010). Habilidades Sociais Educativas Parentais e comportamentos pré-escolares. *Estudos de Psicologia*, 15(2), 161-173.
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P., . . . Moher, D. (2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 65-94.
- Lima, D. C., Bandeira, M., Oliveira, M. S., & Tostes, J. G. (2014). Habilidades Sociais de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 31(4), 549-558.
- MacKray, D. (1988). Dificuldades sociais e interpessoais. In H. W. Lettner, & B. P. Rangé, *Manual de Psicologia Comportamental* (pp. 137-148). São Paulo: Malone.
- Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 28–37.

- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, 4(1), 1-33.
- Miot, H. A. (2011). Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro*, 10(4), 275-278.
- Pacheco, J. T., Teixeira, M. A., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126.
- Padula, R. S., Pires, R. S., Alouche, S. R., Chiavegato, L. D., Lopes, A. D., & Leonardo, C. O. (s.d.). Análise da apresentação textual de revisões sistemáticas sem fisioterapia publicadas no idioma português.
- Paiva, M. P., Inocente, N. J., & Oliveira, A. L. (2012). Gestão Intercultural: a importância das habilidades sociais e interculturais no contato entre profissionais de diferentes culturas. *VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão*. Rio de Janeiro: INOVARSE
- Pereira, C. S., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2009). Habilidades Sociais de Trabalhadores Com e Sem Deficiência Física. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 25(3), 339-346.
- Pinto, F. N., & Barham, E. J. (2014). Habilidades sociais e estratégias de enfrentamento de estresse: relação com indicadores de bem-estar psicológico em cuidadores de idosos de alta dependência. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(3), 525-539.
- Rojas, R. (1995). Habilidades Sociales: psicoterapia grupal con pacientes esquizofrenicos cronocos. *Revista de Psicología de la PUCP*, XIII(1), 63-95.

- Rondina, R. C., Martins, R., Manzato, A. J., & Terra, A. P. (2013). Habilidades sociais e dependência nicotínica em universitários fumantes. *Psicologia, Saúde & Doenças, 14*(1), 232-244.
- Sardinha, A., Falcone, E. M., & Ferreira, M. C. (2009). As Relações entre a Satisfação Conjugal e as Habilidades Sociais percebidas no Cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25*(3), 395-402.
- Tavares, W. M., Couto, G., & Silva, R. L. (2012). Perfil de relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, 3*(1), 75-92.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., & Abramides, D. V. (2015). Habilidades sociais em estudantes de jornalismo. *Revista CEFAC, 17*(1), 27-33.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., Romero, C. D., & Abramides, D. V. (2015). Análise comparativa das habilidades sociais dos estudantes de jornalismo e de fonoaudiologia. *Revista CEFAC, 17*(2), 343-348.
- Thompson, S., & Rappe, R. M. (2002). The effect of situational structure on the social performance of socially anxious and non-anxious participants. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry, 33*(2), 91-102.
- Villa, M. B., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo, 12*(1), 23-32.
- Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2009). Estudo das Habilidades Sociais em Adolescentes usuários de Maconha. *Psicologia em Estudo, 14*(1), 101-110.

Referências Bibliográficas - Capítulo III

- Allemand, M., Zimprich, D., & Hendricks, A. (2008). Age differences in five Personality Domains, across Life Span. *Developmental Psychology*, 44(3), 758-770.
- Anaut, G. (1973). *Personality: A psychological interpretations*. New York: Rinehart and Winston.
- Bandeira, M., Quaglia, M., Baghetti, L., Ferreira, T., & Souza, G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e autoestima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 111-121.
- Bartholomeu, D., Nunes, C., & Machado, A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico – USF*, 13(1), 41-50.
- Benet-Martínez, V., & Oliver J. (1998). *Los Cinco Grandes* across cultures and ethnic groups: Multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(3), 729-750.
- Bighetti, C. (2010). *Escala de Depressão (EDEP) e a sua relação com medidas de personalidade e habilidades sociais* (Tese de Doutorado). Universidade São Francisco, Itatiba.
- Bolsoni-Silva, A., Del Prette, Z., Montanher, A., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). *A área das habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos*. Em Bandeira, M., Del Prette, Z. & Del Prette, A. (2006). *Estudos sobre Habilidades Sociais, relacionamento Interpessoal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bolsoni-Silva, A., & Carrara, K. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dimensões conceitual-metodológicas. *Psicologia em revista*, 16(2), 330-350.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2014). The role of social skills in social anxiety of university students. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24(58), 223-232.
- Boyle, G. J., Matthews, G., & Saklofske, D. H. (2008). Personality theories and models: An overview. *Personality theory and assessment. Personality theories and models*, 1, 1-29.
- Braz, A. C., Comodo, C. N., Del Prette, Z., Del Prette, A., & Fontaine, A. M. G. (2013). Habilidades sociales e intergeneracionalidad en las relaciones familiares. *Apuntes de Psicología*, 31(1), 77-84.
- Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description. *Journal of Personality*, 60(2), 253-293.
- Bueno, J., Oliveira, M., & Oliveira, J. (2001). Um estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade com universitários. *Psico – USF*, 6, 31-38.
- Cangussú, M., & Ferreira, M. (2015/2016). Habilidades Sociais e Personalidade. Aspectos correlacionais que influenciam no comportamento de risco social dos adolescentes. *Revista Iniciação Científica*, 130-134.
- Casali-Robalinho, I., Del Prette, Z.A., & Del Prette, A. (2015). Habilidades sociais como predictoras de problemas de comportamento em escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(3), 321-330. doi: 10.1590/0102-37722015032110321330.
- Cloninger, S. (1999). *Teorias da Personalidade* (1ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Cloninger, S. (2003). *Teorias de la Personalidad* (3ª ed.). México: Pearson Educación.

Conceição, J. (2011). *Personalidade e Procastinação em estudantes universitários*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Contini de González, E. (2008). Las habilidades sociales em la adolescencia temprana: perspectivas desde la Psicología positive. *Psicodebate. Psicología, Cultura y Sociedad*, 9, 45-64.

Costa, P., & McCrae, R. (1992). Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, 64, 21 – 50.

Costa, P., & McCrae, R. (1998). Six approaches to the explication of facet-level traits: examples from conscienciousness. *European Journal of Personality*, 12, 117-134.

Costa, P., & McCrae, R. (2000). *Manual Profissional - NEO PI-R, Inventário de Personalidade NEO Revisto* (1ªed.). Lisboa: CEGOC-TEA Lda.

Dantas, A. (2006). Personalidade, estilos de atribuição e habilidades sociais em adolescentes. *Ciências & Cognição*, 7, 14-26.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001a). *Inventário de Habilidades Sociais :Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Casapsi Livraria e Editora Ltda.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001b). *Psicologia das Relações Interpessoais :Vivências para o Trabalho em Grupo*. Petrópolis: Editora Vozes.

- Del Prette, Z. A., Falcone, E. M., & Murta, S. G. (2013). Contribuições do campo das habilidades sociais para a compreensão, prevenção e tratamento dos transtornos de personalidade. *Perspetivas em psicologia dos transtornos da personalidade: Implicações teóricas e práticas*, 326-358.
- Espirito, A., & Castro, P. (2011). Descrição da Personalidade e das Habilidades Sociais em Universitários das áreas de humanidades/ exatas e biológicas. *Revista Educação*, 6(1), 81-100.
- Feitosa, F. B., Matos, M. G. D., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2005). Suporte social, nível socioeconômico e o ajustamento social e escolar de adolescentes portugueses. *Temas em psicologia*, 13(2), 129-138.
- Feitosa, F. B. (2013). Habilidades sociais e sofrimento psicológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 36-48.
- Ferraz, M., & Pereira, A. (2002). A dinâmica da Personalidade e o *Homesickness* (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. *Psicologia, Saúde e Doença*, 3(2), 149-164.
- Filho, N., Machado, W., Teixeira, M., & Bandeira, D. (2012). Evidências de validade de marcadores reduzidos para avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(4), 417-423.
- Freitas, L. C., Bandeira, M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Comparando Indicadores Psicométricos de Duas Versões Brasileiras do Social Skills Rating System: Uma Revisão da Literatura. *Psico-USF*, 21(1), 25-36.
- Goldberg, L. (1993). The Structure of Phenotypic Personality Traits. *American Psychologist*, 48(1), 26-34.

- Gomes, C., & Golino, H. (2012). Relações Hierárquicas entre os traços amplos do big five. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 445-456.
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann Jr., W. (2003). A very brief measure of the Big-Five Personality domains. *Journal of research in Personality*, 37, 504-528.
- Hansenne, M. (2003). *Psychologie de la personnalité*. Bruxelles: De Bock & Larcier.
- Huber, W. (1977). *Introduction à la psychologie de la personnalité*. Bruxelles: Dessat et Mardaga Editeurs.
- Hutz, C., Nunes, C., Silveira, A., Serra, J., Anton, M., & Wiezorek, L. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2). doi:101590/50102-79721998000200015.
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin, L.A. & John, O.P. (Eds.), *Handbook of personality: theory and research*, 114-158. New York: Guilford Press.
- John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative Big Five trait taxonomy: History, measurement and conceptual issues. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality : theory and research*, 114-158. New York: Guilford Press.
- Kokkinos, C., Kargiotidis, A., & Markos, A. (2015). The relationship between learning and study strategies and big five personality traits among junior university student teachers. *Learning and individual differences*, 43, 39-47.

- Leme, V., Del Prette, Z.A., Koller, S., & Del Prette, A. (2015). Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. *Psicologia e Sociedade, ahead of print*, 1-13. doi: 10.1590/1807-03102015.
- Leme, V., Del Prette, Z.A., & Coimbra, S. (2015). Social Skills, Social Support and Well-Being in Adolescents of Different Family Configurations. *Paidéia, 25*(60), 9-18. doi: 10.1590/1982-43272560201503.
- Lin, H. (2016). *Personality stability and change: An investigation of social identity processes. Doctor of Philosophy*. Australia: Australian National University.
- Lopes, P. N., Salovey, P., & Straus, R. (2003). Emotional intelligence, personality, and the perceived quality of social relationships. *Personality and Individual Differences, 35*, 641-658.
- Lopes, R., Souza, L., Amâncio, L., Martins, J., Mesquita, N., Santos, G., & Castro, P. (2014). Interações interpessoais e traços de personalidade: um estudo de validade para o Checklist de relações interpessoais-II. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer, 10*(19), 309-321.
- Lundin, R. (1972). Condensed Conventional Psychopathology. *Contemporary Psychology, 17*(6), 352-353.
- Magalhães, M., & Gomes, W. (2007). Personalidades Vocacionais e Processo de carreira na vida adulta. *Psicologia em Estudo, 12*(1), 95-103.
- Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP, 11*(1), 28-37.

- McCrae, R., & Costa, P. (2004). A complete revised version of the NEO FIVE-Factor Inventory. *Personality and individual differences, 36*, 587-596.
- McCrae, R. R. (2010). The place of the FFM in personality psychology. *Psychological Inquiry, 21*(1), 57-64.
- McFall, R. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment, 4*, 1-33.
- Monteiro, J. (2012). *A personalidade e mecanismos de defesa - um estudo exploratório e correlacional* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Newby, J., Pitura, V. A., Penney, A. M., Klein, R. G., Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2017). Neuroticism and perfectionism as predictors of social anxiety. *Personality and Individual Differences, 106*, 263-267.
- Nunes, C. (2000). *A Construção De Um Instrumento de Medida para o Fator Neuroticismo/Estabilidade Emocional Dentro do Modelo de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Nunes, C. H. (2005). *Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores* (Pós-Graduação). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Nunes, C., Hutz, C., & Giacomoni, C. (2009). Associação entre bem-estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica, 8* (1), 99-108.

- Palma, M.(2012). *A Prossecução dos estudos do papel da personalidade na tomada de decisão* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Passos, M., & Laros, G. (2014). O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade: Revisão da literatura. *Perita*, 21,13-21.
- Pedroso-Lima, M. & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco fatores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 2(XVIII), 171-179.
- Queiroz, C. (1997). *Emoções e comportamento desviante, um estudo na perspectiva da personalidade como sistema auto organizador* (Tese de Doutoramento). FPCEUP.
- Querido, I. (2014). *Estresse, personalidade e habilidades sociais de estudantes de medicina no internato* (Pós-graduação). Universidade Federal de Goiás.
- Rego, A., Souto, S., Pina, A., & Cunha, M. (2007). Espiritualidade nas organizações, positividade e desempenho. *Comportamento Organizacional e Gestão* 13(1), 7-36.
- Rey, C. (2008). Habilidades pro sociales, rasgos de personalidad de género y aceptación de la violencia hacia la mujer, en adolescentes que han presenciado violencia entre sus padres. Universidade de Colômbia. *Acta Colombiana de Psicologia*, 11(1),107-118.
- Ribeiro, A. (2013). *A influência da Personalidade na deteção da mentira* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz.

- Santos, C., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2015). Avaliação das habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura. *E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm>
- Schaick, L. V., Kovacik, K., Hallman, K., Diaz, M., & Morrison, S. (2007). Personality as a Potential Predictor of Academic satisfaction. *Psi Chi Journal of Undergraduate Research*, 12(2), 46-50.
- Scollon, C., & Diener, E. (2006). Love, work, and changes in extraversion and neuroticism over time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(6), 1152- 1165.
- Silva, R., Scholttfeldt, C., Rozenberg, M., & Santos, M. (2007). Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grandes Fatores em medidas da personalidade. *Mosaico, estudos em psicologia*, 1(1), 37-49.
- Silva, N. (2010). *Psicopatia e traços de personalidade em estudantes universitários*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Silva, I., & Nakano, T. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da Personalidade: Análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica* 10(1), 51-62.
- Singer, J. (1984). *The human personality*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich Publishers.
- Sisto, F. (2004). Traços de Personalidade de crianças e emoções: evidência de validade. *Paidéia*, 14(29), 359-369.

- Sisto, F., & Oliveira, A. (2007). Traços de personalidade e agressividade: um estudo de evidência de validade. *PSIC- Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 8(1), 89-99.
- Soares, A., Naiff, L., Fonseca, L., Cardozo, A., & Baldez, M. (2009). Estudo comparativo de habilidades sociodemográficas de professores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(1), 35-49.
- Song, Y., & Shi, M. (2017). Associations between empathy and big five personality traits among Chinese undergraduate medical students. *Plos One*, 12(2), 1-13. doi: 10.1371/Journal.ponr.0171665.
- Sousa, Ariel. (2012). *Desportos com Riscos Envolvidos e Traços de Personalidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto.
- Telles, X. (1982). *Psicologia Moderna*. São Paulo: Ática
- Thomas, C., & Castro, E. (2012). Personalidade, comportamentos da saúde e adesão ao tratamento a partir do modelo dos cinco grandes factores: uma revisão da literatura. *Psicologia, Saúde & Doença*, 13(1), 100-109.
- Thurstone, L (1934). The Vectors of Mind. *Psychological Review*, 41, 1-32.
- Trentini, C., Hutz, C., Bandeira, D., Teixeira, M., Gonçalves, M., & Thomazoni, A. (2009). Correlações entre EFN-Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP-Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 209-217.
- Uysal, R. (2015). Social Competence and Psychological Vulnerability: the mediating role of Flourishing. *Psychological reports: relationships and communication*, 117(2), 554-565.

Villa, M., Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2007). Habilidades Sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 23-32.

Whiler, A., Meurs, J., Momm, T, John, J., & Blickle, G. (2017). Conscientiousness, extraversion, and field sales performance: combining narrow personality, social skills, emotional stability, and nonlinearty. *Personality and Individual differences*, 104, 291-296.

Referências Bibliográficas - Capítulo IV

- Almeida, L., Soares, A., Guisande, M., & Paisana, J. (2007). Rendimento académico no ensino superior: estudo com alunos do 1º ano. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e educación, 14*(1), 1138-1663.
- Almeida, D., Santos, M., & Costa, A. (2010). Aplicação do coeficiente Alfa Cronbach nos resultados de um questionário para avaliação de desempenho de saúde pública. XXX Encontro Nacional Engenharia de Produção.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica, 2*(29), 255-267.
- Angélico, A. Crippa, J., & Loureiro, S. (2006). Fobia social e habilidades sociais: uma revisão da literatura. *Interação em Psicologia, 10*(1), 113-125.
- Baldez, M.O. (2009). Estudios comparativos de habilidades sociales y variables sócio demográfica de profesores. *Psicologia: teoria e Prática, 11*(1), 35-49.
- Bandeira, M., Quaglia, M., Baghetti, L., Ferreira, T., & Souza, G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controlo e autoestima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia, 22*(2), 111-121.
- Bandeira, M., & Quaglia, M. (2005). Habilidades sociais de estudantes universitários: identificação de situações sociais significativas. *Interação em Psicologia, 9*(1), 45-55.
- Bandeira, M., Rocha, S., Freitas, L., Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2006). Habilidades Sociais e variáveis sociodemográficas em estudantes do ensino fundamental. *Psicologia em Estudo, 11*(3), 541-549.

- Bartholomeu, D., Nunes, C., & Machado, A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico – USF*, 13(1), 41-50.
- Bartholomeu, D., Montiel, J., & Pessotto, F. (2011). Sociometria e habilidades sociais em estudantes no ensino médio. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(2), 211-228.
- Bland, M., & Altman, D. (1997). Statistics Notes. Units of analysis. *BMJ*, 514-1876.
- Bolsoni-Silva, A., Loureiro, S., & Oliveira, C. (2010). Caracterização das habilidades sociais de universitários. *Contextos Clínicos*, 3(1), 63-75. doi:10.4013/ctc.2010.31.07.
- Bueno, J., Oliveira, M., & Oliveira, J. (2001). Um estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade com universitários. *Psico – USF*, 6, 31-38.
- Caballo, V. (1993). Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales. Madrid: Siglo Veintiuno Editores.
- Carmo, C. (2006). *Comportamento Alimentar e Dimensões da Personalidade numa amostra não clínica* (Dissertação de Mestrado Psicologia da Saúde). Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Carneiro, R., & Falcone, E. (2013). O desenvolvimento das habilidades sociais em idosos e sua relação na satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 517-526.
- Cesário, P. (2003). *Vulnerabilidade Social em adultos e adultos idosos: efeitos da capacidade funcional e financeira, do funcionamento psicológico e de características socio-demográficas* (Dissertação de Mestrado). Universidade Coimbra: Faculdade Psicologia e Ciências Educacionais.

- Costa, P., & McCrae, R. (2000). *Manual Profissional- NEO PI-R, Inventário de Personalidade NEO Revisto*. Lisboa. CEGOC-TEA, Lda.
- Couto, G., Vandenberghe, L., Tavares, W., & Silva, R. (2012). Transactions and social skills among university students: a correlation study. *Estudos de Psicologia*, 29(supl.), 667-677.
- Cunha, M. (1982). Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. *R. Bibliotecon. Brasilia*, 10(2), 5-19.
- Dantas, A. (2006). Personalidade, estilos de atribuição e habilidades sociais em adolescentes. *Ciências & Cognição*, 7,14-26.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1983). Análise de repertório assertivo em estudantes de Psicologia. *Revista de Psicologia*, 1, 15-24.
- Del Prette, Z., Del Prette, A., & Correia, M. (1992). Competência social: um estudo comparative entre alunos de Psicologia, Serviço Social e Engenharia Mecânica. *Psicologia escolar: identidade e perspectivas*, 382-384.
- Del Prette, Z., Del Prette, A., & Castelo Branco, U. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia, FFCLRP-USP*, 40-50.
- Del Prette, Z. & Del Prette, A. (1998). Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: o enfoque das habilidades sociais. *Temas em Psicologia*, 6(3), 205-215.
- Del Prette, Z., Del Prette, A., & Barreto, M. (1998). Análise de um Inventário de Habilidades Sociais (HIS) em uma Amostra de Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 219-228.

- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais :Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Casapsi Livraria e Editora Ltda.
- Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2002). Avaliação das habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: Indicadores sociométricos associados à frequência universitária versus dificuldade. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 61-73.
- Del Prette, Z., Del Prette, A., Barreto, M., Bandeira, M., Rios-Saldaña, M., Uliam, A., Carneiro, E., Falcone, E., & Villa, M. (2004). Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo Multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 341-350.
- Domenico-Grazziotin, J., & Scortegagna, S. (2016). Avaliação das habilidades sociais em adutos idosos e adultos. *Temas em Psicologia*, 24(2), 695-705. doi: 10.9788/TP2016.2-16PT.
- Elias, L., & Amaral, M. (2016). Habilidades sociais, comportamentos e Desempenho acadêmico em escolares antes e após intervenção. *Psico-USF*, 21(1), 49-61.
- Espirito, A., & Castro, P. (2011). Descrição da Personalidade e das Habilidades Sociais em Universitários das áreas de humanidades/ exatas e biológicas. *Revista Educação*, 6(1), 81-100.
- Ferraz, M., & Pereira, A. (2002). A dinâmica da personalidade e o *Homesickness* (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 3(2), 149-164.
- Ferreira, V., Oliveira, M., & Vandenberghe, L. (2014). Efeitos a Curto e Longo Prazo de um Grupo de Desenvolvimento de Habilidades Sociais para Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 73-81.

- Fielas, C. (2012). *A Bússola e os cinco pontos cardeais: No caminho da criatividade*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa.
- Furtado, E., Falcone, E., & Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7(2), 43-51.
- Gambrill, E., D., & Richey, C., A. (1975). An assertion inventory for use in assessment and research. *Behavior Therapy*, 6, 550-561.
- Glaser, S. (2010). *Relações entre habilidades sociais, auto-eficácia e decisão de carreira em universitários em final de curso* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia da UFRGS, Porto Alegre.
- Gomes, J.L. (2007). *Inferência Estatística. Teoria e exercícios com Excel e SPSS*. Porto: Future Trends.
- Hohendorff, J., Couto, M., & Prati, L. (2013). Social Skills in adolescence. *Estudos de Psicologia*, 30(2), 151-160.
- Hollandsworth, J., G., & Wall, K. (1977). Sex differences in assertive behavior: An empirical investigation. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 217-222.
- Landim, A. K. P., Costa, C. F., Conilheiro, DE., Sá, E. S., Nunes, E. C., Santos, E. E., Batista, E. A. R., Lima, F., Santos, G. S., Santos, M. C. F., Cornachini, M. C., Rego, S. C. B., Souza, S. F., & Martinez, A. (2000). Ansiedade social em estudantes universitários: preocupações mais emergentes. *Revista Unicastelo*, 3, 185-192.

- Lima, T. (2006). Inventário de habilidades sociais: Pioneirismo na Avaliação Clínica, educacional e organizacional. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 277-278.
- Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 28-37.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J., Costa, M., Costa, P., & Pedroso-Lima, M (2014). Propriedades Psicométricas de um inventário reduzido de Personalidade em contexto Português. *Psicologia Reflexão e Critica*, 27(4), 599-614.doi: 10.1590-1678-71532014.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?, *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2004). A complete revised version of the NEO FIVE-Factor Inventory. *Personality and individual differences*, 36,587-596.
- Oliveira, C., Carlotto, R., Vasconcelos, S., & Dias, A. (2014). Adaptação Acadêmica e Coping em Estudantes Universitários Brasileiros: Uma Revisão de Literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(2), 177-186.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2010). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Placebo, Editora Lda.
- Pedroso-Lima, M. & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco fatores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 2(XVIII), 171-179.
- Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J., Costa, M., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da

idade, gênero e escolaridade. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 28(2),1-10.

Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (submetido). *Evidências da relação entre os traços de personalidade e as habilidades sociais pela perspectiva do Modelo dos Cinco Grandes Fatores*.

Pereira, A., Wagner, M., & Oliveira, M. (2014). Déficits em habilidades sociais e ansiedade social: avaliação de estudantes de psicologia. *Psicologia da Educação São Paulo*, 38, 113-122.

Pereira, A. (2015). *Avaliação das habilidades sociais e de suas relações com fatores de risco e proteção em jovens adultos brasileiros* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre.

Pereira, A., & Patrício, T. (2016). *Guia Prático de Utilização. Análise de dados para ciências sociais e Psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.

Pestana, M., & Gageiro, J. (2014). *Análise de dados para ciências sociais – A complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Poubel, L. N. (2006). *A influência das habilidades sociais na adaptação de alunos no curso superior: um estudo comparativo em instituições de ensino público*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

Rose, Y., J., & Tryon, W., W. (1979). Judgments of assertive behavior as a function of speech loudness, latency, content, gestures, inflection and sex. *Behavior Modification*, 3, 112-123.

- Santos, A. (2016). *Percepção das Práticas educativas parentais e personalidade* (Dissertação Mestrado em Psicologia). Universidade Lusófona Humanidades Tecnologia, Lisboa.
- Schroeder, H., E., & Rakos, R., F. (1983). *The identification and assessment of social skills*. Em R. Ellis, & D. Whittington (Comps.). *New directions in social skill training*. Londres: Croom Helm.
- Soares, A., Poubel, L., & Mello, T. (2009). Habilidades sociais e adaptação acadêmica: um estudo comparativo em instituições de ensino público e privado. *A letheia*, 29, 27-42.
- Soares, A., & Del Prette, Z. (2015). Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos. *Análise Psicológica*, 2(33), 139-151. doi:10.14417/ap.911.
- Tavares, W. Couto, G., & Silva, R. (2012). Perfil das relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 75-92.
- Teixeira, M., Dias, A., Wottrich, S., & Oliveira, A. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)*, 12(1),185-202.
- Tomás, R., Ferreira, J., Araújo, A., & Almeida, L. (2014). Adaptação Pessoal e Emocional em Contexto Universitário: O Contributo da Personalidade, Suporte Social e Inteligência Emocional. *Revista portuguesa de pedagogia*, 48(2),87-107. Doi: 10.14195/1647-8614_48-2_5.

Uzunian, L., & Vitalle, M. (2015). Habilidades sociais: fator de proteção contra transtornos alimentares em adolescentes. *Ciências & Saúde Coletiva*, 20(11), 3495-3508. doi:10.1590/1413-812320152011.18362014.

Villares, R., & Nakano, D. (2000). A produção Científica nos anais do encontro nacional de engenharia de produção. *Produção*, 9(2), 65-76.

Zamani, E., Kheradmand, A., Cheshmi, M., & Hedayati, N. (2010). Comparing the social skills of students: Addicted to computer games with normal students. *Addict Health*, 2(2-3), 59-65

Referências Bibliográficas¹

- Allemand, M., Zimprich, D., & Hendricks, A. (2008). Age differences in five Personality Domains, across Life Span. *Developmental Psychology*, 44(3), 758-770.
- Almeida, L. S., Soares, A. P., Guisande, M. A., & Paisana, J. (2007). Rendimento académico no ensino superior: Estudo com alunos do 1º Ano. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación*, 14(1), 1138-1663.
- Almeida, L. S., & Cruz, J. F. (2010). Transição e adaptação académica: Reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. *Ensino superior em mudança: Tensões e possibilidades: Atas Congresso Ibérico* (pp. 429-440). Braga: Universidade do Minho. Centro de investigação em Educação (CIEd).
- Almeida, D., Santos, M., & Costa, A. (2010). Aplicação do coeficiente Alfa Cronbach nos resultados de um questionário para avaliação de desempenho de saúde pública. XXX Encontro Nacional Engenharia de Produção.
- Amaral, V. A., Bravo, M. C., & Messias, T. S. (1996). Desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes portadores de deformidades faciais. *Estudos em Psicologia Campinas*, 13(3), 31-47.
- Anaut, G. (1973). *Personality: A psychological interpretations*. New York: Rinehart and Winston.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2(29), 255-267.

¹ Daqui em diante é apresentada a totalidade das referências bibliográficas citadas.

- Angélico, A. P., Crippa, J. d., & Loureiro, S. R. (2006). Fobia social e habilidades sociais: uma revisão da literatura. *Interação em Psicologia, 10*(1), 113-125.
- Angélico, A. P., & Del Prette, A. (2011). Avaliação do Repertório de Habilidades Sociais de Adolescentes com Síndrome de Down. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(2), 207-217.
- Angélico, A. P., Crippa, J. A., & Loureiro, S. R. (2012). Utilização do Inventário de Habilidades Sociais no diagnóstico do transtorno de ansiedade social. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*(3), 467-476.
- Baldez, M.O. (2009). Estudos comparativos de habilidades sociales y variables sócio demográfica de professores. *Psicologia: teoria e Prática, 11*(1), 35-49.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z., Del Prette, A., & Gerk-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia, 5*(2), 401-419.
- Bandeira, M. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de pacientes psiquiátricos através de desempenho de papéis - EACS. *Avaliação Psicológica, 2*, 159-171.
- Bandeira, M., & Quaglia, M. A. (2005). Habilidades sociais de estudantes universitários: identificação de situações sociais significativas. *Interação em Psicologia, 9*(1), 45-55.
- Bandeira, M., Quaglia, M. C., Bachetti, L. S., Ferreira, T. L., & Souza, G. G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia, Campinas, 22*(2), 111-121.

- Bandeira, M., Rocha, S., Freitas, L., Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2006). Habilidades Sociais e variáveis sociodemográficas em estudantes do ensino fundamental. *Psicologia em Estudo, 11*(3), 541-549.
- Bartholomeu, D., Nunes, C. H., & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF, 13*(1), 41-50.
- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia, 16*(2), 155-162.
- Bartholomeu, D., Nunes, C., & Machado, A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico – USF, 13*(1), 41-50.
- Bartholomeu, D., Montiel, J., & Pessotto, F. (2011). Sociometria e habilidades sociais em estudantes no ensino médio. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 2*(2), 211-228.
- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia, 16*(2), 155-162.
- Bender, R. S., & Calvetti, P. Ü. (2015). Instrumentos de avaliação psicológica em habilidades sociais. *Revista de Psicologia da IMED, 7*(1), 4-14.
- Benet-Martínez, V., & Oliver J. (1998). *Los Cinco Grandes* across cultures and ethnic groups: Multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*(3), 729-750.

- Bighetti, C. (2010). *Escala de Depressão (EDEP) e a sua relação com medidas de personalidade e habilidades sociais* (Tese de Doutorado). Universidade São Francisco, Itatiba.
- Bland, M., & Altman, D. (1997). Statistics Notes. Units of analysis. *BMJ*, 514-1876.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(2), 233-242.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A., Del Prette, G., Montanher, A. P., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). A área das habilidades sociais no Brasil: uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z. A. Del Prette, & A. Del Prette, *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., & Manfrinato, J. W. (2006). Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Pré-Escolares: Comparando Avaliações de Mães e de Professoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 460-469.
- Bolsoni-Silva, A. T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: um estudo-piloto. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(1), 18-33.
- Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., Rosa, C. F., & Oliveira, M. C. (2010). Caracterização das habilidades sociais de universitários. *Contextos Clínicos*, 3(1), 62-75. doi: 10.4013/ctc.2010.31.07.

- Bolsoni-Silva, A., & Carrara, K. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dimensões conceitual-metodológicas. *Psicologia em revista*, *16*(2), 330-350.
- Bolsoni-Silva, A. T., Mariano, M. L., Loureiro, S. R., & Bonaccorsi, C. (2013). Contexto escolar: práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, *17*(2), 259-269.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2014). The role of social skills in social anxiety of university students. *Paidéia*, *24*(58), 223-232.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2016). Validação do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, comportamentos, contextos para universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *32*(2), 1-12.
- Boyle, G. J., Matthews, G., & Saklofske, D. H. (2008). Personality theories and models: An overview. *Personality theory and assessment. Personality theories and models*, *1*, 1-29.
- Braz, A. C., Comodo, C. N., Del Prette, Z., Del Prette, A., & Fontaine, A. M. G. (2013). Habilidades sociales e intergeneracionalidad en las relaciones familiares. *Apuntes de Psicología*, *31*(1), 77-84.
- Braz, A. C. (2013). *Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos*. (Tese de Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description. *Journal of Personality*, *60*(2), 253-293.

- Bueno, J., Oliveira, M., & Oliveira, J. (2001). Um estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade com universitários. *Psico – USF*, 6, 31-38.
- Caballo, V. E. (1993). Relaciones entre diversas medidas conductuales y de autoinforme de las habilidades sociales. *Psicologia Conductual*, 1(1), 73-99.
- Caballo, V. (1993). Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales. Madrid: Siglo Veintiuno Editores.
- Caballo, V. E. (1996). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. São Paulo: Santos Editora.
- Caballo, V. E. (2007). *Manual de Evaluación y Entrenamiento de Habilidades Sociales*. Madrid: SIGLO XXI de España Editores.
- Cangussú, M., & Ferreira, M. (2015/2016). Habilidades Sociais e Personalidade. Aspectos correlacionais que influenciam no comportamento de risco social dos adolescentes. *Revista Iniciação Científica*, 130-134.
- Carmo, C. (2006). *Comportamento Alimentar e Dimensões da Personalidade numa amostra não clinica*. (Dissertação de Mestrado Psicologia da Saúde). Instituto superior de psicologia aplicada.
- Carneiro, R., & Falcone, E. (2013). O desenvolvimento das habilidades sociais em idosos e sua relação na satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 517-526.
- Carrara, K., & Betetto, M. F. (2009). Formação ética para a cidadania: uma investigação de habilidades sociais medidas pelo inventário de habilidades sociais. *Estudos de Psicologia - Campinas*, 26(3), 337-347.

- Casali-Robalinho, I., Del Prette, Z.A., & Del Prette, A. (2015). Habilidades sociais como predictoras de problemas de comportamento em escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 31*(3), 321-330. doi: 10.1590/0102-37722015032110321330.
- Cesário, P. (2003). *Vulnerabilidade Social em adultos e adultos idosos: efeitos da capacidade funcional e financeira, do funcionamento psicológico e de características socio-demográficas* (Dissertação de Mestrado). Universidade Coimbra: Faculdade Psicologia e Ciências Educacionais.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças estudo sobre resiliência com crianças. *Estudos de Psicologia Competência Social e Empatia, 5*(1), 71-93.
- Cerutti, P. S., & Wagner, M. F. (2014). Habilidades Sociais no atendimento ao público. *Revista de Psicologia da IMED, 6*(1), 40-46.
- Cia, F., Pereira, C. d., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo, 11*(1), 73-81.
- Cloninger, S. (1999). *Teorias da Personalidade* (1ª ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Cloninger, S. (2003). *Teorias de la Personalida* (3ª ed.). México: Pearson Educación.
- Conceição, J. (2011). *Personalidade e Procastinação em estudantes universitários*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Contini de González, E. (2008). Las habilidades sociales em la adolescencia temprana: perspectivas desde la Psicología positive. *Psicodebate. Psicología, Cultura y Sociedad, 9*, 45-64.

- Cordier, R., Speyer, R., Chen, Y.-W., Wlikes-Gillan, S., Brown, T., Bourke-Taylor, H., . . . Leicht, A. (2015). Evaluating the Psychometric Quality of Social Skills Measures : A Systematic Review. *PLos ONE*, *10*(7), 1-32. doi:10.1371/journal.pone.0132299.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1992). Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, *64*, 21 – 50.
- Costa, P., & McCrae, R. (1998). Six approaches to the explication of facet-level traits: examples from conscientiousness. *European Journal of Personality*, *12*, 117-134.
- Costa, P., & McCrae, R. (2000). *Manual Profissional - NEO PI-R, Inventário de Personalidade NEO Reviso* (1ªed.). Lisboa: CEGOC-TEA Lda.
- Couto, G., Hattum, A. C., Vandenberghe, L. M., & Benfica, E. (2005). Tradução, análise semântica e adaptação do Check List of Interpersonal Transactions – Revisado. *Avaliação Psicológica*, *4*(1), 45-46.
- Couto, G., Vandenberghe, L., Tavares, W. M., & Silva, R. L. (2012). Interações e habilidades sociais entre universitários: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, Campinas*, *29*(Supl.), 667-677.
- Cunha, M. (1982). Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnologica. *R. Bibliotecon. Brasilia*, *10*(2), 5-19.
- Dantas, A. (2006). Personalidade, estilos de atribuição e habilidades sociais em adolescentes. *Ciências & Cognição*, *7*, 14-26.

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1983). Análise de repertório assertivo em estudantes de Psicologia. *Revista de Psicologia, 1*, 15-24.
- Del Prette, Z., Del Prette, A., & Correia, M. (1992). Competência social: um estudo comparativo entre alunos de Psicologia, Serviço Social e Engenharia Mecânica. *Psicologia escolar: identidade e perspectivas, 382-384*.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., & Branco, U. V. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia, 2*, 40-50.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 9*(2), 233-255.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., Torres, A. C., & Pontes, A. C. (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional (Campinas), 2*(1), 11-22. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000100002>.
- Del Prette, Z. & Del Prette, A. (1998). Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: o enfoque das habilidades sociais. *Temas em Psicologia, 6*(3), 205-215.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Barreto, M. M. (1998). Análise de um Inventário de Habilidades Sociais (IHS) em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 14*(3), 219-228.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais :Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Casapsi Livraria e Editora Ltda.

- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para o Trabalho em Grupo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2002). Avaliação das habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: Indicadores sociométricos associados à frequência universitária versus dificuldade. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 61-73.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 413-420.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., Barreto, M. C., Bandeira, M., Rios-Saldaña, M. R., Ulian, A. L. & Villa, B. B. (2004). Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo Multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 341-350.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Villa, M. B. (2005). Habilidades Sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, da avaliação e intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 441-364.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2006). *Habilidades sociais: Conceitos e campo teórico-prático*. Obtido de <http://www.rihs.ufscar.br>.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. *Revista Perspectivas*, 1(2), 104-115.
- Del Prette, Z. A., Falcone, E. M., & Murta, S. G. (2013). Contribuições do campo das habilidades sociais para a compreensão, prevenção e tratamento dos transtornos de personalidade. *Perspectivas em psicologia dos transtornos da personalidade: Implicações teóricas e práticas*, 326-358.

- Diniz, A. M., & Almeida, L. S. (2006). Adaptação à universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrónico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. *Análise Psicológica*, *1*(24), 29-38.
- Domenico-Grazziotin, J., & Scortegagna, S. (2016). Avaliação das habilidades sociais em adultos idosos e adultos. *Temas em Psicologia*, *24*(2), 695-705. doi: 10.9788/TP2016.2-16PT.
- Douaire, J. (2008). *Étude descriptive des habilités sociales déployées lors de sessions de clavardage chez les jeunes: Le cas de la tribu des scientigines* (Tese de Doutorado). Université du Quebec à Montréal, Canadá.
- Elias, L., & Amaral, M. (2016). Habilidades sociais, comportamentos e Desempenho académico em escolares antes e após intervenção. *Psico-USF*, *21*(1), 49-61.
- Espirito, A., & Castro, P. (2011). Descrição da Personalidade e das Habilidades Sociais em Universitários das áreas de humanidades/ exatas e biológicas. *Revista Educação*, *6*(1), 81-100.
- Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *1*(1), 23-32.
- Feitosa, F. B., Matos, M. G. D., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2005). Suporte social, nível socioeconômico e o ajustamento social e escolar de adolescentes portugueses. *Temas em psicologia*, *13*(2), 129-138.
- Feitosa, F. B. (2013). Habilidades sociais e sofrimento psicológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *65*(1), 36-48.

- Ferraz, M., & Pereira, A. (2002). A dinâmica da Personalidade e o *Homesickness* (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. *Psicologia, Saúde e Doença*, 3(2), 149-164.
- Filho, N., Machado, W., Teixeira, M., & Bandeira, D. (2012). Evidências de validade de marcadores reduzidos para avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(4), 417-423.
- Ferreira, V., Oliveira, M., & Vandenberghe, L. (2014). Efeitos a Curto e Longo Prazo de um Grupo de Desenvolvimento de Habilidades Sociais para Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 73-81.
- Fielas, C. (2012). *A Bússola e os cinco pontos cardeais: No caminho da criatividade* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa.
- Freitas, L. C. (2011). *Habilidades sociais de crianças com diferentes necessidades educacionais especiais: comparações múltiplas* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Freitas, L. C. (2013). Uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre treinamentos de habilidades sociais. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, XV(2), 72-88.
- Freitas, L. C., Bandeira, M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Comparando Indicadores Psicométricos de Duas Versões Brasileiras do Social Skills Rating System: Uma Revisão da Literatura. *Psico-USF*, 21(1), 25-36.
- Furtado, E. d., Falcone, E. M., & Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7(2), 43-51.

- Gambrill, E., D., & Richey, C., A. (1975). An assertion inventory for use in assessment and research. *Behavior Therapy*, 6, 550-561.
- Garrido, M. V., Azevedo, C., & Palma, T. (2011). Cognição social: fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras. *PSICOLOGIA Edições Colibri*, 25(1), 113-157.
- Gismero, E. (2000). *EHS: Escala de Habilidades Sociais*. Madrid: TEA.
- Glaser, S. (2010). *Relações entre habilidades sociais, autoeficácia e decisão de carreira em universitários em final de curso* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia da UFRGS, Porto Alegre.
- Goldberg, L. (1993). The Structure of Phenotypic Personality Traits. *American Psychologist*, 48(1), 26-34.
- Gomes, J.L. (2007). *Inferência Estatística. Teoria e exercícios com Excel e SPSS*. Porto: Future Trends.
- Gomes, C., & Golino, H. (2012). Relações Hierárquicas entre os traços amplos do big five. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 445-456.
- Gomes, G., & Soares, A. B. (2013). Inteligência, Habilidades Sociais e Expectativas Académicas no Desempenho de Estudantes Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 780-789.
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann Jr., W. (2003). A very brief measure of the Big-Five Personality domains. *Journal of research in Personality*, 37, 504-528.

- Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2013). Relacionamento interpessoal, produtividade e habilidades sociais: um estudo correlacional. *Psico-USP, Bragança Paulista, 18(3)*, 491-500.
- Gresham, F. M., & Elliot, D. N. (2008). *Social Skills Improvement System: Rating Scales*. Bloomington: Pearson Assessments.
- Grün, T. B. (2006). Habilidades sociais em portadores de câncer de estômago. *Estudos de Psicologia Campinas, 23(2)*, 151-158.
- Hansenne, M. (2003). *Psychologie de la personnalité*. Bruxelles: De Bock & Larcier.
- Hohendorff, J., Couto, M., & Prati, L. (2013). Social Skills in adolescence. *Estudos de Psicologia, 30(2)*, 151-160.
- Hollandsworth, J., G., & Wall, K. (1977). Sex differences in assertive behavior: An empirical investigation. *Journal of Counseling Psychology, 24*, 217-222.
- Huber, W. (1977). *Introduction à la psychologie de la personnalité*. Bruxelles: Dessat et Mardaga Editeurs.
- Hutz, C., Nunes, C., Silveira, A., Serra, J., Anton, M., & Wiezorek, L. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11(2)*. doi:101590/50102-79721998000200015.
- Jeffery, R. (1989). Risk Behaviors and health constrating individual and population perspectives. *American Psychologist, 44*, 1194-1202.

- Jiménez, A. P. (2003). *Habilidades sociales en enfermería: Propuesta de un programa de intervención* (Tese de Doutoramento). Universitat de les Illes Balears, Espanha.
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin, L.A. & John, O.P. (Eds.), *Handbook of personality: theory and research*, 114-158. New York: Guilford Press.
- John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative Big Five trait taxonomy: History, measurement and conceptual issues. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality : theory and research*, 114-158. New York: Guilford Press.
- Júnior, C. A. (2009). Questões em Bioestatística: o tamanho da amostra. *Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais*, 1(1), 26-28.
- Kloster, M. C., Perotta, B., Junior, A. H., Paro, H. B., & Tempiski, P. (2013). Sonolência Diurna e Habilidades Sociais em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(1), 103–109.
- Kokkinos, C., Kargiotidis, A., & Markos, A. (2015). The relationship between learning and study strategies and big five personality traits among junior university student teachers. *Learning and individual differences*, 43, 39-47.
- Landim, A. K. P., Costa, C. F., Conilheiro, DE., Sá, E. S., Nunes, E. C., Santos, E. E., Batista, E. A. R., Lima, F., Santos, G. S., Santos, M. C. F., Cornachini, M. C., Rego, S. C. B., Souza, S. F., & Martinez, A. (2000). Ansiedade social em estudantes universitários: preocupações mais emergentes. *Revista Unicastelo*, 3, 185-192.

- Lange, A., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Champaign, Illinois: Research Press.
- Leal, K. B., Quadros, S. A., & Reis, M. E. (2011). *A terapia cognitivo-comportamental e o treino de habilidades sociais no tratamento da fobia social* (Trabalho de Graduação). UNIME/Itabuna, Brasil.
- Lemos, M. S., & Meneses, H. I. (2002). A Avaliação da Competência Social: Versão Portuguesa da Forma para Professores do SSRS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 267-274.
- Leme, V. B., & Bolsoni-Silva, A. T. (Agosto de 2010). Habilidades Sociais Educativas Parentais e comportamentos pré-escolares. *Estudos de Psicologia*, 15(2), 161-173.
- Leme, V., Del Prette, Z.A., Koller, S., & Del Prette, A. (2015). Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. *Psicologia e Sociedade*, ahead of print, 1-13. doi: 10.1590/1807-03102015.
- Leme, V., Del Prette, Z.A., & Coimbra, S. (2015). Social Skills, Social Support and Well-Being in Adolescents of Different Family Configurations. *Paidéia*, 25(60), 9-18. doi: 10.1590/1982-43272560201503.
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P.,... Moher, D. (2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 65-94.

- Lima, M. (2005). Atuação psicológica coletiva: uma trajetória profissional em unidade básica de saúde. *Psicologia em Estudo, Maringá, 10*(3), 431-440.
- Lima, T. H. (2006). Inventário de Habilidades Sociais: Pioneirismo na Avaliação Clínica, Educacional e Organizacional. *Avaliação Psicológica, 5*(2), 277-278.
- Lima, D. C., Bandeira, M., Oliveira, M. S., & Tostes, J. G. (2014). Habilidades sociais de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. *Estudos de Psicologia Campinas, 31*(4), 549-558. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000400009>.
- Lin, H. (2016). *Personality stability and change: An investigation of social identity processes. Doctor of Philosophy*. Australia: Australian National University.
- Lopes, P. N., Salovey, P., & Straus, R. (2003). Emotional intelligence, personality, and the perceived quality of social relationships. *Personality and Individual Differences, 35*, 641-658.
- Lopes, R., Souza, L., Amâncio, L., Martins, J., Mesquita, N., Santos, G., & Castro, P. (2014). Interações interpessoais e traços de personalidade: um estudo de validade para o Checklist de relações interpessoais-II. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer, 10*(19), 309-321.
- Loureiro, C. R. (2011). Treino de competências sociais – uma estratégia em saúde mental: conceptualização e modelos teóricos. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, 6*, 7-14.
- Loureiro, C. R. (2013). *Competências sociais de estudantes do ensino secundário: construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção*

(Tese de Doutorado). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.

Lucca, E. d. (2016). *Habilidade Social: uma questão de qualidade de vida*. Obtido de :<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>.

Lundin, R. (1972). Condensed Conventional Psychopathology. *Contemporary Psychology*, 17(6), 352-353.

MacKray, D. (1988). Dificuldades sociais e interpessoais. In H. W. Lettner, & B. P. Rangé, *Manual de Psicologia Comportamental* (pp. 137-148). São Paulo: Malone.

Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 28-37.

Magalhães, M., & Gomes, W. (2007). Personalidades Vocacionais e Processo de carreira na vida adulta. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 95-103.

Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J., Costa, M., Costa, P., & Pedroso-Lima, M (2014). Propriedades Psicométricas de um inventário reduzido de Personalidade em contexto Português. *Psicologia Reflexão e Critica*, 27(4), 599-614.doi: 10.1590-1678-71532014.

Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.

McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2004). A completeplated revision of the NEO FIVE-Factor Inventory. *Personality and individual differences*, 36, 587-596.

- McCrae, R. R. (2010). The place of the FFM in personality psychology. *Psychological Inquiry, 21*(1), 57-64.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment, 4*(1), 1-33.
- Miot, H. A. (2011). Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro, 10*(4), 275-278.
- Monteiro, J. (2012). *A personalidade e mecanismos de defesa - um estudo exploratório e correlacional* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18*(2), 283-291.
- Naves, R. M., Rotundo, R. C., Carvalho, K. D., & Baia, F. H. (2011). Treinamento de habilidades sociais em grupo: Uma Intervenção com Tarefas Lúdicas. *Psicologia em Pesquisa, 5*(1), 39-50.
- Newby, J., Pitura, V. A., Penney, A. M., Klein, R. G., Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2017). Neuroticism and perfectionism as predictors of social anxiety. *Personality and Individual Differences, 106*, 263-267.
- Nunes, C. (2000). *A Construção De Um Instrumento de Medida para o Fator Neuroticismo/Estabilidade Emocional Dentro do Modelo de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Nunes, C. H. S. D. S. (2005). *Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores* (Pós-

Graduação). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nunes, C., Hutz, C., & Giacomoni, C. (2009). Associação entre bem-estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 99-108.

Oliveira, C., Carlotto, R., Vasconcelos, S., & Dias, A. (2014). Adaptação Acadêmica e Coping em Estudantes Universitários Brasileiros: Uma Revisão de Literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(2), 177-186.

Ongaratto, G. L., Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2016). Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência. *Psicologia em Pesquisa UFJF*, 10(2), 12-20. doi: 10.5327/Z1982-1247201600020003.

Pacheco, J. T., Teixeira, M. A., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126.

Padovani, R. C., Schelini, P. W., & Williams, L. C. (2009). Inventário de Resolução de Problemas Sociais: evidências de validade e precisão. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 267-276.

Padula, R. S., Pires, R. S., Alouche, S. R., Chiavegato, L. D., Lopes, A. D., & Leonardo, C. O. (s.d.). Análise da apresentação textual de revisões sistemáticas sem fisioterapia publicadas no idioma português.

Pais-Ribeiro, J. L. (2010). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Placebo, Editora Lda.

- Paiva, M. P., Inocente, N. J., & Oliveira, A. L. (2012). Gestão Intercultural: a importância das habilidades sociais e interculturais no contato entre profissionais de diferentes culturas. *VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão*. Rio de Janeiro: INOVARSE
- Palma, M. (2012). *A Prossecução dos estudos do papel da personalidade na tomada de decisão* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Pasquali, L., & Gouveia, V. V. (1990). Escala de Assertividade de Rathus - RAS: adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, 6(3), 233-249.
- Passos, M., & Laros, G. (2014). O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade: Revisão da literatura. *Perita*, 21, 13-21.
- Pedroso- Lima, M. & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco fatores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 2(XVIII), 171-179.
- Pedroso- Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J., Costa, M., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 28(2), 1-10.
- Peixoto, A. & Meneses, R. F. (submetido). *Evidências da relação entre os traços de personalidade e as habilidades sociais pela perspectiva do Modelo dos Cinco Grandes Fatores*.
- Penha, L., Heck, E., da Costa Neto, S., & Silva, F. (2016). Avaliação das Habilidades Sociais de residentes de um Hospital Universitário. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 17(2), 58-74.

- Pereira, C. S., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2009). Habilidades Sociais de Trabalhadores Com e Sem Deficiência Física. *Psicologia: Teoria e Pesquisam* 25(3), 339-346.
- Pereira, A. S., & Oliveira, M. S. (2010). Intervenção psicossocial para o desenvolvimento de habilidades sociais em estudantes universitários. *XI Salão de Iniciação Científica* (pp. 1644-1647). Rio Grande do Sul: PUCRS.
- Pereira, A. S., Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2014). Déficits em habilidades sociais e ansiedade social: avaliação de estudantes de psicologia. *Psicologia da Educação*, 38(1), 113-122.
- Pereira, A. (2015). *Avaliação das habilidades sociais e de suas relações com fatores de risco e proteção em jovens adultos brasileiros* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre.
- Pereira, A., & Patrício, T. (2016). *Guia Prático de Utilização. Análise de dados para ciências sociais e Psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2014). *Análise de dados para ciências sociais – A complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto, F. N., & Barham, E. J. (2014). Habilidades sociais e estratégias de enfrentamento de estresse: relação com indicadores de bem-estar psicológico em cuidadores de idosos de alta dependência. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(3), 525-539.
- Poubel, L.N. (2006). *A influência das habilidades sociais na adaptação de alunos no curso superior: um estudo comparativo em instituições de ensino público* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

- Pureza, J. R., Souza Rusch, S. G., Wagner, M., & Oliveira, M. d. (2012). Treinamento de Habilidades Sociais em Universitários: uma proposta de intervenção. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 2-9. doi: 10.5935/1808-5687.20120002.
- Queiroz, C. (1997). *Emoções e comportamento desviante, um estudo na perspectiva da personalidade como sistema auto organizador* (Tese de Doutorado). FPCEUP.
- Querido, I. (2014). *Estresse, personalidade e habilidades sociais de estudantes de medicina no internato* (Pós-graduação). Universidade Federal de Goiás.
- Rego, A., Souto, S., Pina, A., & Cunha, M. (2007). Espiritualidade nas organizações, positividade e desempenho. *Comportamento Organizacional e Gestão* 13(1), 7-36.
- Rey, C. (2008). Habilidades pro sociales, rasgos de personalidad de género y aceptación de la violencia hacia la mujer, en adolescentes que han presenciado violencia entre sus padres. Universidade de Colômbia. *Acta Colombiana de Psicología*, 11(1),107-118.
- Ribeiro, A. (2013). *A influência da Personalidade na detecção da mentira*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz.
- Rojas, R. (1995). Habilidades Sociales: psicoterapia grupal con pacientes esquizofrenicos cronocos. *Revista de Psicología de la PUCP*, XIII(1), 63-95.
- Rondina, R. C., Martins, R., Manzato, A. J., & Terra, A. P. (2013). Habilidades sociais e dependência nicotínica em universitários fumantes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(1), 232-244.

- Rose, Y., J., & Tryon, W., W. (1979). Judgments of assertive behavior as a function of speech loudness, latency, content, gestures, inflection and sex. *Behavior Modification*, 3, 112-123.
- Santos, A. (2016). *Percepção das Práticas educativas parentais e personalidade* (Dissertação Mestrado em Psicologia). Universidade Lusófona Humanidades Tecnologia, Lisboa.
- Santos, C., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2017). Avaliação das habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura. *E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm>.
- Sardinha, A., Falcone, E. M., & Ferreira, M. C. (2009). As Relações entre a Satisfação Conjugal e as Habilidades Sociais percebidas no Cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395-402.
- Schroeder, H., E., & Rakos, R., F. (1983). *The identification and assessment of social skills*. Em R. Ellis, & D. Whittington (Comps.). *New directions in social skill training*. Londres: Croom Helm.
- Schaick, L. V., Kovacik, K., Hallman, K., Diaz, M., & Morrison, S. (2007). Personality as a Potential Predictor of Academic satisfaction. *Psi Chi Journal of Undergraduate Research*, 12(2), 46-50.
- Scollon, C., & Diener, E. (2006). Love, work, and changes in extraversion and neuroticism over time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(6), 1152- 1165.

- Silva, R., Scholottfeldt, C., Rozenberg, M., & Santos, M. (2007). Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grandes Fatores em medidas da personalidade. *Mosaico, estudos em psicologia*, 1(1), 37-49.
- Silva, N. (2010). *Psicopatia e traços de personalidade em estudantes universitários* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Silva, I., & Nakano, T. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da Personalidade: Análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica* 10(1), 51-62.
- Singer, J. (1984). *The human personality*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich Publishers.
- Sisto, F. (2004). Traços de Personalidade de crianças e emoções: evidência de validade. *Paidéia*, 14(29), 359-369.
- Sisto, F., & Oliveira, A. (2007). Traços de personalidade e agressividade: um estudo de evidência de validade. *PSIC- Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 8(1), 89-99.
- Soares, A., Naiff, L., Fonseca, L., Cardozo, A., & Baldez, M. (2009). Estudo comparativo de habilidades sociodemográficas de professores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(1), 35-49.
- Soares, A., Poubel, L., & Mello, T. (2009). Habilidades sociais e adaptação acadêmica: um estudo comparativo em instituições de ensino público e privado. *A letheia*, 29, 27-42.

- Soares, A. B., Baldez, M. O., & Mello, T. V. (2010). Vivências acadêmicas em estudantes universitários do Estado do Rio de Janeiro. *Interação Psicológica, 15*(1), 59-69.
- Soares, A. B., & Del Prette, Z. A. (2015). Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos. *Análise Psicológica, 2*(33), 139-151. doi: 10.14417/ap.911.
- Song, Y., & Shi, M. (2017). Associations between empathy and big five personality traits among Chinese undergraduate medical students. *Plos One, 12*(2), 1-13. doi: 10.1371/Journal.ponr.0171665.
- Sousa, A. (2012). *Desportos com Riscos Envolvidos e Traços de Personalidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto.
- Tavares, W. M., Couto, G., & Silva, R. L. (2012). Perfil de relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 3*(1), 75-92.
- Tavares, C. F. (2014). *Adaptação ao ensino superior, personalidade e optimismo em estudantes universitários do 1º ciclo de estudos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Teixeira, M. A., Castro, G. D., & Piccolo, L. R. (2007). Adaptação à universidade em estudantes universitários: Um Estudo Correlacional. *Interação em Psicologia, 11*(2), 211-220.
- Teixeira, M. A., Dias, A. C., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), 12*(1), 185-202.

- Teixeira, M. O. (2009). Uma medida de auto-eficácia percebida em contextos sociais e acadêmicos. *Psychologia*, 51, 47-55. doi:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_51_4.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., & Abramides, D. V. (2015). Habilidades sociais em estudantes de jornalismo. *Revista CEFAC*, 17(1), 27-33.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., Romero, C. D., & Abramides, D. V. (2015). Análise comparativa das habilidades sociais dos estudantes de jornalismo e de fonoaudiologia. *Revista CEFAC*, 17(2), 343-348.
- Telles, X. (1982). *Psicologia Moderna*. São Paulo: Ática.
- Thomas, C., & Castro, E. (2012). Personalidade, comportamentos da saúde e adesão ao tratamento a partir do modelo dos cinco grandes fatores: uma revisão da literatura. *Psicologia, Saúde & Doença*, 13(1), 100-109.
- Thompson, S., & Rappe, R. M. (2002). The effect of situational structure on the social performance of socially anxious and non-anxious participants. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 33(2), 91-102.
- Thurstone, L (1934). The Vectors of Mind. *Psychological Review*, 41, 1-32.
- Tomás, R., Ferreira, J., Araújo, A., & Almeida, L. (2014). Adaptação Pessoal e Emocional em Contexto Universitário: O Contributo da Personalidade, Suporte Social e Inteligência Emocional. *Revista portuguesa de pedagogia*, 48(2), 87-107. Doi: [10.14195/1647-8614_48-2_5](https://doi.org/10.14195/1647-8614_48-2_5).

- Trentini, C., Hutz, C., Bandeira, D., Teixeira, M., Gonçalves, M., & Thomazoni, A. (2009). Correlações entre EFN-Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP-Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 209-217.
- Uysal, R. (2015). Social Competence and Psychological Vulnerability: the mediating role of Flourishing. *Psychological reports: relationships and communication*, 117(2), 554-565.
- Uzunian, L., & Vitalle, M. (2015). Habilidades sociais: fator de proteção contra transtornos alimentares em adolescentes. *Ciências & Saúde Coletiva*, 20(11), 3495-3508. doi:10.1590/1413-812320152011.18362014.
- Villa, M., Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2007). Habilidades Sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 23-32.
- Villares, R., & Nakano, D. (2000). A produção Científica nos anais do encontro nacional de engenharia de produção. *Produção*, 9(2), 65-76.
- Vagos, P., & Pereira, A. (2010). Escala de Comportamento Interpessoal: Adaptação para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 8(1), 37-49.
- Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2009). Estudo das Habilidades Sociais em Adolescentes usuários de Maconha. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 101-110.
- Whiler, A., Meurs, J., Momm, T, John, J., & Blickle, G. (2017). Conscientiousness, extraversion, and field sales performance: combining narrow personality, social skills, emotional stability, and nonlinearty. *Personality and Individual differences*, 104, 291-296.

Zamani, E., Kheradmand, A., Cheshmi, M., & Hedayati, N. (2010). Comparing the social skills of students: Addicted to computer games with normal students. *Addict Health*, 2(2-3),59-65.

APÊNDICES

Caraterização da Personalidade da Amostra

Na Tabela 1, observam-se os valores descritivos obtidos pela amostra relativamente ao *score* total da personalidade e às suas dimensões.

Tabela 1
Caraterização dos Traços de Personalidade da Amostra

	N	Mín.	Máx.	M	DP
Neuroticismo	195	1	46	24,82	7,814
Extroversão	196	2	48	30,84	4,173
Abertura à Experiência	147	5	44	27,36	4,422
Amabilidade	148	3	45	31,01	6,053
Conscienciosidade	149	5	48	32,98	7,383
NEO-FFI Global	196	22	184	146,93	18,914

Assim, e atendendo aos valores médios obtidos na amostra global, pode-se verificar que os participantes apresentavam valores médios mais elevados na dimensão *Conscienciosidade* ($M=32,98$; $DP=7,383$) e mais baixos na dimensão *Neuroticismo* ($M=24,82$; $DP=7,814$).

No que se refere aos valores mínimos e máximos obtidos pelos participantes nas diferentes dimensões do NEO-FFI, observa-se que a dimensão *Neuroticismo* foi aquela em que foi obtida a pontuação mais baixa possível (1 ponto).

Quanto à pontuação máxima obtida em cada uma das dimensões do NEO-FFI, pode concluir-se que esta apenas foi atingida nas dimensões *Extroversão* e *Conscienciosidade* (48 pontos).

Uma vez que a amostra apresentava valores mais elevados na dimensão *Conscienciosidade*, pode-se referir que os participantes do presente estudo eram competentes, com maior senso de dever, persistentes e motivados para atingir um determinado objetivo (Costa & McCrae, 2000; Santos, 2016).

Estes resultados estão de acordo com o estudo de Pedroso-Lima et al. (2014) e Santos (2016), que obtiveram resultados no mesmo sentido, sobre a caracterização da personalidade em função da escolaridade: indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados apresentam valores mais elevados de *Conscienciosidade*.

Assim, uma vez que a amostra do presente estudo se encontrava a frequentar o ensino superior, o resultado obtido poderá estar relacionado com o elevado grau de escolaridade dos participantes.

Em sentido oposto de pontuação, os resultados revelam que os participantes se apresentavam equilibrados a nível emocional ao apresentarem pontuações baixas na dimensão *Neuroticismo*, podendo este resultado dever-se em parte ao facto de a amostra não ser uma amostra clínica, ou seja, *a priori*, psicologicamente saudável (Pedroso-Lima et al., 2014).

Quando comparados com os valores obtidos no estudo de Pedroso-Lima et al. (2014) realizado com uma amostra de 1178 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 90 anos e que serviu de base para a padronização dos resultados na população portuguesa no que se refere ao sexo, idade e escolaridade, verifica-se que os resultados obtidos seguem no mesmo sentido. No entanto, podendo-se salientar que os valores obtidos pela presente amostra para as dimensões *Abertura à experiência*, *Amabilidade* e *Conscienciosidade* se apresentam mais elevados quando comparados com este.

Estes resultados podem dever-se ao facto da presente amostra ser homogénea no que se refere ao nível de escolaridade, levando a resultados superiores nas dimensões que se relacionam com a busca de conhecimento, criatividade e de relacionamento (Pedroso-Lima et al., 2014).

Ainda que as mudanças sociais coloquem novos desafios ao modo como os jovens vivem a transição para a idade adulta, a caracterização da amostra no que se refere aos traços de personalidade sugere que esta se apresentava conscienciosa e pouco neurótica, o que pode traduzir saúde psicológica.

Referências Bibliográficas

Costa, P., & McCrae, R. (2000). *Manual Profissional - NEO PI-R, Inventário de Personalidade NEO Revisto* (1ªed.). Lisboa: CEGOC-TEA Lda.

Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J., Costa, M., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 28(2),1-10.

Santos, A. (2016). *Perceção das Práticas educativas parentais e personalidade* (Dissertação Mestrado em Psicologia). Universidade Lusófona Humanidades Tecnologia, Lisboa.